

**KÁTIA MARIA BIESEK**

**A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO DESENVOLVIMENTO DO ESTÁGIO  
SUPERVISIONADO NO CURSO DE SECRETARIADO EXECUTIVO**

**MESTRADO EM EDUCAÇÃO  
PUCPR**

**CURITIBA  
2003**

**KÁTIA MARIA BIESEK**

**A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO DESENVOLVIMENTO DO ESTÁGIO  
SUPERVISIONADO NO CURSO DE SECRETARIADO EXECUTIVO**

**Dissertação apresentada como requisito parcial  
para a obtenção do título de Mestre em Educação,  
Linha Teoria e Prática Pedagógica na Educação  
Superior da Pontifícia Universidade Católica do  
Paraná.**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marilda Aparecida Behrens**

**CURITIBA  
2003**

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais Loiri e Olympio e aos meus irmãos Simone e Mauro pelo carinho, compreensão e irrestrito apoio.

Sou particularmente grata à Prof.<sup>a</sup> Marilda Behrens, minha orientadora, incentivadora e amiga de longa data.

Ao Prof. Jayme Ferreira Bueno, pelo apoio e consideração de tantos anos.

Menção especial é devida ao Prof. João Oleynik. Jamais esquecerei a ajuda e a compreensão recebidas para a realização de meu Mestrado.

A minha amiga Flaminia Carcereri, pelas longas conversas pedagógicas e pela amizade construída durante os dois anos do Curso de Mestrado. Minha gratidão.

Ao Paulo Eduardo de Oliveira, pelas sugestões feitas nesta pesquisa, pela compreensão e amizade.

E a tantos outros colegas de trabalho, alunos, ex-alunos e professores do Curso de Secretariado Executivo da PUCPR.

Muito obrigada a todos. Seus nomes são lembranças eternas, na medida em que estão gravados no livro de meu destino.

“Há que se tramar  
uma junta,  
há que se juntar os homens  
numa tropa só;  
há que se apertar  
os laços,  
há que laçar os  
homens  
sem usar o nó.

É preciso traçar o  
abraço,  
é preciso crescer o  
traço  
sem mais demora;  
carece juntar as  
pontas,  
carece de união  
logo agora.

Antes que se vá o Sol,  
que se disperse a  
tropa e se destroce  
a junta e se desfaça o laço,  
cedo, sem fazer alarde,  
antes que tarde,  
há que se dar  
o abraço”.

**Traço de União (Gonzaga Medeiros e Lima Junior, 1997)**

## RESUMO

Esta dissertação tem como foco a investigação sobre o Estágio Supervisionado do Curso de Secretariado Executivo. A atuação como docente universitária e como diretora da graduação na Pontifícia Universidade Católica do Paraná permitiu pesquisar junto a realidade do Curso envolvendo os alunos, ex-alunos, professores, ex-diretores e representantes da categoria profissional. Observou-se que o Estágio Supervisionado em Secretariado Executivo pode propiciar melhoria no processo de aprendizado do aluno, em especial, quando oportuniza a relação entre a teoria desenvolvida em sala de aula e a prática exigida no desempenho da função secretarial. O processo investigativo permitiu aprofundar os referenciais teóricos/práticos que caracterizam o Estágio Supervisionado em Secretariado Executivo - ESSE e quais as possibilidades de apontar a melhoria da metodologia e dos procedimentos envolvidos nesta fase do Curso. A clareza que o ESSE precisa ser desenvolvido ao longo do Curso e que a teoria precisa ser apresentada junto com a prática, levou a construir uma proposta para ser vivenciada pelos alunos. Enfatiza-se que a análise das contribuições dos sujeitos permitiu perceber que as atividades propostas no ESSE precisam ser construídas desde os primeiros períodos, portanto, o ESSE não é um apêndice no final do Curso, mas um elemento articulador da proposta de formação do profissional secretário. Outro fator relevante a ser apontado foi a necessidade de reavaliar a prática pedagógica do professor que atua no ESSE, destacando os paradigmas que caracterizam a atuação e os possíveis avanços na docência. A investigação teórico-prática, as recomendações das Diretrizes Curriculares e do Projeto Político Pedagógico da PUCPR, permitiram apontar pontos norteadores que devem caracterizar o ESSE e as possíveis fases que precisam ser ofertadas para que o aluno se torne crítico, criativo e transformador.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	iii
<b>CAPÍTULO 1</b> .....	1
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO.....	1
1.2 PROBLEMA DE PÊSQUISA.....	6
1.3 JUSTIFICATIVA.....	7
1.4 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	11
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	13
<b>A EDUCAÇÃO SUPERIOR NA SOCIEDADE DO CONHECIMENTO E O PARADIGMA DA COMPLEXIDADE</b> .....	13
2.1 O PARADIGMA DA COMPLEXIDADE.....	25
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	34
<b>A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO NO SÉCULO XXI E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO: RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO</b> .....	34
3.1 PEDAGOGIA TRADICIONAL.....	37
3.2 PEDAGOGIA ESCOLANOVISTA.....	38
3.3 TECNICISMO EDUCACIONAL.....	39
3.4 PARADIMAS EMERGENTES.....	41
3.4.1 Visão Sistêmica ou Holística.....	42
3.4.2 Paradigma Progressista.....	43
3.4.3 Paradigma do Ensino com Pesquisa.....	45
3.5 A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR ORIENTADOR DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO.....	52
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	57
<b>O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO CURSO DE SECRETARIADO EXECUTIVO DA PUCPR</b> .....	57
4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE ESTÁGIO SUPERVISIONADO.....	60
4.2 DESCRIÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE SECRETARIADO EXECUTIVO.....	73
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	78
<b>A PESQUISA REALIZADA: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS</b> ..	78
5.1 DADOS DA PESQUISA.....	80
5.1.1 Contribuição dos ex-alunos do Curso.....	81
5.1.2 Contribuição dos alunos do 7.º período do Curso.....	88
5.1.3 Contribuição dos ex-diretores do Curso.....	93
5.1.4 Contribuição dos professores orientadores do Estágio Supervisionado	98
5.1.5 Contribuição da Presidente do Sindicato dos Secretários do Estado do Paraná.....	101
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	106
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	115
<b>APÊNDICES</b> .....	118

## **CAPÍTULO 1**

### **INTRODUÇÃO**

#### **1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO**

A caminhada como professora do Curso de Secretariado Executivo da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR e a discussão crítica desencadeada no Mestrado em Educação impulsionaram-me a construir um processo de investigação que envolvesse o estudo reflexivo sobre o Estágio Supervisionado e a atuação dos professores envolvidos na formação do Secretário Executivo.

O Curso de Secretariado Executivo da Pontifícia Universidade Católica do Paraná foi proposto na década de 80 pelo então Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas. Após sua aprovação pelo Conselho Universitário, em 1983, vem, desde sua instalação em 1984, buscando aperfeiçoamento e procurando contínua atualização para acompanhar as mudanças, tanto do mundo do trabalho como da sociedade em geral. Esse processo de mudança tem levado em conta a valorização e a qualificação de seu corpo docente. O Curso de Secretariado Executivo procura atender ao público que procura a Universidade com o objetivo de alcançar uma capacitação profissional competente na área. Acredita-se que os alunos buscam estar aptos para enfrentar a competitividade crescente e as mudanças organizacionais no mundo do trabalho, que, segundo Lück (2000, p. 1): “demanda agentes de trabalho construtores de conhecimentos”.

As exigências da realidade do mundo do trabalho na qual os alunos irão atuar como futuros profissionais leva a promover reflexões e intervenções diretas para atualizar a proposta do Curso. O processo de ensino/aprendizagem prática no ambiente de trabalho não deve estar dissociado do acompanhamento e da supervisão constante dos programas de estágio.

Esta pesquisa leva em conta que a formação de profissionais não será viável sem a efetiva inserção em atividade prática dos alunos junto a empresas que compõem o mundo de trabalho. Esse processo inicial de formação profissional cria situações que auxiliam os alunos a refletir e a reconstruir seu próprio caminho profissional e a transpor os primeiros desafios que os envolvem ao enfrentar a profissão.

Nesta perspectiva, professores, estagiários, empresas e organizações, ao somarem experiências e compartilharem conhecimentos em atividades como o estágio, têm a oportunidade de inovar conceitos, procedimentos e processos, para o alcance da qualidade e do sucesso desejado.

A experiência como profissional da área permite-me orientar o Estágio Supervisionado de Secretariado Executivo, de maneira a atender a fase em que o aluno necessita do apoio docente, tanto na vivência das atividades propostas no estágio, como na elaboração e construção do relatório final. Neste momento, tem-se a oportunidade de uma convivência mais próxima com os alunos. Nesta etapa, em função do número de alunos por grupo, é possível a troca de experiências entre os pares. Por sua vez, o professor tem a possibilidade de conduzir o aluno à conscientização da importância e à necessidade da pesquisa e do desenvolvimento de hábitos de reflexão e espírito crítico. Os alunos envolvidos no Estágio Supervisionado, que é oferecido do 5.º ao 8.º períodos, estão sendo desafiados a

enfrentar as inúmeras exigências que o mundo do trabalho tem apresentado. Os últimos períodos são determinantes para a construção da identidade dos alunos como profissionais da área.

Com essa visão mais ampla, nas atividades de estágio, o papel do docente é o de ultrapassar os limites da sala de aula, levando em consideração o contexto socioeconômico, político e cultural do professor e do aluno: “dessa forma, o professor supervisor tem o compromisso da reflexão enquanto prática social, para promover a construção de comunidades de aprendizagem em que alunos e professor se apoiem e se estimulem para a construção de saberes e competências” (SCHWARTZ *et al* 2001, p. 108).

Neste contexto, repensando a prática pedagógica oferecida aos alunos nas universidades e em busca de uma ação docente voltada para a formação do ser humano como ser indiviso, surgem novos paradigmas para a educação. Esses paradigmas buscam a visão de totalidade, com o enfoque na aprendizagem e com o desafio da superação da reprodução para passar à produção do conhecimento (BEHRENS, 2000).

O Estágio Supervisionado de Secretariado Executivo - ESSE, que venha atender a um paradigma emergente, precisa contemplar uma aliança de abordagens, ou seja, conter uma visão sistêmica, uma abordagem progressista e a proposição de ensino com pesquisa (BEHRENS, 2000).

A *visão sistêmica ou holística* tem como principal característica a superação da fragmentação do conhecimento. É o momento do resgate do ser humano, em seu ser completo, especialmente considerando suas inteligências múltiplas.

O professor, para ter uma ação docente relevante, precisa propor um processo metodológico que vise à produção do conhecimento. Ao aprender junto

com o aluno, passa a considerar cada indivíduo no contexto da família, da escola, da sociedade, da comunidade global e do cosmos. Desta forma, procura estar consciente das necessidades de cada aluno e se preocupa com seus semelhantes e com a vida no planeta. Neste sentido, o professor também é um mediador da aprendizagem, cria parceria que levaria no futuro o aluno a caminhar nas suas descobertas e superações. Como ser empreendedor, o professor, ao longo do caminho docente, deve propor uma prática pedagógica cientificamente embasada e ter em vista a criação de projetos educativos com visão interdisciplinar.

Para Behrens (2000), o paradigma holístico é um renascer e um sedimentar-se na interdependência da teoria e da prática em constante evolução. O paradigma holístico, aliado ao *paradigma progressista*, pode apoiar uma educação que leve em consideração o indivíduo como um ser que constrói sua própria história.

O professor progressista é crítico, exigente e reflexivo, atuando como líder ético, democrático e autêntico. Exerce a autoridade pela competência, sem ser autoritário. Respeita a individualidade do aluno e é capaz de conviver com as diferenças. Acredita que os alunos são capazes de construir suas próprias histórias, de fazer suas escolhas e trilhar caminhos reflexivos, críticos e criativos. Neste processo de aprendizagem, aluno e professor crescem juntos.

Nesta tríplice aliança da visão holística, da abordagem progressista, agrega-se o *paradigma do ensino com pesquisa*. O “aprender a aprender” que, segundo Demo (1996), é marco norteador para a construção de novas metodologias no trabalho docente.

O professor do paradigma “ensino com pesquisa” auxilia o aluno no processo da construção do conhecimento, atuando como mediador, pesquisador, contribuindo, assim, para a transformação da sociedade. (BEHRENS, 1996).

A proposição metodológica do “aprender a aprender” propõe que professores e alunos atuem em conjunto, passando a ter produção própria, que sejam criativos e inovadores. Para que esta proposição seja possível é necessário que se criem meios adequados, bem como capacitação docente continuada para enfrentar este novo paradigma.

A relação de respeito aos estudantes como indivíduos é proposta por Gate (1991, p. 4), quando reconhece cada educando, jovem ou adulto, como um ser único e valioso:

isso significa aceitar as diferenças individuais e estimular em cada estudante um sentido de tolerância, respeito e afeto pela diferença humana. Cada pessoa é criativa de forma inerente, tem necessidades e talentos únicos de tipo físico, emocional, intelectual e espiritual, e possui uma capacidade ilimitada para aprender.

Num paradigma emergente, a partir da tríplice aliança dessas abordagens descritas, os alunos se caracterizam pela independência que transitam pelo universo de rede de informações e pela autonomia na produção do conhecimento. Com atitude investigadora, o aluno é curioso e aberto a novas informações.

Segundo Ferreira (2001, p. 2), “o desenvolvimento e a absorção de novas tecnologias e conhecimentos têm sido uma das características marcantes da nova economia, transformando-se num diferencial das empresas mais eficientes”. As inovações surgem com bastante rapidez nos vários campos do conhecimento, o que torna indispensável a existência de recursos humanos qualificados. Atualmente, a preparação dos futuros profissionais que irão trabalhar nas empresas é da maior importância. Dessa forma, os Cursos, que se preocupam com projetos de Estágio Supervisionado, com seus objetivos de complementar a formação acadêmica dos estudantes, contribuem para colocar à disposição das empresas profissionais com formação integral, críticos e reflexivos.

Com características especiais, o ESSE deve apresentar-se como pólo integrador e reflexivo ajudando o aluno a levar para o trabalho os conteúdos aprendidos no Curso. Em contrapartida, o aluno leva para a escola as necessidades e demandas das vivências do trabalho propostas nos períodos de estágios. Assim, conforme Behrens (1991, p. 21), “o Estágio é fundamental na vinculação teoria e prática, pois deverá propiciar não só a fundamentação e instrumentalização para o trabalho acadêmico, mas também o conhecimento da realidade educacional”.

Nesta perspectiva, o estágio possibilita ao estudante a aplicação prática da teoria aprendida na escola e gera a teoria a partir da vivência prática. O ESSE permite analisar situações que exigem maior integração dos conteúdos com as ações propostas ou vivenciadas. Cria situações que levam à validação da escolha profissional; busca suprir eventuais deficiências na formação escolar, atenua o impacto da passagem da vida estudantil para o mundo do trabalho, antecipa o desenvolvimento de atitudes ou posturas profissionais como estímulo ao senso crítico e à criatividade.

## 1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

A presente pesquisa tem como foco analisar a importância do Estágio Supervisionado como eixo articulador do Curso de Secretariado Executivo. Ao lançar-se neste desafio, busca-se investigar o seguinte problema de pesquisa:

*Como construir uma proposta de Estágio Supervisionado do Curso de Secretariado Executivo que envolva os professores como mediadores, visando atender às exigências da formação do profissional num paradigma emergente?*

### 1.3 JUSTIFICATIVA

Os encontros e desencontros na minha caminhada como professora de Estágio Supervisionado do Curso de Secretariado Executivo desencadearam um processo de busca e investigação sobre a importância da forma de atuar como docente na formação do futuro profissional. Assim, em virtude das mudanças do mundo contemporâneo, tomei consciência da necessidade de se buscar um professor que conduza o ensino no sentido de atender às propostas de uma educação voltada à preparação dos alunos para o mundo do trabalho e para a prática social.

Dessa forma, é preciso definir uma nova identidade para o professor de hoje que, neste estudo, é o docente do ensino superior. Esse professor, cuja profissão deve ter um novo significado social, no qual as práticas pedagógicas sejam diferenciadas, novos valores e conhecimentos sejam colocados como uma forma de humanização do processo educativo, precisa construir seu saber-fazer a partir das necessidades e desafios do ensino no mundo moderno.

O professor é um ser em movimento, com valores, crenças e atitudes que constituem a sua identidade. Também estão presentes suas motivações, interesses e expectativas, que determinam o modo de ser do profissional. É a identidade que define o seu modo de ser no mundo num dado momento, com sua cultura e história.

Atuar com profissionalismo exige do professor, além de dominar conhecimentos específicos, que ele tenha autonomia na tomada de decisões, saiba identificar, compreender e resolver questões relativas a seu trabalho. Avaliar criticamente a própria atuação e o contexto em que atua são algumas das

competências que exigem sólida formação docente, pois são muitas e complexas as responsabilidades envolvidas nesse fazer profissional.

Atuando na supervisão de Estágio, pode-se observar que a experiência que professores e alunos vivenciam no Estágio Supervisionado torna-se relevante para a área. Além de contribuir para a adequada formação acadêmica dos futuros profissionais, possibilita a aplicação dos conhecimentos teóricos que o aluno adquire em sala de aula e do interesse em absorver as orientações práticas dadas na empresa, fomentando novos questionamentos e impulsionando novas ações.

O Estágio Supervisionado, no Curso de Secretariado Executivo, permite ao universitário complementar sua formação acadêmica nos aspectos técnico, cultural, científico e comportamental, pela vivência prática das atividades secretariais.

Pela importância que se configura no Estágio para a vida acadêmica e profissional do aluno, Buriolla (1999, p. 13) conceitua esta atividade como: “*locus* onde a identidade profissional do aluno é gerada, construída e referida; volta-se para o desenvolvimento de uma ação vivenciada, reflexiva e crítica e, por isso, deve ser planejado gradativa e sistematicamente”.

O Estágio Supervisionado é uma atividade curricular obrigatória e não cria vínculo empregatício de qualquer natureza, de acordo com a Lei Federal n.º 6.494/77, regulamentada pelo Decreto 87.497/82, que, na tentativa de estabelecer uma sistematização do Estágio Supervisionado, prescreve:

Os estágios devem propiciar a complementação do ensino e da aprendizagem a serem planejados, executados, acompanhados e avaliados em conformidade com os currículos, programas e calendários escolares, a fim de se constituírem em instrumento de integração, em termos de treinamento prático, de aperfeiçoamento técnico-cultural, científico e de relacionamento humano.

Nessa proposta legal de estágio, observa-se que as Instituições devem oferecer aos alunos uma vivência mais abrangente como indivíduo e cidadão participante da sociedade.

Segundo Buriolla (1999, p. 17), um estágio que permita ao aluno o preparo efetivo para o agir profissional envolve:

a possibilidade de um campo de experiência, a vivência de uma situação social concreta supervisionada por um profissional competente, que lhe permitirá uma revisão constante desta vivência e o questionamento de seus conhecimentos, habilidades, visões de mundo, etc., podendo levá-lo a uma inserção crítica e criativa na área profissional e num contexto sócio-histórico mais amplo.

Com essa visão, optou-se por analisar o *Manual de Estágio Supervisionado do Curso de Secretariado Executivo da PUCPR*, que propõe que essa atividade seja desenvolvida “nas organizações conveniadas com a PUCPR em condições de proporcionar complementação à formação acadêmica dos alunos compatível com o Curso”. (2002, p. 11)

As atribuições do aluno, quando no campo de estágio, devem obedecer ao Código de Ética e às normas da Lei n.º 7.377, de 30 de setembro de 1985, e da Lei n.º 9.261, de 10 de janeiro de 1996, que regulamentam a profissão.

A experiência, sob a forma de trabalho prático, apresenta-se como complementação ou como parte do processo ensino-aprendizagem e pode constituir-se na própria aprendizagem. O estudo teórico e atividade prática, num só processo, como parte da educação integral, aliam-se em busca do desenvolvimento das competências, habilidades e potencialidades do estudante. Nesse caso, associam-se os critérios humanos e instrumental da formação universitária obtida na ação e na experiência.

Segundo Rabello (1979, p. 12):

A maior frustração de um profissional é sair da escola e defrontar-se com a imensa responsabilidade que lhe confere o diploma e ter de diminuir-se a ponto de perguntar sobre coisas simples, elementares, por não ter certeza, nem a convicção das coisas que a experiência proporciona.

A importância da experiência é vital. Fixa conteúdos, promove a crítica do conhecido e leva a entender o desconhecido, proporcionando ao estudante uma maior segurança no momento da passagem da vida estudantil para a vida profissional.

Ao sair da escola, o jovem profissional deveria oferecer contribuição satisfatória, imediata, efetiva, mas ele iniciará o processo na formação continuada, na qual acessará o novo aprendizado e só estará realmente preparado para a vida produtiva, quando absorvido no contexto da empresa. Por essa razão, uma preocupação dos alunos reside na obtenção da prática, na busca de experiência em atividades relacionadas com o curso, apoiados na sua compreensão das possibilidades de conciliar as duas atividades. Se essa prática ocorresse de modo formal, institucionalizada, eles estariam se especializando, ganhando experiência, aprofundando conhecimentos, enriquecendo seu patrimônio técnico, científico e cultural.

Faz-se necessário, desta forma, o real aproveitamento do papel do estágio no Curso, buscando nesta vivência a observação crítica, o crescimento e amadurecimento profissional e pessoal. O Estágio Supervisionado, como vivência prática, é fundamental à formação do aluno de Secretariado Executivo. Propicia ao estudante um momento específico de aprendizagem, uma reflexão sobre a ação profissional, uma visão crítica da dinâmica das relações existentes no campo

institucional, apoiados na supervisão, processo dinâmico e criativo. Assim, tem-se em vista possibilitar a construção de novos conhecimentos.

#### 1.4 METODOLOGIA DA PESQUISA

A proposição de uma pesquisa que contemple uma visão qualitativa e participante implica investigar e registrar como vem ocorrendo a prática do ESSE. A análise e o acompanhamento têm como finalidade a possível reconstrução dessa atividade, a partir da contribuição dos alunos, professores e gestores. O processo de pesquisa permite envolver uma análise e avaliação do aproveitamento prático-profissional dos estudantes na participação e no desenvolvimento do ESSE.

Para buscar a formação do aluno e desenvolver essas atividades funcionais, o Curso deve oferecer uma prática pedagógica que alie a teoria à prática. O Estágio Supervisionado, nesse sentido, é parte do currículo do Curso que auxilia e complementa as outras ações pedagógicas.

Esta pesquisa deve levar em conta, em sua metodologia, essas particularidades do Curso de Secretariado Executivo e do Estágio Supervisionado. Assim, o marco teórico da pesquisa será embasado no levantamento bibliográfico que será realizado a partir da participação da pesquisadora junto aos estagiários, professores orientadores e diretores do Curso de Secretariado Executivo.

A pesquisa participante a ser realizada, de acordo com Lakatos e Marconi (1999, p. 93), tem como objetivo inicial “ganhar a confiança do grupo, fazer os indivíduos compreender a importância da investigação, sem ocultar o seu objetivo ou sua missão”. Segundo as autoras, essa modalidade de pesquisa “consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo” (p. 92).

A partir dessa visão, optou-se por apresentar as seguintes fases da investigação teórica/prática:

Na primeira fase, foi realizada uma investigação dos referenciais teórico-práticos sobre a problemática.

A segunda fase envolveu a participação da pesquisadora na coleta dos dados sobre a vivência, a pertinência e a relevância do Estágio Supervisionado de Secretariado Executivo. Nessa fase, foram envolvidos os ex-alunos, os alunos do 7.º período e os ex-diretores, por meio de questionário aberto.

Como terceira fase, foram colhidas as contribuições dos sujeitos docentes sobre suas impressões sobre o Estágio Supervisionado de Secretariado Executivo por meio de questionário aberto junto aos professores orientadores de estágio do Curso.

Como quarta fase da pesquisa, foi construído e aplicado questionário aberto para colher contribuição da Presidente do Sindicato dos Secretários no Estado do Paraná sobre o ESSE.

A quinta fase envolveu a coleta, organização e os depoimentos apresentados pelos sujeitos.

Na sexta e última fase, foram delineados pontos norteadores para uma proposta, visando contribuir para a melhoria do Estágio Supervisionado no Curso de Secretariado Executivo da PUCPR.

## **CAPÍTULO 2**

### **A EDUCAÇÃO SUPERIOR NA SOCIEDADE DO CONHECIMENTO E O PARADIGMA DA COMPLEXIDADE**

Porque a cabeça da gente é uma só, e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, muito maiores diferentes, e a gente tem de necessitar de aumentar a cabeça, para o total. Todos os sucedidos acontecendo, o sentir forte da gente – o que produz os ventos.

Guimarães Rosa

A sociedade do conhecimento, ou sociedade da informação, constituiu um dos mais promissores fenômenos do final do século XX (DELORS, 2001). Tofler, In: Srour (1998), expõe que a sociedade assenta-se em três “ondas”: a primeira entendida como a revolução agrícola; a segunda identificada como a revolução industrial; e a terceira, ou atual, que corresponde à revolução da informação.

O surgimento dessa terceira onda, que é caracterizada pelo advento da informática e que possibilitou uma maior troca e armazenamento de informações e de conhecimento, parece estar afetando de maneira especial a academia.

Para nos situarmos historicamente, encontramos em Srour (1998, p. 30) um relato sobre a era da informação:

A ciência da informação nasceu na década de 1960. E o entendimento da informação como conceito unificador, subjacente ao funcionamento de sistemas organizados, ganhou corpo na

década de 70 – momento preciso da história da cultura em que a produção científica e tecnológica foi tida como fator de produção e fonte de riqueza. Clara coincidência com a mudança que se operava na base técnica dos processos produtivos, passando da eletromecânica para a eletrônica.

As informações digitalizadas mudaram o rumo das comunicações com o surgimento de dispositivos multimídia e pela ampliação de redes telemáticas. A revolução tecnológica ou digital, segundo Srour (1998, p. 29), produziu, entre outras, uma importante transformação: “muda o pensamento cartesiano, seu modo de refletir e de ordenar o mundo, e faz que se passe para um pensamento que opera com base na simultaneidade”.

Essa noção de simultaneidade remete a um mundo em fluxo ou em ação, um mundo conjugado no gerúndio, uma espécie de hipertexto que relaciona funções ou estruturas, embora pertencentes a totalidades diversas (SROUR, 1998).

É neste sentido que seguirá este capítulo: a sociedade do conhecimento com todo seu universo de informações a serem conjugadas com o pensamento complexo. Para Morin (1995, p. 20), complexidade se define como:

Um tecido (*complexus*: o que é tecido em conjunto) de constituintes heterogêneos inseparavelmente associados: coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Na segunda abordagem, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem o nosso mundo fenomenal. É um fenômeno quantitativo: a extrema quantidade de interações e de interferências entre um número muito grande de unidades... Porém, a complexidade não compreende apenas quantidades de unidades e interações que desafiam as nossas possibilidades de cálculo: compreende também incertezas, indeterminações, fenômenos aleatórios. A complexidade, num sentido, tem sempre contacto com o acaso.

A educação superior, na atualidade, está sendo constantemente desafiada por inúmeras questões. Uma delas é a tecnologia, que entendemos como o uso de informática, do computador, da Internet, CD-ROM, hipermídia, multimídia, de ferramentas para educação a distância, entre outros, que tem possibilitado uma melhora nos modos pelos quais o conhecimento pode ser produzido, conservado, difundido e acessado.

No decorrer dos séculos, a educação superior tem dado ampla prova de sua viabilidade e habilidade para se transformar e produzir mudanças e progressos na sociedade. Pelo ritmo das transformações demonstradas, estamos numa sociedade do conhecimento, em que a educação superior e a pesquisa atuam como componentes essenciais para o desenvolvimento cultural e socioeconômico de indivíduos, comunidades e nações.

Neste novo milênio surgem novos desafios para o homem e novos desafios para a educação. Na era da informação e do conhecimento, com a qual a humanidade se depara, as transformações acontecem numa velocidade muito grande. Vivemos na cultura da informação, das notícias, da abundância de dados, características marcantes da sociedade do conhecimento, que tem se voltado para a produção intelectual com uso de tecnologias.

A evolução tecnológica do mundo atual tem gerado mudanças no pensamento humano e, com esse fato, um novo universo surge no cotidiano das pessoas. Isso exige independência, criatividade e autocrítica na obtenção e na seleção de informações, assim como na construção do conhecimento.

Com o surgimento da sociedade do conhecimento, em que um dos pressupostos básicos é a visão do todo, de conexão, de inter-relacionamento, de teia, inicia-se a transformação da realidade. Em relatório da UNESCO para a Educação do Século XXI, Delors (1998) propõe quatro pilares da aprendizagem dos cidadãos ao longo da vida: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser, que são fundamentais para a construção de um novo paradigma que valorize a vida e as pessoas.

*Aprender a conhecer*, segundo Delors (1998, p. 91), é a aprendizagem que:

Visa não tanto à aquisição de um repertório de saberes codificados, mas antes ao domínio dos próprios instrumentos do conhecimento pode ser considerado, simultaneamente, como

meio e como finalidade da vida humana. Meio, porque se pretende que cada um aprenda a compreender o mundo que o rodeia, pelo menos na medida em que isso lhe é necessário para viver dignamente, para desenvolver as suas capacidades profissionais, para comunicar. Finalmente, porque seu fundamento é o prazer de compreender, de conhecer, de descobrir.

*Aprender a fazer* está relacionado com a aquisição de habilidades específicas inerentes a uma profissão, como também com as competências que tornem a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe. Segundo, Zainko (1999, p. 8), o aprender a fazer:

passa por um certo grau de especialização que, no mundo em mudança em que vivemos, não deve ser excessiva e nem deixar de estar associada a uma sólida capacidade de navegar nesse oceano de conhecimento que nos são colocados à disposição pela ciência e a tecnologia, em velocidade inimaginável até há bem pouco tempo.

*Aprender a conviver* significa não apenas viver junto, tolerar dos outros as diferenças, mas, fundamentalmente, aprender a construir coletivamente; aprender a respeitar a pluralidade das relações e, em função de um objetivo comum, criar as condições para o aprendizado mútuo, realizar projetos conjuntos e preparar-se para gerir conflitos.

E *aprender a ser* significa desenvolver a personalidade e agir cada vez mais com a capacidade de autonomia, discernimento e de responsabilidade pessoal.

Neste contexto, Behrens (2000, p. 78) afirma:

uma prática pedagógica emancipadora será necessária para buscar a qualidade nos relacionamentos, superando a visão de opressores e oprimidos (Freire, 1975) e organizando sua ação docente numa complexa teia de relações e interdependência, buscando uma formação humana, crítica e competente, alicerçada numa visão holística, com uma abordagem progressista, e num ensino com pesquisa que levará o aluno a aprender a aprender.

Acrescentamos, também, que a nova sociedade do conhecimento é considerada como o grande encontro das eras, apresentadas em três formas diferentes ou três tecnologias intelectuais: a oralidade, a escrita/impressão e a informática (LEVY, 1995).

A primeira está baseada na memória humana e associada ao manejo da linguagem falada. A segunda separa quem fala de quem recebe uma mensagem e registra para o futuro os enunciados da fala. A terceira se baseia nos signos digitais e no hipertexto e se caracteriza pela operacionalidade e velocidade. As três coexistem. Porém, a era digital tem se apresentado com uma significativa velocidade de comunicação. É uma nova forma de construir processos metodológicos mais significativos para aprender (LEVY, 1995).

Nesse aspecto, Masetto (2000, p. 139) entende que:

a tecnologia apresenta-se como meio, como instrumento para colaborar no desenvolvimento do processo de aprendizagem. A tecnologia reveste-se de um valor relativo e dependente desse processo. Ela tem sua importância apenas como um instrumento significativo para favorecer a aprendizagem de alguém (...) Poderá colaborar se for usada adequadamente, para o desenvolvimento educacional de nossos estudantes.

Dessa forma, no processo de produzir conhecimento, torna-se necessário ousar, criar e refletir sobre os conhecimentos acessados para convertê-los em produção relevante e significativa (BEHRENS, 2000).

Produzir conhecimento, na atual sociedade, pressupõe que o educador exerça sua arte no trabalho, utilizando com sabedoria e com autenticidade as dimensões humanas da fala, da escrita e da tecnologia. Porém, não será a utilização eficiente dos novos recursos tecnológicos na educação, por alunos e professores, que constituirá a diferença no ensino. Esse será um passo inicial para que os indivíduos possam ser melhor capacitados e ter ampliado seu nível de discernimento a respeito da tecnologia.

Conforme Moraes (1997, p. 226):

Uma educação para a Era das Relações almeja uma proposta educacional que reflita e englobe tanto as dimensões materiais quanto espirituais da sociedade, que busque a superação de metas voltadas para a erradicação do analfabetismo, a melhoria da qualidade com equidade, a superação dos índices de evasão e repetência, mas que, simultaneamente, favoreça a busca de diferentes alternativas que ajudem as pessoas a aprender a conviver e a criar um mundo de paz, harmonia, solidariedade e fraternidade.

É este um dos desafios da educação superior. No contexto da sociedade do conhecimento, que visa à ampliação democratizante do acesso ao conhecimento, a educação deve se orientar não só pelos desafios tecnológicos, mas também pelas questões éticas que dizem respeito à existência humana. Por isso, parece fundamental que as instituições de ensino superior busquem o equilíbrio entre a vocação técnico-científica e a vocação humanística. Assim, na compreensão de Behrens (2000, p. 72):

Trata-se de aliar a formação ético-humanística aos desafios tecnológicos-científicos, sob pena de construir uma sociedade produtiva e, ao mesmo tempo, agressiva, racional e desumana, acentuando os problemas e as injustiças sociais. O homem precisa se apropriar da técnica e colocá-la a seu serviço, buscando uma melhor qualidade de vida para si e para seus semelhantes.

Os desafios da sociedade contemporânea exigem qualificações cada vez mais elevadas, ampliando-se as necessidades educacionais dos indivíduos. Diante desse cenário, cresce a necessidade de uma formação integral. A esse respeito Juliatto (1998, p. 10) acredita que:

É um engano, e grave, pensar que a obrigação da universidade se restringe a dar a seus estudantes somente uma boa formação intelectual e profissional. A sociedade não precisa, apenas, de profissionais competentes, bem preparados para enfrentar o mercado de trabalho, precisa também, e sobretudo, de cidadãos honestos, conscientes de seus deveres, éticos e solidários, sem o que, aliás, não poderiam ser bons profissionais. Essa formação ampla e completa se impõe como imprescindível quando se evidencia que as mudanças significativas são promovidas pelos seres humanos, pelas escolhas que fazem, pelo rumo que dão aos fatos e eventos, conforme indicado por Harman e Hormann (1992). Também é importante levar em conta que os “avanços mais estimulantes do século XXI ocorrerão não por causa da tecnologia, mas pela expansão do conceito de ser humano” (Naisbitt e Aburdene, 1990, p. 27). E essa expansão se orienta para o situar-se em seu tempo, comprometer-se com o seu avanço, colocar o seu talento a serviço da sociedade, até mesmo como forma de desenvolvê-lo.

A sociedade do conhecimento propõe, segundo Masetto (1998, p. 16):

a formação continuada dos profissionais, bem como novas capacitações como, por exemplo, adaptabilidade ao novo, criatividade, autonomia, comunicação, iniciativa, cooperação. Necessita-se de profissionais intercambiáveis, que combinem imaginação e ação.

Refletindo sobre a prática pedagógica ofertada pelas instituições de ensino superior, tentamos buscar uma definição para este novo conceito de sociedade, voltada, principalmente, para o novo paradigma de ensino com pesquisa.

Compreende-se a sociedade do conhecimento como um novo caminho para a produção intelectual com o uso de tecnologias e com vistas à superação da visão cartesiano-newtoniana e da fragmentação do conhecimento, que orientava o saber e a ação pela razão e pela experimentação. O paradigma cartesiano-newtoniano, em sua epistemologia reducionista, segundo Cardoso (1995, p. 31):

fragmentou tanto a nossa realidade externa (interpessoal), quanto a realidade interna (psíquica). No plano existencial, a ética individualista e os valores materiais cimentam a civilização do ter. O maravilhoso progresso científico-tecnológico é fruto deste paradigma; todavia, nele residem também as causas da crise multidimensional que vivemos, como a agudização da violência, da depredação do ambiente físico, social e interior.

Com o advento da sociedade do conhecimento, os hábitos de uma importante parte da humanidade foram modificados. A inteligência e a memória navegam neste mundo de *sites* e portais com a velocidade parecida com a da luz, de modo que nada se lhe é fixado.

Neste sentido, cabe à educação fornecer aos estudantes as bases culturais que lhes permitam decifrar as mudanças em curso, o que supõe a capacidade de operar uma triagem na massa de informações, a fim de melhor interpretá-las e de reconstruir os acontecimentos inseridos numa história de conjunto (DELORS, 2001).

Sobre isso, Moran (1999, p. 10) acrescenta:

Hoje, temos um amplo conhecimento horizontal – sabemos um pouco de muitas coisas, um pouco de tudo. Falta-nos um conhecimento mais profundo, mais rico, mais integrado; o conhecimento diferente, desvendador, mais amplo em todas as dimensões.

Eis a razão da importância do pensamento complexo: o desafio ao nosso conhecimento das coisas, seja no sentido de organizarmos, em “sínteses

provisórias”, a avalanche de informações que nos assaltam por todos os lados: seja nas incertezas que nos lançam em dúvidas, quanto à validade ou não do próprio processo de conhecer (MORIN, 1997).

As informações no mundo atual são muitas e nos vêm de forma muito rápida. Por esse motivo, surge a dificuldade em escolher quais são significativas para professores e alunos, e conseguir integrá-las em nossa mente e em nossas vidas.

O *aprender a conhecer*, como já mencionado no início deste capítulo, é a forma em que o aluno, com o auxílio de seu professor, poderá selecionar a gama de informações disponíveis, para que sejam decodificadas e fixado o conhecimento.

O *aprender a conhecer*, para Behrens (2000, p. 103), engloba o *aprender a aprender*, pois:

a sociedade do conhecimento, devido ao volume de informação, necessita de uma metodologia que leve a *aprender a aprender*, que desafie os alunos a refletir, a defender suas idéias, a criticar, a criar, a observar, catalogar, classificar, perguntar, a construir, a projetar e a produzir o conhecimento.

A capacidade de investigação dos alunos e de *aprender a aprender* deve ser ensejada pelas universidades, instrumentalizando esses futuros profissionais para o processo de educação continuada ao longo de suas vidas. Nesta perspectiva, as novas tecnologias têm um papel cada vez mais importante.

A metodologia do ensino com pesquisa privilegia o acesso a recursos informatizados, reduzindo o número de aulas expositivas e proporciona aos alunos a possibilidade da construção de projetos. Essa forma de ensino leva o aluno a pensar, a construir e apropriar-se do conhecimento. Espera-se, também, que essa metodologia estimule a dúvida, a abertura, o pluralismo, que a curiosidade seja aguçada, que a investigação, a reflexão crítica e a imaginação criativa sejam desenvolvidas. A metodologia visa à busca da produção do conhecimento pelos

alunos e professores com autonomia, criatividade e criticidade. Leva o aluno a aprender a aprender, privilegiando o saber e o pensar. Valoriza os trabalhos individuais e coletivos e busca o questionamento reconstrutivo. Instiga o posicionamento na tomada de decisão, na reflexão e na construção do conhecimento.

O ensino com pesquisa apresenta-se como uma nova abordagem na educação da sociedade do conhecimento. Refletindo sobre a realidade de muitos estudantes que ainda esperam que os conteúdos venham prontos, o ensino com pesquisa é um desafio para os cursos de graduação. O comprometimento e o interesse desses alunos devem ser instigados constantemente pelos professores, pois a idéia de pesquisa ainda não está sedimentada como proposta de um ensino emancipador.

O papel do professor no ensino com pesquisa é o de ser parceiro na investigação e na produção do conhecimento. De acordo com Masetto (2000, p. 140), é quando o professor tem “oportunidade de realizar seu verdadeiro papel: o de mediador entre o aluno e sua aprendizagem, o facilitador, o incentivador dessa aprendizagem”. Pesquisador e orquestrador do processo na construção do conhecimento, o professor contribui, assim, para produção da ciência e da tecnologia com criatividade e espírito transformador.

Para os professores, essa mudança de atitude não é fácil. O papel tradicional de transmitir ou comunicar o que sabem ainda está presente entre esses profissionais. O professor que não tem o hábito da pesquisa encontra dificuldade em propor a metodologia do ensino com pesquisa.

Novos paradigmas surgiram na educação como forma de superação do ensino especializado, fragmentado, que são: o ensino com pesquisa, aqui já

abordado; a abordagem progressista, que visa à transformação social, contemplando o diálogo; a discussão crítica e reflexiva dos alunos e professores num trabalho coletivo; e a visão holística ou sistêmica, que busca a superação da fragmentação do conhecimento (BEHRENS, 2000). Portanto, a ciência avança pela vitória de novos paradigmas, de novas explicações ou procedimentos para entender o mundo.

Os paradigmas citados, propostos à educação, se traduzem numa prática pedagógica inovadora, de visão ampla, e buscam, incessantemente, um ensino emancipador para atender às demandas da sociedade atual. Nestas abordagens, é possível a utilização dos recursos da tecnologia como auxiliar da aprendizagem e da produção do conhecimento.

O emprego de tecnologias na educação tem se apresentado como uma forma de mediação na construção do conhecimento. Ferramentas como os computadores e a Internet, por exemplo, são realidades na sociedade do conhecimento ou da informação, constituindo uma visão de rede. A Internet, neste contexto, surge como uma estratégia de compartilhamento, motiva os alunos pela novidade e pelas inúmeras possibilidades de pesquisa que oferece. O computador, com seus múltiplos recursos, permite a exploração de conteúdos curriculares e não curriculares, por meio de uma ação educacional mais efetiva em torno da resolução de problemas.

Para Moran (1999, p. 10):

podemos modificar a forma de ensinar e de aprender. Um ensinar mais compartilhado, orientado, coordenado pelo professor, mas com profunda participação dos alunos, individual e grupalmente, onde as tecnologias nos ajudarão muito, principalmente as telemáticas.

As tecnologias podem, hoje, trazer dados, imagens, resumos de forma atraente e muito rápida, de maneira que o professor deve auxiliar o aluno a interpretar esses dados, a relacioná-los e contextualizá-los. Para Drucker, In: Behrens (2000), “a tecnologia será importante mas, principalmente, porque irá nos forçar a fazer coisas novas, e não porque irá permitir que façamos melhor as coisas velhas.” Para ensinar com as novas mídias, os paradigmas conservadores do ensino deverão ser superados, pois distanciam o professor do aluno. A Internet é um meio ainda incipiente, mas que pode ajudar-nos a rever, a ampliar e modificar muitas das formas atuais de ensinar e de aprender (MORAN, 1999).

Na era da informação, das mídias, mesmo fazendo parte do aprendizado atual, exige-se outro gênero de registro mental em que o *aprender a conhecer* é saber relacionar e contextualizar. Perceber que cada conhecimento pertence a um conjunto e se situa em determinado contexto é necessário para a vida cotidiana. Este conjunto ou contexto liga-se a outro conjunto ou contexto e assim por diante. Perceber essa relação dos dados com seus conjuntos e contextos, dos conjuntos e contextos entre si, permite à mente situar-se no mar infundo de informações. Em vez de pensar o real como pequenos fragmentos de conhecimento, vemo-lo como um grande mosaico. Ao invés da linearidade do conhecimento tradicional, entende-o na complexidade – “com + plexas = tecidas juntas”. Tudo é complexo, porque tudo faz partes de gigantesco “tecido (plexo) com” (LIBÂNIO, 2001).

Por outro lado, apesar dos benefícios trazidos pela tecnologia, não se pode deixar de refletir neste capítulo que a gestão das novas tecnologias, no contexto educacional, encontra barreiras históricas, culturais, técnicas e de sustentabilidade. Passa pelo problema da desigualdade do acesso entre os países mais ricos e a

América Latina no que se refere à apropriação crítica das novas possibilidades que se apresentam.

Apesar de se supor que atingimos um ensino universalizado quanto ao acesso, o mesmo não se pode afirmar quanto à democratização do conhecimento. Preocupamo-nos em inserir as novas tecnologias no meio educacional, mas, ao mesmo tempo, nos deparamos com carências básicas relativas à exclusão, com um considerável percentual da população brasileira sem condições mínimas favoráveis ao desenvolvimento da aprendizagem, ou mesmo da própria sobrevivência.

A Internet é uma tecnologia ainda altamente excludente, cujo acesso das pessoas segue as disparidades nacionais, separando instruídos de analfabetos, ricos de pobres, jovens de idosos, urbano de rural (GUIMARÃES, 2003). Portanto, segundo Behrens (2000, p. 72) “a tecnologia precisa ser contemplada na prática pedagógica do professor, de modo a instrumentalizá-lo a agir e interagir no mundo com critério, com ética e com visão transformadora”.

O diálogo da educação com a tecnologia cria uma linguagem de ação comunicativa em busca de caminhos e indicativos de horizontes. Trata-se de um diálogo provocativo que ultrapassa a dimensão do ensino tradicional e os conceitos fragmentários e pontuais de ensino-aprendizagem e passa pela integração renovada do saber fazer pelo fazer, do repensar o saber e o fazer como objetos permanentes da ação e da reflexão crítica sobre a ação. Conforme Delors (2001, p.68), “os sistemas educativos devem dar resposta aos múltiplos desafios das sociedades da informação, na perspectiva de um enriquecimento contínuo dos saberes e do exercício de uma cidadania adaptada às exigências de nosso tempo”.

Por fim, as tecnologias aqui citadas são novos instrumentos capazes de contribuir para o desenvolvimento humano, pois são imprevisíveis no que diz

respeito ao crescimento e às possibilidades de transformação e utilização do conhecimento.

## 2.1 O PARADIGMA DA COMPLEXIDADE

Ao tratarmos do conceito de complexidade, é importante que se reflita sobre a função social do ensino. Conforme Zabala (2002, p. 43), “é a de formar para compreender a realidade e intervir nela, o que implica ter de ensinar para a complexidade”.

O paradigma da complexidade, que emerge na pós-modernidade, seus impactos e a forma como é incorporado na educação, surge para romper com a fragmentação e com a visão reducionista, consequência do paradigma cartesiano-newtoniano que caracterizou o século XIX e grande parte do século XX. A complexidade parte de uma perspectiva de totalidade, levando em consideração a urgência de uma reforma de pensamento para uma educação emancipadora. O paradigma da complexidade nos remete ao *aprender a conhecer*.

Conforme Delors (1998, p. 90-91), esse aprender é um tipo de aprendizagem que:

visa não tanto à aquisição de um repertório de saberes codificados, mas antes ao domínio dos próprios instrumentos do conhecimento pode ser considerado, simultaneamente, como meio e como finalidades da vida humana. Meio, porque se pretende que cada um aprenda a compreender o mundo que o rodeia, pelo menos na medida em que isso lhe é necessário para viver dignamente, para desenvolver as suas capacidades profissionais para comunicar. Finalmente, porque seu fundamento é o prazer de compreender, de conhecer, de descobrir.

O desafio, hoje, de aprender a conhecer é evitar, de um lado, uma sistematização apressada, rígida, acabada e, de outro, um mero aglomerado de unidades. Consiste na preocupação de não acumular conhecimentos soltos, mas inseri-los em conjuntos e contextos maiores. É formar um pensamento sistêmico;

saber relacionar os conhecimentos com quadros maiores. É saber fazer não apenas simples perguntas informativas, mas importantes, básicas, que desencadeiem o pensar, perguntas que tocam temas fundamentais do conhecimento, da condição humana. É, também, trabalhar com o duplo movimento da análise e da síntese. Não parar na análise, mas ir até à síntese. Não ir à síntese, sem antes analisar. A análise confere clareza, profundidade, rigor ao pensamento. A síntese situa, relaciona, organiza o pensamento. E, ainda, aprender a conhecer é captar a verdadeira natureza do pensamento complexo, que não significa pluralidade de elementos acumulados, mas um conjunto tecido pelos elos da relação (LIBÂNIO, 2001).

Os novos rumos que as sociedades modernas passaram a tomar, a partir do impacto do uso das tecnologias cada vez mais avançadas, têm exigido das instituições educacionais uma revisão de seus conceitos, de seus métodos, de seus recursos e de seus paradigmas. Estamos vivendo uma época de aceleradas metamorfoses e nos tem sido exigido um novo posicionamento em relação ao conhecimento já consagrado.

Para Morin (1997), somos, hoje, habitantes do cyberspaço - espécie de mundo, sem limites, permeado de contradições e cujas reais dimensões escapam à compreensão da lógica comum. Uma cultura *cyber* está em vias de se expandir, mesmo que só possa ser alcançada por alguns privilegiados. Trata-se de uma revolução radical que marca o surgimento da sociedade pós-industrial e que implica o nascimento de um novo pensamento.

Sobre o pensamento complexo, não mais compartimentado, mas “tecido junto” utilizaremos a análise de Morin (2001). Ele questiona o sistema educativo fechado e reivindica a urgente “religação dos saberes”, a ruptura dos limites em que as diferentes disciplinas foram fechadas, visando à especialização, para que se

descubram os meios que existem entre as diferentes áreas do saber. Além dessa interligação de todos os conhecimentos, há que se combater o reducionismo instalado em nossa sociedade e valorizar o complexo.

Morin (2002) não condena a especialização, mas sim a perda da visão geral. Vê, por exemplo, a sala de aula como um fenômeno complexo, que abriga uma diversidade de ânimos, culturas, classes sociais e econômicas, sentimentos entre outros. É um espaço heterogêneo e, por isso, o lugar ideal para iniciar a busca da transformação de mentalidade. Considera o currículo escolar mínimo e fragmentado. As disciplinas não se complementam nem se integram, dificultando a perspectiva global que favorece a aprendizagem. A visão de conjunto, ao contrário, beneficia o ensino, porque o aluno busca relações para entender. Quando sai da disciplina e consegue contextualizar é que vê ligação com a vida.

A escola, a exemplo da sociedade, fragmentou-se em busca da especialização. Primeiro, dividiu os saberes em áreas e, dentro delas, priorizou conteúdos. Morin (2002) propõe a incorporação dos problemas cotidianos ao currículo e a interligação dos saberes. Critica o ensino fragmentado. Também, vê a necessidade de uma reforma paradigmática dos conceitos dominantes e de suas relações lógicas, que controlam, inconscientes e incorrigivelmente, todo nosso conhecimento.

Sobre a reforma paradigmática, Morin (1999, p.33) diz que:

o paradigma dominante até hoje, que começa a ficar combalido, era um paradigma de disjunção e de redução. Queremos conhecer separando, ou desunindo, a ciência, a filosofia, a cultura científica, as disciplinas, a vida, a matéria, o homem, etc. Desunimos, separamos o inseparável, sem lembrar que o homem tem um espírito, mas este espírito está ligado ao cérebro: tudo está relacionado.

Surge, então, o paradoxo do separável e do inseparável. Pascal, In: Morin (2001, p. 25), já havia indicado o caminho a seguir para avançar no conhecimento.

Dizia que:

sendo todas as coisas ajudadas e ajudantes, causadas e causadoras, estando tudo unido por uma ligação natural e insensível, acho impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, e impossível conhecer o todo sem conhecer cada uma das partes.

Existe um pensar cada vez mais especializado nos dias de hoje. Quanto mais as disciplinas se entregam ao trabalho de acumular conhecimentos independentemente umas das outras ciências, tanto mais necessário se torna o esforço de criar uma atitude de aprender buscando a articulação. Complexidade não significa dispersão, mas conexão entre os elementos.

Sobre o movimento das complexidades, Morin, In: Libânio (2002, p. 21) comenta:

Hoje, a nossa necessidade histórica é encontrar um método capaz de detectar, e não ocultar, as ligações, as articulações, as solidariedades, as implicações, as imbricações, as interdependências e as complexidades. Temos de partir da extinção das falsas certezas. Não do claro e do distinto, mas do obscuro e do incerto; não do conhecimento seguro, mas da crítica da segurança.

Assim, neste contexto, a complexidade para Morin (2000, p. 38-39) é:

a união entre a unidade e a multiplicidade. Os desenvolvimentos próprios a nossa era planetária nos confrontam cada vez mais e de maneira cada vez mais inelutável com os desafios da complexidade. Em consequência, a educação deve promover a "inteligência geral" apta a referir-se ao complexo, ao contexto, de modo multidimensional e dentro da concepção global.

Podemos observar que os processos educativos da atualidade devem estar pautados nos princípios expostos acima por Morin. Na educação superior, objeto deste trabalho, devemos superar a unidimensionalidade para a multidimensionalidade, possibilitando ao aluno o desenvolvimento da capacidade de

pensar interdisciplinarmente, agindo em seu contexto, mas não esquecendo que sua ação local também é global.

É fundamental aprender a contextualizar ou globalizar, isto é, saber situar um conhecimento num conjunto organizado.

Construir um pensamento para a complexidade é dos desafios fundamentais do ensino, o que implica dotar o aluno de uma visão holística da realidade e, ao mesmo tempo, oferecer-lhe os meios cognoscitivos, emocionais e comportamentais que lhe permitam atender à complexidade dessa visão (ZABALA, 2002, p. 81).

Neste sentido, o trabalho em sala de aula, pautado na pesquisa, na visão holística, e numa visão progressista, mostra o caminho metodológico para a efetivação da proposta educativa com vistas para a globalidade.

Para Zabala (2002, p. 35):

se a finalidade do sistema educativo é o desenvolvimento de todas as capacidades da pessoa para dar resposta aos problemas que a vida em sociedade coloca, os conteúdos escolares devem ser selecionados com critérios que respondam a tais exigências.

Por este motivo, nos estudos de Zabala (2002), o currículo não deve ser pensado apenas para formar trabalhadores, por exemplo, mas, para formar cidadãos. O currículo escolar deve estar apto a preparar indivíduos para compreender, julgar e intervir em sua comunidade de maneira responsável, justa, solidária e democrática e não apenas prepará-los para uma profissão, para a dependência em relação ao especialista e ao comportamento rotineiro e obediente do trabalho.

Por outro lado, Zabala (2002) analisa os conteúdos de aprendizagem num enfoque globalizador, o que implica compreender e intervir numa realidade que é complexa e que exige dispor de um pensamento complexo.

Este é mais um dos importantes desafios do ensino de hoje, ensinar para a complexidade e refletir sobre a organização dos conteúdos de aprendizagem voltada para o todo, para a visão global. Os sofistas já haviam definido um ensino circular que devia levar o aluno a percorrer as disciplinas constitutivas da ordem intelectual centradas em um desenvolvimento humano entendido como um todo.

Fazendo esta revisão histórica, podemos perceber que os currículos não foram sempre disciplinares. Sobre a unidade dos currículos, referimo-nos a Platão que, ao definir educação, estabelece que o desenvolvimento da pessoa tem como núcleos organizadores a ginástica e a música. Aristóteles dividia a ciência como especulativa, abrangendo a física, matemática e filosofia; prática, envolvendo a lógica, ética e política; poética, envolvendo a arte, tudo a serviço de uma concepção de educação entendida como a formação física, intelectual e moral e cuja finalidade é a virtude.

Na Antigüidade, entre os filósofos romanos, a instituição universitária do século XII e do Renascimento, a pedagogia da totalidade renovava-se sem rupturas. Citamos também Comênio (1529-1670) com sua “Didática Magna”, que acreditava na estreita relação entre os diversos campos do saber e dizia que se o ensino fracassa é por não se saber relacioná-lo e adaptá-lo à pessoa.

Em 1808 foi quebrada, definitivamente, a unidade de conhecimentos por Napoleão, com a criação da Universidade Imperial na França. Pela primeira vez na história diferenciam-se as faculdades de letras e as faculdades de ciências, estendendo esta idéia para todo o mundo ocidental, formando uma diversificação intelectual ao criar a necessidade de o aluno escolher entre a cultura literária e a cultura científica. Segundo Zabala (2002, p. 18): “um setor considerável do campo epistemológico é construído como se o outro não existisse.”

No século XVIII, e grande parte do século XIX até meados do século XX, a maioria das ciências obedecia ao princípio de redução, que limitava o conhecimento do todo ao conhecimento de suas partes, como se a organização do todo não produzisse qualidades novas em relação às partes consideradas isoladamente. Esse princípio de redução leva a restringir o complexo ao simples. Assim, conforme Morin (2000, p. 42), o princípio reducionista:

Pode também cegar e conduzir a excluir tudo aquilo que não seja quantificável e mensurável, eliminando, dessa forma, o elemento humano do humano, isto é, paixões, emoções, dores e alegrias. Da mesma forma, quando obedece estritamente ao postulado determinista, o princípio de redução oculta o imprevisto, o novo e a invenção.

A nossa educação nos ensinou a separar, compartimentar, isolar, ao contrário de unir os conhecimentos e, segundo Morin (2000, p. 43), se “a incapacidade de organizar o saber disperso e compartimentado conduz à atrofia da disposição mental natural de contextualizar e de globalizar”, nosso estudante e nosso professor, hoje, precisam reaprender a unir.

Deve-se, portanto, utilizar formas de organização dos conteúdos que promovam o maior grau de significação nas aprendizagens, o que implica modelos integradores nos quais os diferentes conteúdos possam ser situados e relacionados em estruturas complexas de pensamento. É preciso estabelecer o máximo de relações possíveis entre os diferentes conteúdos que são aprendidos para potencializar sua capacidade explicativa.

Neste sentido, parece fundamental que o objeto de estudo seja sempre a realidade. Os processos de ensino devem favorecer ao máximo o estabelecimento do maior número possível de relações entre os diferentes conteúdos aprendidos. Portanto, com o termo “enfoque globalizador” de Zabala (2002), define-se a maneira

de organizar conteúdos a partir de uma concepção de ensino na qual o objeto fundamental de estudo seja o conhecimento e a intervenção na realidade.

O papel que deve cumprir o ensino, ou seja, sua função social, é a de desenvolver todas as capacidades das pessoas para que saibam intervir de forma crítica na transformação e na melhoria da sociedade. Coincidindo com esta proposta, Moraes (1997, p. 211) indica que o ensino deve:

oferecer uma educação voltada para a formação integral do indivíduo, para o desenvolvimento da sua inteligência, do seu pensamento, da sua consciência e do seu espírito, capacitando-o para viver numa sociedade pluralista em permanente processo de transformação. Isso implica, além das dimensões cognitivas e instrumental, o trabalho, também, da intuição, da criatividade, da responsabilidade social, juntamente com os componentes éticos, afetivos, físicos e espirituais. Para tanto, a educação deverá oferecer instrumentos e condições que ajudem o aluno a aprender a aprender, a conviver e a amar. Uma educação que o ajude a formular hipóteses, construir caminhos, tomar decisões, tanto no plano individual quanto no plano coletivo.

E, ainda, para Zabala (2002), a função básica do ensino é a de potencializar nos estudantes as capacidades que lhes permitam responder aos problemas reais em todos os âmbitos de desenvolvimento pessoal, sejam sociais, emocionais ou profissionais. E complementa:

Ser capazes de compreender e intervir na realidade comporta dispor de instrumentos cognoscitivos que permitam lidar com a complexidade: modelos de conhecimento e de atuação desde um pensamento para a complexidade e desde a complexidade. O enfoque globalizador pretende oferecer aos alunos os meios para compreender e atuar na complexidade. Parte da idéia de que somente é possível dar resposta aos problemas complexos com um pensamento global capaz de construir formas de aproximação com a realidade que superem as limitações procedentes de algumas disciplinas extremamente compartimentadas. Somente é possível atuar na complexidade quando se é capaz de utilizar os diferentes instrumentos de conhecimentos existentes de maneira inter-relacionada. (ZABALA, 2002, p. 35-36)

Em suma, o autor pretende, com o “enfoque globalizador”, propor o desenvolvimento nos estudantes do pensamento complexo que lhes permita identificar o alcance dos problemas na intervenção da realidade que, relacionando-os e integrando-os, possam resolvê-los.

Ensinar para a complexidade significa que a escola deve promover os meios que possibilitem a transição de um pensamento simples para outro complexo, numa perspectiva sistêmica do mundo, com capacidade de ir além do funcional e do concreto. Significa formar para um desenvolvimento humano comprometido com a melhoria da sociedade. Isso implica que os currículos escolares devem oferecer os meios para possibilitar a análise crítica e construtiva da sociedade que facilite o conhecimento da situação mundial, criando uma consciência de compromisso ativo diante das desigualdades e possibilitando os instrumentos para a intervenção na transformação social.

Assim, com base nas proposições do “enfoque globalizador” de Zabala (2002) e no “pensamento complexo” de Morin (2001), passaremos a refletir, no próximo capítulo, sobre prática pedagógica do professor universitário do século XXI no desenvolvimento do processo de aprendizagem.

## CAPÍTULO 3

### **A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO NO SÉCULO XXI E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO: RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO**

Formar é precisamente ajudar as pessoas a descobrir esse processo criativo de “aprender a” e ir atualizando-os nos diversos pilares. As pessoas nunca sairão prontas de nenhuma etapa formativa, mas adquirirão a atitude formativa para conduzi-la até o fim de sua vida.

João Batista Libânio

Diante das novas e complexas necessidades delegadas à escola e ao professor pela sociedade contemporânea das novas tecnologias, da informação e do conhecimento, a educação se depara com necessidades antes desconhecidas.

Nesse cenário de mudanças, a universidade precisa responder às exigências do momento histórico. As telecomunicações e as grandes redes de comunicação global, a microeletrônica e os progressos da informática estão transformando os modos de aprender e ensinar, exigindo mudanças curriculares e colocando novos parâmetros de atuação docente. Também não se pode esquecer, neste contexto, outro importante desafio, a sociedade do não-emprego e das novas configurações do trabalho. Dessa maneira, o ensino deve se orientar para propor um saber escolar complexo. Nesse sentido, na opinião de Zabala (2002, p. 58):

É preciso construir um currículo que reflita o nível de incerteza presente na vida, no qual é impossível obter sempre uma única resposta válida e verdadeira para os múltiplos problemas que surgem em uma realidade na qual se inter-relacionam múltiplas e diferentes variáveis e

dimensões. Ou seja, uma formação que facilite uma visão mais complexa e crítica do mundo, superando-o das limitações próprias de um conhecimento parcelado e fragmentado que, sabemos, é inútil para enfrentar a complexidade dos problemas reais do ser humano. Um conhecimento que seja global, integrador, contextualizado, sistêmico, capaz de enfrentar as questões e os problemas abertos e difusos que a realidade coloca.

A sociedade, por sua vez, apresenta atitudes e valores pouco construtivos, como a competitividade, o individualismo, a massificação, a intolerância e a violência que se projetam na vida acadêmica. Segundo Libâneo (1998, p. 16):

no campo ético, ocorrem mudanças preocupantes. A padronização de hábitos de consumo e de gostos vai levando a uma vida moral também descartável. O individualismo e o egoísmo estão se acentuando. Valem mais os interesses pragmáticos e imediatos dos indivíduos do que princípios, valores, atitudes voltados para a vida coletiva, para a solidariedade, para o respeito à vida.

Frente à realidade social e por decorrência, nos meios estudantis, concordamos com Zabala (2002, p. 59) quando diz: “formar para um desenvolvimento humano comprometido com a melhoria da sociedade implica uma educação para a complexidade. Essa decisão estabelece uma série de desafios aos profissionais do ensino”.

Todas essas mudanças colocam novos desafios aos docentes e ampliam as exigências em relação à sua formação. Entretanto, o professor nem sempre está devidamente preparado para atuar nessa nova realidade e sua formação deve acompanhar as transformações do mundo contemporâneo.

O professor desenvolve inúmeras atividades, muitas vezes sem se dar conta da concepção teórica que o orienta. Isso faz com que seu trabalho seja realizado de maneira espontaneísta, a partir do senso comum, repetindo comportamentos transmitidos de um professor a outro, sem refletir especificamente e de maneira rigorosa sobre o ato de educar e sobre o próprio conhecimento.

Diante dessa realidade, evidencia-se a necessidade de mudanças na escola, que deve romper com os paradigmas conservadores, com o ensino centrado no professor e voltar-se para um trabalho centrado no aluno e nas suas necessidades de aprendizagem, para que ele seja menos passivo e mais criativo. Uma nova relação professor aluno deve buscar uma maior autonomia do aluno e menos dependência em relação ao professor, para que se recriem as formas de estudar e de aprender.

Para que estas mudanças sejam possíveis é necessário homens e mulheres “que aceitem responsabilidade, que compreendam como o seu trabalho se combina com o dos outros, que possam manejar tarefas cada vez maiores, que se adaptem rapidamente a circunstâncias modificadas e que estejam sensivelmente afinados com as pessoas em volta deles” (TOFFLER, In: BEHRENS, 1998, p. 63).

Refletindo sobre a prática pedagógica e na qualidade do ensino oferecido pelos professores universitários, os paradigmas da educação contribuem para uma significativa mudança na formação dos alunos. Por terem os professores uma ação docente ainda voltada para o paradigma conservador, influenciado pelo pensamento cartesiano<sup>1</sup>, buscam-se caminhos alternativos para que se possa ultrapassar a visão fragmentada do ensino.

Este capítulo pretende abordar a prática pedagógica do professor universitário frente aos paradigmas educacionais emergentes, para que se supere a fragmentação e se contemple a produção do conhecimento de modo integrado.

---

<sup>1</sup> Pensamento cartesiano ou método cartesiano: René Descartes (1596-1650), em *Discurso do Método*, prenuncia a divisão do conhecimento em campos cada vez mais especializados para se obter maior eficácia. Esta mentalidade reducionista levou o homem moderno a uma visão fragmentada não somente da verdade, mas também de si mesmo, de seus sentimentos e de seus valores. CARDOSO (1995)

As tendências pedagógicas adotadas no Brasil em diferentes épocas evidenciam a influência dos grandes movimentos educacionais internacionais, da mesma forma que expressam as especificidades de nossa história política, social e cultural. Na tradição pedagógica brasileira, identifica-se a presença de três grandes tendências: a tradicional, a escolanovista e a tecnicista, que deram relevante contribuição na educação e subsidiaram a prática docente nos séculos XIX e XX. Cabe, aqui, investigar estas tendências, com a função de entender como se pode superar as visões conservadoras do ensino.

### 3.1 PEDAGOGIA TRADICIONAL

Esta abordagem visa à reprodução do conhecimento, e sua maior influência foi o pensamento cartesiano. Caracterizou-se pela separação entre mente e matéria, propondo a divisão do conhecimento em campos especializados. Levou a comunidade científica a uma mentalidade reducionista e conduziu o homem a uma visão fragmentada da verdade e de si próprio, dos seus valores e sentimentos. Baseia-se no conhecimento do professor - centro do processo - com a apresentação oral dos conteúdos – aulas expositivas – numa seqüência predeterminada e fixa.

Do ponto de vista de Snyders, In: Mizukami (1986, p. 8), o ensino tradicional:

É ensino verdadeiro. Tem a pretensão de conduzir o aluno até o contacto com as grandes realizações da humanidade: obras-primas da literatura e da arte raciocínios e demonstrações plenamente elaboradas, aquisições científicas atingidas pelos métodos mais seguros. Dá-se ênfase aos modelos, em todos os campos do saber. Privilegiam-se o especialista, os modelos e o professor, elemento imprescindível na transmissão de conteúdos.

Pode-se, então, dizer que o ensino tradicional caracteriza-se por uma escola que visa à preparação intelectual e moral dos alunos e tem compromisso com a cultura. A relação professor/aluno é vertical e o conteúdo é transmitido na forma de

verdade a ser absorvida. O professor detém os meios coletivos de expressão e exerce o papel de mediador entre cada aluno e os modelos culturais. A metodologia é caracterizada pela transmissão do patrimônio cultural, pela aula expositiva, pela ênfase aos exercícios, pela repetição e memorização (MIZUKAMI, 1986).

Sobre o ensino tradicional, Freire, In: Candiottto (2001, p. 63):

denominava essa pedagogia de educação bancária. Segundo ele, há o professor que ensina e o aluno que aprende. O aluno é considerado um receptáculo vazio, carente de conteúdos de conhecimento; já o professor é visto como um receptáculo transbordante de sabedoria que deposita seus conteúdos – também recebidos de outra fonte – na mente do aluno.

Portanto, parte-se do pressuposto que a inteligência seja uma faculdade capaz de acumular informações. A atividade do ser humano é, para Mizukami (1986, p. 10):

a de incorporar informações sobre o mundo (físico, social etc.), as quais devem ir das mais simples às mais complexas. Usualmente há uma decomposição da realidade no sentido de simplificá-la. Essa análise simplificadora do patrimônio de conhecimento que será transmitido ao aluno, às vezes, leva a uma organização de ensino predominantemente dedutivo. Aos alunos são apresentados somente os resultados desse processo, para que sejam armazenados.

### 3.2 PEDAGOGIA ESCOLANOVISTA

O Movimento da Escola Nova foi uma reação à pedagogia tradicional proposta por volta de 1930, em que se destacaram educadores como Dewey, Maria Montessori, Decroly, Piaget e, no Brasil, Anísio Teixeira.

Enquanto a escola tradicional segue uma rotina de estruturação lógica e apoiada na transmissão de conhecimentos, a Escola Nova, renovada, ativa, tem no aluno o seu ponto de partida e de chegada.

O professor auxilia o aluno no seu desenvolvimento e tem como metodologia

o aprender fazendo experimentos, pesquisa e descobertas. Por sua vez, o aluno é criativo e a atividade educativa pertence-lhe tanto quanto ao professor. É recomendado o respeito à personalidade do educando, às diferenças individuais e a valorização da unicidade do indivíduo. Enfatiza-se, também, o trabalho em grupo, como uma condição básica do desenvolvimento mental (BEHRENS, 2000).

Na Escola Nova, a filosofia educacional requer um ambiente favorável para que o ensino seja adequado a cada aluno e se respeite a maturidade psicológica de cada um. Não é mais a autoridade do professor que predomina, mas a autodisciplina conseguida pelo consenso dos alunos.

Apesar de não ter atingido seus objetivos plenamente, a Escola Nova trouxe modernização à pesquisa e ao ensino.

### 3.3 TECNICISMO EDUCACIONAL

O tecnicismo proliferou nos anos 70, embasado nas teorias comportamentais da aprendizagem (*behavioristas*) e no enfoque sistêmico. Envolve o planejamento detalhado de todas as situações do processo ensino-aprendizagem, com a definição prévia dos comportamentos finais esperados e a utilização de técnicas e recursos audiovisuais (NISKIER, 2001).

Conforme Mizukami (1986, p. 20):

Skinner pode ser considerado como um representante da análise funcional do comportamento, dos mais difundidos no Brasil. Segundo ele, cada parte do comportamento é uma função de alguma condição que é descritível em termos físicos, da mesma forma que o comportamento.

Ainda segundo a autora:

os modelos são desenvolvidos a partir da análise dos processos por meio dos quais o comportamento humano é modelado e reforçado. Implicam recompensa e controle, assim como o planejamento cuidadoso das contingências de aprendizagem, das seqüências de atividades de aprendizagem, e a modelagem do comportamento humano, a partir da manipulação de reforços, desprezando os elementos não observáveis ou subjacentes a este mesmo comportamento (MIZUKAMI, 1986, p. 20).

Caracteriza-se por uma educação fragmentada e mecanicista e os conteúdos transmitidos visam a objetivos e habilidades que levem à competência. A escola é a organizadora do processo de aquisição de habilidades e conhecimentos específicos.

O professor desta abordagem é o elo de ligação entre o aluno e a verdade científica. É um transmissor da matéria conforme um sistema instrucional eficiente e efetivo que aplica a técnica pela técnica, em busca do melhor desempenho.

O aluno é considerado um recipiente de informações e reflexões; apresenta-se como um espectador frente à realidade objetiva, seguindo os manuais e instruções. Na metodologia tecnicista, são utilizados procedimentos e técnicas que assegurem a transmissão e a recepção de informações. O ensino é repetitivo e mecânico e a retenção do conteúdo é garantida pela repetição de exercícios (BEHRENS, 2000).

Na opinião de Kulcsar, In: Fazenda (1991, p. 71):

a mentalidade tecnicista da nossa sociedade e sua preocupação de fazer da educação uma simples criadora de mão-de-obra para a produção reduziram o professor à máquina de ensinar, simples transmissor 'mecânico' de conteúdos culturais não reelaborados criticamente.

Completando essa idéia, a autora afirma que:

Sua formação ficou reduzida à aquisição de instrumentos que viabilizam a transmissão de conteúdos selecionados pelo sistema educacional. Por isso, desapareceu em grande parte a preocupação de dar ao professor condições de reelaborar com os alunos o conhecimento crítico voltado para a criação de uma nova cultura e para a transformação das condições sociais de existência, deixando perder-se o seu papel de professor-educador (KULCZAR, 1991, p. 71).

Corroborando a opinião da autora, Morin (2001, p. 17), afirma:

os conhecimentos fragmentados só servem para usos técnicos. Não conseguem conjugar-se para alimentar um pensamento capaz de considerar a situação humana no âmago da vida, na terra, no mundo, e de enfrentar os grandes desafios de nossa época.

Ultrapassar este paradigma de repetição e reprodução demanda tempo e, segundo Behrens (1996, p. 104):

é um processo de construção do conhecimento produzido pela relação dialógica. As certezas absolutizadas deverão dar lugar à busca do questionamento, das argumentações, das investigações e, principalmente, da pesquisa.

No limiar do século XIX, o pensamento cartesiano-newtoniano, com sua visão mecanicista, começa a perder seu poder de influência, conforme Prigogine, In: Behrens (2000), a partir das teorias evolucionistas de Lamarck e Darwin, associando-se à teoria quântica de Max Planck, em 1900, e, em seguida, à teoria da relatividade de Einstein, em 1905, as quais provocaram grande impacto nas ciências. Inicia-se, assim, uma nova forma de leitura do mundo e de como nos posicionarmos diante dele e da vida.

A partir dessas novas teorias da ciência, novos paradigmas para a educação começam a emergir com uma nova forma de pensar as questões educacionais com uma visão de totalidade, buscando compreender o mundo de maneira mais ampla e complexa.

### 3.4 PARADIGMAS EMERGENTES

Diante das profundas transformações ocorridas pelos movimentos de ruptura do pensamento cartesiano que influenciou, e ainda influencia, o pensamento

humano, encontramos novas abordagens na educação, as quais são denominadas de paradigmas emergentes.

Os paradigmas emergentes, referendados por Behrens (1999) e Moraes (1997), entre outros autores, são novas abordagens voltadas para uma prática pedagógica que atende ao pensamento do mundo contemporâneo, cercado por informações desencadeadas pelas novas tecnologias.

As abordagens holística ou sistêmica, progressista e o ensino com pesquisa serão aqui estudadas para subsidiar a prática pedagógica e a relação professor/aluno, conforme Behrens (2000, p. 87):

A aliança ou teia proposta a partir das três abordagens permite uma aproximação de pressupostos significativos, cada uma em sua dimensão. Uma prática pedagógica competente e que dê conta dos desafios da sociedade moderna exige uma inter-relação dessas abordagens e uma instrumentalização com a tecnologia inovadora. Servindo como instrumentos, o computador e a de rede de informações aparecem como suportes relevantes na proposição de uma ação docente inovadora.

Estas abordagens contemplam uma visão de mundo complexa, sistêmica e voltada para o todo.

#### 3.4.1 Visão Sistêmica ou Holística

Este modelo tem como principal característica a atitude de superação da fragmentação do conhecimento e o resgate do ser humano em sua totalidade e leva em consideração as inteligências múltiplas do homem (BEHRENS, 2000).

O pensamento sistêmico é, segundo Moraes (1997, p. 69), “o pensamento-chave, fundamentado no reconhecimento da complexidade existente no universo”.

Para Morin, In: Moraes (1997, p. 73):

Um sistema não é simplesmente um todo constituído de partes, mas é algo que tem qualidades próprias que somente emergem quando o sistema se constitui. (...) O pensamento

complexo não é um pensamento onisciente, mas é um pensamento que sabe que sempre é local e datado num determinado momento. Não seria também um pensamento completo, pois sabemos de antemão que sempre existirá a incerteza.

Neste modelo, o professor tem uma ação docente relevante e competente, aprendendo junto com o aluno, já que ambos têm por objetivo a produção do conhecimento.

O aluno caracteriza-se pela independência que transita pelo universo de rede de informações com autonomia na produção do conhecimento e é aberto a novas informações. Aprende a ser tolerante quanto às diferenças humanas, tornando-se, assim, preocupado com a dimensão ética e com a construção de uma nova sociedade.

A metodologia, neste contexto, busca uma prática pedagógica crítica, produtiva, reflexiva e transformadora. Há o encontro entre a teoria e a prática, o que proporciona a visão do todo e possibilita, dessa forma, a realização de projetos criativos e transformadores. Professor e aluno trabalham em parceria, buscando uma prática pedagógica crítica, produtiva, reflexiva e transformadora (BEHRENS, 1999).

O pensamento sistêmico ou holístico nos conduz a uma visão de mundo como uma rede de relações e conexões e não mais de fragmentação.

### 3.4.2 Paradigma Progressista

A abordagem progressista apresenta-se em três categorias:

a libertadora, cujo expoente é Paulo Freire; a libertária, que prega a autogestão pedagógica, ambas antiautoritárias e valorizando a experiência vivida; e a crítico-social dos conteúdos, em que se enfatiza o princípio dos conteúdos em seu confronto com as realidades sociais. É uma categoria inserida na prática social concreta (LIBÂNEO, In: NISKIER, 2001, p. 302).

A pedagogia libertadora se originou dos movimentos de educação popular que ocorreram no final dos anos 50 e início dos anos 60, quando foi interrompida pelo regime militar de 1964. Tinha como objetivo principal transformar a realidade social e política pela conscientização da importância do papel de cada homem nas mudanças. Nesta forma de atuação pedagógica, o professor coordena as atividades, e o diálogo é o mediador das ações. A pedagogia libertadora voltou às escolas após a abertura política no final dos anos 70.

Do ponto de vista de Niskier (2001, p. 305):

Ao propor uma educação significativa para o indivíduo e, por isso mesmo, relevante para a sociedade, a escola tem um papel central na liberalização da sociedade das restrições autoritárias de ordem política e econômica. Nesse sentido, existencialismo e pedagogia libertadora, do ponto de vista teórico, desejam uma ordem social mais humana e mais autêntica.

Na pedagogia crítico-social dos conteúdos, não basta ter como conteúdo escolar as questões sociais atuais, mas é necessário que conhecimentos, habilidades e capacidades mais amplas sejam desenvolvidos, proporcionando aos alunos o domínio necessário do saber que os possibilite a defender seus interesses de classe (NISKIER, 2001).

Para o educador progressista, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção (...) Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1997, p. 25). O autor diz ainda que “o educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão” (p. 28).

Na abordagem progressista, deve-se respeitar os saberes dos educandos e discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação ao

ensino dos conteúdos. Deve-se discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina. Ensinar exige criticidade: uma das tarefas precípuas da prática educativo-progressista é exatamente o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita, indócil (FREIRE, 1997).

Considera-se, assim, que o aluno é um ser participativo da ação educativa e da construção do conhecimento. Caracteriza-se como sujeito sério, criativo, crítico e indagador e que tem liberdade de expressão. Vivencia a relação dialógica com o professor e colegas. É co-responsável no processo de aprendizagem em parceria com o professor. Tem a necessidade de educar-se permanentemente (BEHRENS, 2000).

Sobre a abordagem progressista, ainda pode citar-se Aranha, in: Niskier (2001, p. 308), quando afirma:

Assim a educação é, sem dúvida, um elemento não só de continuidade, mas também de *ruptura*, como local onde é possível lidar com as contradições sociais e problematizar a sociedade. Portanto, a decisão sobre *o que saber e o que fazer* está na dependência das necessidades vividas, isto é, não mais permitir um saber abstrato desvinculado do vivido, nem uma prática que não esteja inserida na prática social global. Só assim pode ser superada a clássica dicotomia entre *teoria e prática, trabalho intelectual e trabalho manual*.

A metodologia, neste contexto, baseia-se nas diferentes formas de diálogo e contempla uma ação libertadora e democrática. Visa à transformação do indivíduo como ser histórico, empreendendo processos de autonomia e de liberdade, alicerçada pela contextualidade e problematização. Questiona a realidade circundante e abre espaço para democratizar o saber (BEHRENS, 2000).

### 3.4.3 Paradigma do Ensino com Pesquisa

Educar pela pesquisa, para Demo (1997, p. 2), tem como condição especial:

Que o profissional da educação seja pesquisador, ou seja, maneje a pesquisa como princípio científico e educativo e a tenha como atitude cotidiana. (...) Não se busca um “profissional da pesquisa”, mas um profissional da educação pela pesquisa.

O ensino com pesquisa, proposto por Paoli (1988), por Demo (1991) e por Cunha (1996), defende uma aprendizagem baseada na pesquisa, para superar a reprodução e levar à produção do conhecimento.

Nesta abordagem, segundo Behrens (2000, p. 88):

Busca-se um ensino aliado à pesquisa como princípio educativo, e não apenas como princípio científico. Essa abordagem contempla a visão de educador que propõe uma metodologia que possibilite ao aluno se apropriar, construir, reconstruir e produzir conhecimento. Não se trata apenas de uma mudança de método, mas de uma postura pedagógica. O aluno passa a ser participante e sujeito do seu próprio processo de aprender.

O professor do paradigma do ensino com pesquisa precisa “saber propor seu modo próprio e criativo de teorizar e praticar a pesquisa, renovando-a constantemente e mantendo-a como fonte principal de sua capacidade inventiva” (DEMO, 1997, p. 28-29).

Neste paradigma, o aluno é visto como um ser único, receptivo e interessado que aprende com os erros, busca respostas, desafia para criar e ousa para construir. Sabe trabalhar em grupo ou individualmente e apresenta iniciativa na busca de informações.

A metodologia apóia-se na busca de produção do conhecimento pelos alunos e professores, com autonomia, criatividade e criticidade. Leva o aluno a aprender a aprender, privilegiando o saber e o pensar. Valoriza os trabalhos individuais e coletivos e busca o questionamento reconstrutivo. Instiga o posicionamento na tomada de decisão, na reflexão e na construção do conhecimento (BEHRENS, 2001).

Por outro lado, conforme Moraes (1997, p. 84):

Embora estejamos numa nova etapa de desenvolvimento científico, intelectual, político e social, continuamos oferecendo uma educação dissociada da vida, desconectada da realidade do indivíduo, descontextualizada. A crise atual é também decorrente de uma crise do conhecimento, da ignorância de como ocorre o processo de construção do conhecimento, do desconhecimento de sua complexidade e da multidimensionalidade do processo formativo, que implica aspectos inseparáveis e simultâneos, que envolvem aspectos físicos, biológicos, mentais, psicológicos, culturais e sociais.

Do paradigma tradicional aos paradigmas emergentes, percebe-se que o foco da escola mudou. Neste aspecto, a missão da escola, segundo Moraes (1997, p. 137), é:

Atender ao aprendiz, ao usuário, ao estudante. Portanto, a escola tem um usuário específico, com necessidades especiais, que aprende, representa e utiliza o conhecimento de forma diferente e que necessita ser efetivamente atendido. Essa compreensão se fundamenta nas descobertas da ciência cognitiva e da neurociência, que reconhecem a existência de diversos tipos de mentes e, conseqüentemente, de diferentes formas de aprender, lembrar, resolver problemas, compreender ou representar algo. Compreende que nem todas as pessoas têm os mesmos interesses e as mesmas habilidades, nem todas aprendem da mesma maneira, e que é impossível aprender tudo que existe para aprender.

Frente a este novo cenário, o professor universitário precisa desenvolver uma prática pedagógica que contemple as abordagens do paradigma emergente que impulsionam esse profissional educador à busca da formação continuada. É uma necessidade pessoal do professor e uma exigência social.

Conforme Behrens (2001, p. 80):

a concepção de uma prática pedagógica que contemple uma visão ampla, crítica e reflexiva, pressupõe uma construção que atenda aos pressupostos do paradigma emergente, que tem a produção do conhecimento como eixo fundamental e cujo foco central é a aprendizagem.

Os professores necessitam de atualização permanente para acompanharem a velocidade do mundo contemporâneo. As escolas precisam de formadores preparados que possam intervir significativamente na educação de crianças, jovens e adultos, contribuindo com sua capacidade de crítica, de reflexão e de investigação. A prática pedagógica, no momento atual, quando todas as certezas parecem

provisórias e a sensação de mudança é sempre presente, deve ser repensada pelo professor.

O professor deve constantemente estar em busca de novos conhecimentos, que podem, talvez, ser apenas novas formas de organizar as informações que já possuem, avançando nesse processo de conhecer. Estar, hoje, em permanente estado de alerta para o que acontece de novo, de diferente, é uma atitude que pode somar valores na prática docente.

Ainda, sobre a profissão docente, para Pimenta e Anastasiou (2002, p. 178): “é uma prática educativa, ou seja: como tantas outras, é uma forma de intervir na realidade social; no caso, mediante a educação. Portanto, ela é uma prática social”.

Segundo Libâneo (1998, p. 28), os professores são necessários sim, mas precisam de novas atitudes docentes. As novas exigências da sociedade pedem às universidades:

Um novo professor capaz de ajustar sua didática às novas realidades da sociedade, do conhecimento, do aluno, dos meios de comunicação. O novo professor precisaria, no mínimo, de adquirir sólida cultura geral, capacidade de aprender a aprender, competência para saber agir na sala de aula, habilidades comunicativas, domínio da linguagem informacional e dos meios de informação, habilidade de articular as aulas com as mídias e multimídias.

Neste contexto, Behrens, In: Masetto (1998, p. 66), afirma:

O professor precisa ser crítico, reflexivo, pesquisador, criativo, inovador, questionador, articulador, interdisciplinar e saber praticar efetivamente as teorias que propõe a seus alunos. Demo (1996) acrescenta que o professor necessita “de elaboração própria... precisa saber teorizar suas práticas...carece de atualização permanente...precisa dominar a instrumentalização eletrônica...saber avaliar a aprendizagem.”

Por conta da sociedade intensiva de conhecimento e, por conta do direito de aprender, a profissão de professor será cada vez mais valorizada, pois, segundo Demo (2003):

é a profissão mais alvissareira, porque a demanda de aprendizagem só vai aumentar, exponencialmente. A sociedade inteira vai apresentar esta demanda, para além de toda expectativa formal (escola e universidade), como desafio para a vida toda. O educador será peça chave do futuro desta sociedade. (p.9)

Na opinião de Demo (2003, p. 9), o professor universitário no século XXI maneja duas rédeas estratégicas para a vida das pessoas:

pode contribuir para forjar sujeitos capazes de história própria, bem como pode fomentar em cada jovem a habilidade de reconstruir conhecimento com autonomia, em nome da e para a autonomia. Do ponto de vista do mercado, trata-se de dar conta da vantagem comparativa mais decisiva, sobretudo daquela que forma profissionais capazes de refazer constantemente a própria profissão. Do ponto de vista da vida, trata-se de gestar cidadãos capazes de mudar a sociedade em nome do bem comum. Saber pensar é condição absoluta, com qualidade formal, política, sem esquecer da ética.

Ainda, de acordo com Demo (2003), espera-se deste professor no novo século atitudes norteadas por dinâmicas, como: *agir como orientador*, deixando de lado a postura de preceptor; orientar é motivar, convidar e não impor a autoridade do professor; orientar tem a finalidade de convencer o aluno de que o professor não pode pensar, elaborar, pesquisar, argumentar pelo aluno – este é que deve construir conhecimento próprio. Na *produção própria do conhecimento*: o professor indispensável é aquele que se apresenta como exemplo a ser seguido na habilidade de manejar conhecimento com autonomia crítica e autocrítica, ocupar espaço científico próprio, ser conhecido como capaz de gerar e gerir conhecimento.

Neste contexto, o professor não é quem ensina, mas o eterno aprendiz, que aprende melhor e está à frente dos outros nesse desafio, ou seja, a *aprendizagem deve ser permanente*. Conforme Demo (1997, p. 2), “o profissional não é aquele que apenas executa sua profissão, mas, sobretudo, quem sabe pensar e refazer sua profissão”. Assim, cabe ao professor o direito de estudar, de reconstruir conhecimento.

Na opinião de Demo (2003), o que o professor faz hoje na Universidade não tem muito a ver com sociedade intensiva do conhecimento, que pede profundo saber

pensar, capacidade constante de inovação, principalmente de renovação profissional, aprendizagem permanente, manejo virtuoso do conhecimento. Deve-se olhar o mundo do trabalho com preocupação, pois um dos desafios de hoje é a sociedade do não-emprego e das novas configurações do trabalho, como já mencionado neste capítulo. Para Demo (2003, p. 12), é imprescindível: “a capacidade de renovar-se, recapacitar-se e mesmo de reinventar novas chances profissionais”. E ainda, “se grande parte dos alunos não vai conseguir emprego, no sentido clássico do bom emprego, será mister saber ‘inventar trabalho’, deter iniciativa própria, construir projetos alternativos para ganhar a vida” (DEMO, 2003, p.12).

Para esta nova sociedade intensiva do conhecimento, Demo (2003) propõe que sejam desenvolvidos nos alunos habilidades como a *pesquisa*: quem não pesquisa, não aprende, pois continua copiando, reproduzindo, imitando. Com a pesquisa, o aluno põe em marcha a capacidade de manejar conhecimento próprio, de questionar, argumentar, fundamentar, duvidar.

Propõe, também, a elaboração própria: elaborar conclama a postura de sujeito capaz de projeto próprio, iniciativa que comparece com idéias e interpretações do ponto de vista do observador, capacidade de confronto com polêmicas e teorias, com vistas a construir maneira própria de ver, argumentar, interpretar, redigir (DEMO, 2003).

Outra habilidade a ser desenvolvida no aluno é a capacidade de *argumentação*, isto é, exercitar a habilidade de questionar e, sobretudo, de se auto-questionar, sabendo das potencialidades e limites do conhecimento. Desenvolver o *espírito crítico*, isto é, reconstruir alternativas mais inteligente de conhecimento, cada vez mais bem fundadas, por meio de leituras críticas, assíduas e profundas, que

superem o costume do simples resumo de livros (DEMO, 2003). E, desenvolver no aluno a comunicação desimpedida e bem educada:

Uma das maiores alegrias do conhecimento é que exige liberdade de expressão, mas que é facilmente negada para os outros, ou para outros saberes; o diálogo crítico precisa desembocar em consensos possíveis, ainda que sempre frágeis, para poderem permitir sua desconstrução constante; a arte de produzir consensos possíveis, comunitariamente úteis e representativos, também faz parte do saber pensar, saber escutar o outro com atenção e respeito, falar na sua vez, falar apenas se tiver o que dizer, preparar-se para o seminário com material elaborado próprio, formular contra-argumentos sem ofender, criticar sem humilhar, são habilidades da cidadania que não “sabe das coisas”, mas sobretudo sabe conviver (DEMO, 2003, p. 10).

Para que estas atitudes possam ser desenvolvidas no aluno, o professor universitário necessita repensar sua prática pedagógica em sua totalidade. Para que esta ação seja possível na busca de caminhos para a consolidação de um ensino de qualidade, contemplam-se algumas visões para o século XXI, conforme (BEHRENS & ALCÂNTARA, 2001) para a sociedade intensiva do conhecimento:

- Visão de totalidade: considera-se que a prática pedagógica deve superar a visão fragmentada, retomando as partes num todo significativo.
- Visão de rede, de teia, de conexão: considera-se que os fenômenos estão interconectados, havendo uma relação direta de interdependência entre os seres humanos.
- Visão de sistemas integrados: considera-se que todos os seres humanos devem ter acesso ao mundo globalizado, aumentando assim as oportunidades para construir uma sociedade mais justa, igualitária e integrada.
- Visão de relatividade e movimento: considera-se que é essencial ter uma percepção de que os conhecimentos são relativos, não existindo uma verdade absoluta, e que esses conhecimentos estão em constante movimento, qualquer esforço em solidificar a verdade poderá ser redimensionado em momentos subseqüentes por novas descobertas.
- Visão de cidadania e ética: considera-se que a formação dos seres humanos deve estar alicerçada na construção da cidadania com uma postura ética, em que exista o respeito aos valores pessoais e sociais, espírito de solidariedade, justiça e paz.

Voltando à citação de Behrens (2001), em que se refere a uma prática pedagógica que tem a produção do conhecimento como eixo fundamental e cujo foco central é a aprendizagem, superando a fragmentação do conhecimento, percebemos que os paradigmas educacionais emergentes, como aliança entre os pressupostos das abordagens holística, progressista e o ensino com pesquisa,

citados neste capítulo, vêm ao encontro das prementes necessidades da sociedade do conhecimento, da informação e da educação, na busca de se responder às exigências do século XXI.

### 3.5 A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR ORIENTADOR DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Retomamos aqui a reflexão de Demo (2003) sobre um dos importantes papéis do professor: atuar na orientação do aluno. E, no contexto da orientação do estágio supervisionado, o desenvolvimento desta habilidade vem ao encontro das necessidades dos professores na busca de uma ação docente que atinja os objetivos propostos de contribuir na formação profissional dos alunos.

Para Demo (2003, p. 10), a orientação por parte do professor consiste em:

motivar, solicitar, empurrar, mas não decidir, atrelar, impor; autoridade do professor não pode ser autoritária, porque seria deseducativa; não pode “tirar dúvidas”, mas fazê-las tanto mais; não pode oferecer receitas prontas, porque coíbem o saber pensar; orientar tem como finalidade convencer o aluno de que o professor não pode pensar, elaborar, pesquisar, argumentar pelo aluno – este é que deve colocar o pé na estrada e reconstruir conhecimento próprio.

Os professores orientadores de estágio supervisionado freqüentemente trabalham com situações-problema que requerem um conhecimento elaborado que supere o senso comum, o que implica saber discutir soluções para problemas a partir de diferentes enfoques, contextualizando o objeto de estudo em suas dimensões socioculturais.

Por se tratar de uma realidade por nós conhecida, cremos que a orientação/ supervisão de estágio deverá colocar o aluno estagiário no limiar da carreira, entendida como um processo de auto-formação contínua.

Dessa maneira, seguindo a reflexão de Amaral, In: Alarcão (1996), o professor orientador de estágio será encarado como o promotor de estratégias que irão desenvolver nos futuros profissionais o desejo de refletirem e, por meio da reflexão, a vontade de se desenvolverem continuamente. O supervisor também é aquele que ajuda, monitora, cria condições de sucesso, desenvolve as aptidões e as capacidades do profissional.

Na opinião de Telles (1996, p. 43-44), a supervisão de estágio deve ser entendida como:

Uma assessoria dada ao aluno no decorrer de sua prática profissional, por docentes e por profissionais do campo, acreditados pelo professor supervisor; portanto não é aula nem repasse de informação teórica; estamos tentando levar ao estagiário os princípios e valores inerentes a realidade da profissão em que se processa a vivência prática, para o pleno desempenho da ação. Aliado a posturas éticas e se possível humanísticas, teremos o contexto adequado da supervisão e orientação de estágio.

Comparamos a atividade de supervisor com a de um treinador, cujo papel não é somente o de treinar capacidades e aptidões, mas, sim, desenvolvê-las, acompanhando o seu desempenho, encontrando estratégias adequadas ao desenvolvimento do atleta que deve monitorar. Por sua vez, o treinador também se desenvolve, porque aprende com o atleta que o obriga a reformular estratégias já experimentadas e a adaptá-las ao novo contexto.

A palavra *treinar*, porém, não tem a riqueza semântica da palavra inglesa *coaching*, importante na condução do desenvolvimento do estágio supervisionado, que comporta a idéia de monitoração, aconselhamento, de apoio, acompanhamento, incentivo, encorajamento ao profissional, para que seja ele próprio e para que dê o melhor de si nas atividades que o esperam.

Para Alarcão (1996, p. 93), supervisão é o "processo em que um professor, em princípio, mais experiente e mais informado, orienta um outro profissional no seu desenvolvimento humano e profissional."

Por sua vez, Amaral, In: Alarcão (1996, p. 94) afirma que:

Supervisionar deverá ser um processo de interacção consigo mesmo e com os outros, devendo incluir processos de observação, reflexão e acção do e com o professor. Este, por sua vez, também deverá observar - o supervisor, a si próprio, os alunos -, deverá reflectir sobre o que observou, questionar o observado; receber *feedback* do supervisor e dos alunos, reflectir sobre esses dados, auto-avaliando-se constantemente de modo a corrigir e melhorar as práticas pedagógicas para poder promover o sucesso educativo dos seus alunos e o seu próprio sucesso profissional. Torna-se assim agente de mudança de si próprio, dos outros e da sociedade.

Neste contexto, tratamos da prática pedagógica do professor orientador/supervisor, que deverá estar no âmbito de desenvolver em si próprio atitudes de reflexão sobre o que fez, faz e venha a fazer, tendo como perspectiva o futuro, de modo a continuar esse processo de desenvolvimento holístico (AMARAL, In: ALARCÃO, 1996).

Entre as atitudes docentes propostas por Libâneo (1998, p. 43), para atender ao advento das novas concepções de aprendizagens, ressalta-se a questão da importância de “investir na atualização científica, técnica e cultural, como ingredientes do processo de formação continuada.”

Para Libâneo (1998, p. 43):

o professor precisa juntar a cultura geral, a especialização disciplinar e a busca de conhecimentos conexos com sua matéria, porque formar o cidadão hoje é, também, ajudá-lo a se capacitar para lidar praticamente com noções e problemas surgidos nas mais variadas situações, tanto do trabalho quanto sociais, culturais, éticas.

Com essas proposições desafiadoras, pretende-se que os professores, ao atuarem como orientadores de estágio supervisionado, possam ter como principais características as de:

- desenvolver o papel de mediação pedagógica, onde desempenhe o papel de especialista que possui conhecimentos e/ou experiências a comunicar;

- desempenhar o papel de orientador das atividades do aluno;
- tornar-se consultor e facilitador de aprendizagem;
- colaborar para dinamizar a aprendizagem do aluno, envolvendo os alunos para o trabalho em equipe;
- criar um clima de mútuo respeito para com todos os participantes, estabelecendo uma atmosfera de mútua confiança;
- incentivar o aluno a buscar soluções para situações novas e inesperadas;
- ter disponibilidade para o diálogo. (MASETTO, 2000)

Dessa forma, segundo Behrens (2000, p. 71), o professor orientador de estágio supervisionado poderá contribuir para que o aluno, além de se tornar um profissional competente:

Precisa tornar-se um cidadão crítico, autônomo e criativo, que saiba solucionar problemas, e que com iniciativa própria saiba questionar e transformar a sociedade. Em busca dessa transformação, o aluno deve ser sujeito histórico do seu próprio ambiente, buscando desenvolver a consciência crítica que leve a trilhar caminhos para a construção de um mundo melhor.

O professor orientador de estágio supervisionado tem a importante missão de contribuir na formação do aluno que está em fase final do Curso. O apoio e a orientação centradas em princípios éticos e com domínio profundo da área de conhecimento, demonstrando competência atualizada quanto às informações e aos assuntos afetos a essa área, podem levar esse aluno a ser um profissional e cidadão mais confiante e responsável na sociedade.

## CAPÍTULO 4

### O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO CURSO DE SECRETARIADO EXECUTIVO DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ

O Curso de Secretariado Executivo da Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR foi autorizado pelo Conselho Universitário, em 28 de outubro de 1983, passando a funcionar com sua primeira turma em 1984. Foi reconhecido pelo Ministério da Educação pela Portaria n.º 250, de 14 de abril de 1988.

Segundo as *Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação* (2002, p. 14), o Curso de Secretariado Executivo deverá contemplar, em seu projeto pedagógico e em sua organização curricular, os seguintes conteúdos interligados:

- I. Conteúdos Básicos: estudos relacionados com as Ciências Sociais, com as Ciências Jurídicas e com as Ciências da Comunicação e da Informação;
- II. Conteúdos Específicos: estudos das Técnicas Secretariais e de Gestão Secretarial, abrangendo os conteúdos relacionados com as Teorias das Organizações, com o Desenvolvimento de Recursos Humanos e com a Ética Profissional, além do domínio de, pelo menos, uma língua estrangeira e o aprofundamento da Língua Nacional;
- III. Conteúdos Teórico-Práticos: Laboratórios Informatizados, com as diversas interligações em rede, Estágio Curricular Supervisionado e Atividades Complementares, especialmente a abordagem teórico-prática dos Sistemas de Comunicação, com ênfase em softwares e aplicativos.

Segundo o *Projeto Pedagógico do Curso de Secretariado Executivo* (2002), em consonância com as *Diretrizes para o Ensino de Graduação da PUCPR* (2001), o Curso de Secretariado Executivo configura-se como uma graduação com características específicas, propiciando ao aluno o desenvolvimento da capacidade de autogerenciamento, de adequação às mudanças organizacionais, de assimilação

de novas informações, habilidades de natureza operacional, comportamento autônomo, flexibilidade e formação intelectual diferenciada.

O Curso de Secretariado Executivo da PUCPR tem por finalidade formar profissionais capacitados para assessorar e assistir a executivos de empresas de todos os segmentos, tanto nacionais como multinacionais. Este profissional deverá ter conhecimentos das áreas científica, técnica, jurídica, social e humanística, para ser capaz de atuar com comportamento ético, com atitudes empreendedoras e com espírito aberto a mudanças.

Devido aos processos de globalização, da sociedade da informação, entre outros fatores, as organizações têm passado por inúmeras transformações. Portanto, o profissional de Secretariado Executivo deve ter conhecimento para atuar nas diferentes áreas dessas organizações, com visão generalista e preparado para enfrentar desafios diante das inovações constantes no mundo corporativo.

Na PUCPR, o Curso de Secretariado Executivo compõe-se de cinco eixos que constituem suas áreas de atuação. Para a realização desses eixos, foram criados programas de aprendizagem que objetivam formar profissionais éticos, com competência técnica e administrativa na área secretarial para atender aos novos paradigmas organizacionais. Os eixos estão assim constituídos:

No Eixo I, denominado Gestão Secretarial, as competências que devem ser desenvolvidas incluem:

possuir uma visão generalista das organizações de trabalho; utilizar com efetividade os recursos tecnológicos de última geração; assistir gestores dos mais variados segmentos empresariais; aplicar as funções gerenciais: planejamento, organização, controle, direção; investigar e aplicar as técnicas secretariais; gerenciar eficazmente a transmissão, difusão e produção da informação; valorizar os princípios constitucionais e conceitos da legislação aplicados à atividade profissional; ser capaz de analisar relatórios financeiros e indicadores econômicos (Projeto Pedagógico do Curso de Secretariado Executivo, 2002, p. 9).

No Eixo II, denominado Gestão de Pessoas, prevê-se:

desenvolver competência interpessoal no relacionamento com clientes internos e externos; valorizar os princípios de um bom sistema de comunicação; desenvolver atitude de parceria para o trabalho em equipe em busca de sinergia; conduzir cerimônias empresariais e oficiais, segundo as normas protocolares; discriminar os aspectos técnicos, teóricos e práticos no planejamento geral de um evento; planejar eventos com alta qualidade de relacionamento pessoal (Projeto Pedagógico do Curso de Secretariado Executivo, 2002, p. 10).

O Eixo III, apresentado como Comunicações Nacionais e Internacionais, envolve as competências de:

refletir sobre os fenômenos da linguagem; produzir textos em língua portuguesa, inglesa e espanhola em situações cotidianas nas diversas entidades; utilizar oralmente e por escrito, as estruturas básicas das línguas portuguesa, inglesa e espanhola; elaborar e redigir textos falados e escritos, obedecendo às normas das línguas portuguesa, inglesa e espanhola; expressar-se fluentemente nas línguas portuguesa, inglesa e espanhola (Projeto Pedagógico do Curso de Secretariado Executivo, 2002, p. 11).

No Eixo IV, denominado Profissionalização e Ação na Sociedade, prevê-se o desenvolvimento de competências, como:

aprofundar temas de interesse ligados ao campo profissional; refletir sobre o código de ética profissional; obter visão geral sobre ética, competência, liderança e espírito aberto às mudanças nas áreas de atuação; sensibilizar a comunidade interna e externa para a participação em projetos comunitários (Projeto Pedagógico do Curso de Secretariado Executivo, 2002, p. 11).

O Eixo V tem como foco os Projetos Integrados e objetiva atender ao princípio de interdisciplinaridade e unir teoria-prática ao longo do Curso com projetos, como:

Núcleo de Línguas; Empresa Júnior; Organização e Planejamento de Eventos; Programas de Assessoria e Consultoria Secretarial, Interpessoal e Intercultural; Novos Negócios – Formação e Desenvolvimento de Empreendedores; Tradução de documentos empresariais (Projeto Pedagógico do Curso de Secretariado Executivo, 2002, p. 12).

O Curso é composto de programas de aprendizagem, que são oferecidos em oito períodos e devem:

possibilitar maior clareza sobre a natureza das aptidões que devem compor o perfil e a capacidade de atuação do profissional de secretariado executivo. Um profissional desse tipo é capaz de atuar na sociedade de forma sistêmica, produzindo resultados duradouros, relevantes, aumentando e melhorando as condições para a qualidade de vida em comunidade” (*Projeto Pedagógico do Curso de Secretariado Executivo*, 2002).

Com a finalidade de refletir sobre o Curso de Secretariado Executivo, cabe primeiro contextualizá-lo. Trata-se de um Curso multidisciplinar, tendo em vista os diversos ramos de atuação e das inúmeras atividades exercidas pelo profissional em Secretariado, o qual demanda a necessidade de construir conhecimento em diversas áreas do saber.

Portanto, essas inúmeras disciplinas, com diversificados conteúdos, devem ter profunda relação umas com as outras. Por mais variado que seja o currículo deste Curso, maiores devem ser as relações interdisciplinares. Entendendo-se o ensino como o desenvolvimento de todas as capacidades do ser humano para intervir na sociedade, surge a necessidade de uma atuação pedagógica que tenha um enfoque globalizador (ZABALA, 2002). Assim, os conteúdos de aprendizagem sempre são o meio para conhecer ou responder às questões que uma realidade experiencial dos alunos proporciona: realidade que sempre é global e complexa.

A profissão de Secretário Executivo está regulamentada pela Lei n.º 7.377, sancionada em 30 de setembro de 1985, e pela Lei n.º 9.261, de 10 de janeiro de 1996, que dispõem sobre o exercício da profissão e dá outras providências.

Segundo a Lei n.º 7.377, em seu artigo 4.º, as atribuições do Secretário Executivo são:

- Planejamento, organização e direção de serviços de secretaria.
- Assistência e assessoramento direto a executivos.
- Coleta de informações para execução de objetivos e metas de empresas.
- Redação de textos profissionais, especializados, inclusive em idioma estrangeiro.
- Interpretação e sintetização de textos e documentos.
- Taquigrafia de ditados, discursos, conferências, palestras de explanação, inclusive em idioma estrangeiro.

- Versão e tradução em idioma estrangeiro, para atender às necessidades de comunicação da empresa.
- Registro e distribuição de expedientes e outras tarefas correlatas.
- Orientação da avaliação e seleção da correspondência para fins de encaminhamento à chefia.
- Conhecimentos protocolares.

O Secretário Executivo também conta com seu Código de Ética Profissional, cujo documento foi publicado no Diário Oficial da União, em 7 de julho de 1989.

#### 4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Para se entender a situação de estágio supervisionado dentro da estrutura do ensino superior e aceitá-lo como um instrumento necessário à formação dos estudantes, torna-se importante a descrição de um breve apanhado histórico-legal que orienta o presente capítulo.

Em junho de 1972, realizou-se na Universidade de Brasília o I Encontro Nacional de Professores de Didática. Na ocasião, o professor Valmir Chagas, coordenador do Encontro, e o Ministro Senador Jarbas Passarinho discorreram sobre a legislação que tornava obrigatório o estágio de estudantes nos respectivos campos de abrangência dos Cursos. Acreditavam ser de grande importância colocar os educandos no mercado de trabalho para contato prévio com a profissão desejada.

A Portaria n.º 1.002, de 29 de setembro de 1972, do Departamento Nacional de Mão-de-Obra do Ministério do Trabalho, foi a primeira referência aos estágios. A Lei n.º 6.494, sancionada em 7 de dezembro de 1977, de maneira mais minuciosa, "dispõe sobre os estágios de estudantes de estabelecimento de ensino superior e de ensino profissionalizante do 2.º Grau e Supletivo e dá outras providências." Com

esta Lei ocorre a sistematização de estágio, de acordo com a estrutura dos cursos superiores.

No artigo 1.º, parágrafo 2.º, determina:

os estágios devem propiciar a complementação do ensino e da aprendizagem a serem planejados, executados, acompanhados e avaliados em conformidade com os currículos, programas e calendários escolares, a fim de se constituírem em instrumentos de integração, em termos de treinamento prático, de aperfeiçoamento técnico cultural, científico e de relacionamento humano.

Na seqüência, o Decreto n.º 87.497, de 18 de agosto de 1982, regulamenta a Lei n.º 6.494. No artigo 2.º lê-se:

Considera-se estágio curricular, para os efeitos deste Decreto, as atividades de aprendizagem social, profissional e cultural, proporcionada ao estudante pela participação em situações reais da vida e trabalho de seu meio, sendo realizada na comunidade em geral ou junto a pessoas jurídicas de direito público ou privado, sob responsabilidade e coordenação da instituição de ensino.

Ainda o artigo 3.º estabelece:

O estágio curricular, como procedimento didático-pedagógico, é atividade de competência da instituição a quem cabe a decisão sobre a matéria, e dele participam pessoas jurídicas de direito público e privado, oferecendo oportunidade e campos de estágio, outras formas de ajuda, e colaborando no processo educativo.

Da nova LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) - consta, em seu artigo 82: "Os sistemas de ensino estabelecerão as normas para realização dos estágios dos alunos regularmente matriculados no ensino médio ou superior em sua jurisdição".

O estágio curricular, supervisionado, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação (2002, p.10), "deve ser concedido como conteúdo curricular implementador do perfil do formando, consistindo numa atividade obrigatória, mas diversificada, tendo em vista a consolidação prévia dos

desempenhos profissionais desejados, segundo as peculiaridades de cada curso de graduação.”

Assim, o Estágio Supervisionado deve assumir um caráter investigatório, científico e seu resultado deverá ser apresentado em forma de monografia ou relatório, como fator de contribuição para a qualidade do ensino universitário. Neste aspecto, o estágio pode servir como atividade de estímulo para a articulação com a pesquisa.

Nesse sentido, para Gisi et al (2000, p. 5):

as possibilidades de o estágio constituir-se em uma estratégia que favoreça a aquisição de aptidões, competências e habilidades definidas para o curso, pressupõe considerá-lo como parte integrante e essencial do processo de formação devendo ser planejado de modo a propiciar experiências de aprendizagem dinâmicas, criativas e que possibilitem reflexão sobre a atuação profissional e a sua intencionalidade.

O Estágio Supervisionado é uma atividade de aprendizagem prevista em cursos de graduação que o estudante desenvolve participando de situações reais de vida e de trabalho. Também é um importante instrumento para promover a interação entre a universidade e o mundo do trabalho. Representa para o estudante uma oportunidade de aplicar na prática os conhecimentos adquiridos durante a vida acadêmica.

O Estágio, como período de estudos teórico-práticos para aprendizagem e experiência profissional, envolve atividades que podem trazer benefícios para a formação. A melhoria do ensino e da aprendizagem do estagiário, no que diz respeito à sua formação, certamente trará resultados positivos para a comunidade a que se destinam os profissionais egressos da Universidade, bem como para a sociedade em geral.

Neste contexto, o CIEE, agência de colocação de alunos para primeira experiência profissional na comunidade, conceitua Estágio como:

atividades de aprendizagem profissional, social e cultural oferecidas ao estudante pela participação em situações reais de trabalho proporcionadas por pessoa jurídica de direito privado, órgãos de administração pública e instituições de ensino, sempre sob a responsabilidade e coordenação da instituição de ensino que pertence, para o desenvolvimento de atividades relacionadas a sua área de formação profissional. (CIEE, 1997, p. 15)

Com o Estágio, segundo Savi (1979, p. 37), “cria-se uma ponte entre a formação teórica e a aplicação prática, mediante direta participação em situações novas nos campos profissionais, o amadurecimento intelectual e comportamental, desenvolvendo-se maior agilidade diante de problemas reais”.

Na verdade, por melhores que sejam os métodos utilizados na escola, por mais bem equipada em termos tecnológicos e em termos de acervo bibliográfico que ela seja, os problemas com que o estudante vai se defrontar no mercado de trabalho não são passíveis de total reprodução em laboratórios ou em exercícios práticos na Universidade. A inserção do aluno na realidade, para que tenha oportunidade de compreender as relações que perpassam o mundo do trabalho, atuar sobre elas e ultrapassá-las é uma maneira de oferecer ao estudante uma formação completa.

Para Behrens (1991, p. 19),

a dinâmica do cotidiano tem um caráter peculiar, na medida em que são inúmeros os fatores que se relacionam das mais diferentes maneiras. Compreender o dia-a-dia e traduzi-lo é função da pesquisa; socializar os resultados das pesquisas é função do ensino. No entanto, para operar a realidade como ela se produz e se reproduz é preciso estar inserido nela. E o estágio é a oportunidade desta primeira inserção.

Nesse contexto, pode-se citar o Parecer 842/84, do Conselho Estadual de Educação de Minas Gerais: “A que visa o Estágio Supervisionado? O Estágio Supervisionado tem por objetivo, fundamentalmente, fazer com que o aluno faça a

verdadeira e desejável aliança entre livros, as salas de aula e a palpitante realidade da vida profissional, para a qual a Escola cuida de prepará-lo. É medida salutar.”

Para Kenski, In: Fazenda et al (1991, p. 40): “o desenvolvimento do estágio precisa ser orientado por procedimentos definidos, que visem ao melhor aproveitamento dos momentos destinados à disciplina”. Diante disso, para que se possa organizar uma atividade mais construtiva nos períodos de estágio, a primeira preocupação do supervisor deve ser a de definir claramente, para si mesmo, a concepção do profissional a ser formado.

Uma importante definição é a de Fazenda, In: Pimenta (1997, p. 76), quando afirma que estágio “é um processo de apreensão da realidade concreta, que se dá através de observação e experiências, no desenvolvimento de uma atitude interdisciplinar”. Destaca ainda: a leitura da realidade exige instrumental adequado que envolve o saber observar, descrever, registrar, interpretar e problematizar a realidade”.

Existe no Estágio Supervisionado uma relação mútua entre aprender a fazer e aprender a conhecer. Aprender a fazer influencia aprender a conhecer. Segundo Libânio (2001, p. 49-50):

o conhecimento adquire uma intencionalidade para a *práxis*. Não simplesmente para ser aplicado a ela, mas também para responder a situações ainda inéditas. Cria-se uma capacidade criativa de articulação entre conhecimento e prática, entre saber e ação, de modo que ambos se alimentam mutuamente. A prática modifica o conhecimento, e este, por sua vez, gera sempre novas práticas. Cria-se, assim, a atitude mental de sempre pensar o conhecimento em sua prolongação prática, e a prática em seu caráter cognitivo.

Aproveitando as contribuições de Delors (2001, p. 90), com vistas à educação para o século XXI, também o estágio pode contemplar as quatro aprendizagens fundamentais, que poderão representar para cada pessoa os pilares do conhecimento. São eles:

- *aprender a conhecer*, isto é, adquirir os instrumentos da compreensão;
- *aprender a fazer*, para poder agir sobre o meio envolvente;

- *aprender a viver juntos*, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas;
- finalmente, *aprender a ser*, via essencial que integra as três precedentes.

Essas quatro vias do saber constituem uma nova e ampliada concepção de educação, que deve fazer com que todos possam descobrir seu potencial criativo, revelar o tesouro escondido em cada um.

Segundo as *Diretrizes para o ensino de graduação da PUCPR*, as quatro aprendizagens citadas são “algumas tendências contemporâneas, em gestação há várias décadas, ressaltam aspectos que podem orientar esforços na construção de uma sociedade em benefício de todos e de uma educação superior capaz de contribuir para construí-la”.

Neste estudo sobre o Estágio Supervisionado, é necessário o entendimento sobre a concepção crítica na formação do profissional. Para Fávero, In: Pimenta (1997, p. 69): “teoria e prática são indissociáveis”. A prática (a análise teórica da prática) é o ponto de partida e de chegada. A consequência disso é que ninguém se tornará profissional apenas porque “sabe sobre” os problemas da profissão, por ter estudado algumas teorias a respeito. É, sobretudo, comprometendo-se profundamente como construtor de uma *práxis* que o profissional se forma. Portanto, não há conhecimento sem repercussão na prática e não há prática sem conhecimento incluído.

Ainda, buscando definições sobre Estágio, em Zainko (1996, p. 11), encontra-se:

se hoje temos um compromisso cada vez maior de formar um profissional competente, sem dúvida nenhuma, temos que estar atentos à questão da teoria e da prática entendendo que o estágio não é um momento que vem depois da teoria, mas ele está presente no processo de formação componente desse processo e que vai nos indicar a própria validade da teoria que estamos desenvolvendo nas nossas disciplinas, e no processo de formação como um todo.

Não se pode esquecer que a sociedade entrega à Universidade esses alunos e espera que neste tempo histórico os estudantes voltem adequadamente formados, como pessoas e como profissionais competentes e capazes de responder às demandas dos tempos modernos.

Neste aspecto, Marchi (1996, p. 15) tem a seguinte descrição para o Estágio:

Além do profissional também estamos devolvendo um cidadão, capaz não somente de trabalhar, mas de pensar, de criar e de enfrentar os problemas e as questões que a sociedade, e a profissão lhe fizerem. Por isso, é preciso ter claro que, além do profissional, as universidades devem formar o cidadão. É preciso, portanto, garantir que o aluno ultrapasse o espaço da sala de aula e passe a conviver com a realidade. Não basta formar um grande teórico, com muitas idéias. Cabe ajudá-lo a aprender a pensar. Essa, certamente é a grande contribuição que o estágio poderá propiciar aos alunos e aos futuros profissionais.

Portanto, o Estágio constitui uma rica experiência pré-profissional e que proporciona ao aluno contato com a futura área de atuação. É definido por Gisi et al (2000, p. 53) como uma prática que:

não é somente exercício pré-profissional, ou uma atividade prática qualquer, mas é fundamentalmente um espaço que poderá propiciar além do saber-fazer específico de sua área de formação também o desenvolvimento da criatividade, da autonomia, da ética e da solidariedade quando os alunos, ao se confrontarem com situações reais, nelas intervêm, sob a supervisão de professores e profissionais do campo de estágio.

Para esta pesquisa sobre o Estágio Supervisionado do Curso de Secretariado Executivo, é importante observar o perfil desejado do profissional, bem como buscar atender ao que prescrevem as *Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação* (2002, p. 12), que têm como objetivo:

formar bacharéis com sólidos domínios acadêmicos, científicos e tecnológicos específicos de seu campo de atuação, especialmente preparando-os para o eficaz desempenho de múltiplas relações de acordo com as especificidades de cada organização, gerenciando o fluxo de informações e desenvolvendo com sensibilidade metodologias capazes de diagnosticar conflitos, reduzir resistências a mudança, repassar a importância da concepção empreendedora da empresa, portando-se com competência e discrição.

As *Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação* (2002) descrevem o perfil que o profissional de Secretariado Executivo deve ter, para o bom desempenho no mundo do trabalho e, também, para a valorização desse profissional que, apesar de suas habilidades e potencialidades, ainda necessita se solidificar entre os demais profissionais e na sociedade. O novo perfil do Secretário Executivo vem sendo arduamente construído ao longo do tempo, tanto pelos profissionais egressos das Universidades, como pelos professores do Curso de Secretariado Executivo.

Neste sentido, ainda segundo as *Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação* (2002, p. 13), o Curso de Secretariado Executivo deve:

ensejar a formação de um profissional proficiente, criativo, participativo, conhecedor de gestão estratégica, articulador em negociações que procedam à tomada de decisões, facilitador das relações interpessoais e inter-grupais, revelando eficiente domínio de técnicas de sensibilização e de fácil domínio dos diferentes meios de comunicação dentro da organização e com diferentes grupos de clientela e de demanda.

Vale ressaltar que, para se atingir esse nível de exigência do profissional de Secretariado Executivo, um esforço muito grande no sentido da conscientização dos estudantes deve ser realizado. Não adianta a Universidade se propor a atender a todos os requisitos das referidas Diretrizes, reunindo professores de diversas áreas do conhecimento, se os estudantes não estiverem cientes de sua função, tanto no mundo do trabalho, quanto na sua atuação como cidadãos. Há que se valorizar, num trabalho conjunto, entre professores e alunos, algumas questões imprescindíveis, como: o trabalhar com os outros, o aprender a viver juntos e o conviver com os outros. Tudo isso, para reforçar a idéia de que a classe desses profissionais deve organizar-se e se fortalecer.

Sobre a questão das competências e habilidades, o Curso de Graduação em Secretariado Executivo deve possibilitar a seguinte formação profissional, segundo as *Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação* (2002, p. 13):

- Exercício profissional com iniciativa, criatividade, bom senso, discrição, maturidade emocional, sólidos e atualizados conhecimentos gerais;
- Capacidade de articulação com diferentes níveis de empresas e instituições públicas ou privadas ou diferentes clientes;
- Visão generalista da organização e das peculiares relações hierárquicas intersetoriais;
- Administração eficaz do tempo;
- Exercício de funções gerenciais, com domínios sobre planejamento, organização, controle e direção;
- Utilização do raciocínio lógico, crítico e analítico, operando com valores e estabelecendo relações formais e casuais entre fenômenos e situações organizacionais;
- Habilidade de lidar com modelos inovadores de gestão;
- Valorização e domínio dos princípios que informam eficaz sistema de comunicação;
- Receptividade e liderança para o trabalho em equipe, na busca de sinergia;
- Sensibilidade para adoção de meios alternativos relacionados com a melhoria da qualidade e da produtividade dos serviços;
- Controle e gerenciamento do fluxo de informações, assegurando uniformidade de referencial para diferentes usuários;
- Eficaz utilização de técnicas secretariais, com renovadas tecnologias, imprimindo segurança, credibilidade e fidelidade no fluxo de informação;
- Utilização de tecnologias da informação com suas permanentes inovações.

Visando cumprir os requisitos das citadas Diretrizes, no âmbito do Estágio, é importante salientar algumas das atribuições dos estagiários do Curso de Secretariado Executivo, de acordo com o *Manual de Estágio Supervisionado* (2002, p. 11):

- Elaborar o projeto de Estágio Supervisionado.
- Elaborar o relatório de Estágio Supervisionado.
- Planejar, organizar, controlar e implantar atividades secretariais.
- Organizar e executar planos específicos da empresa.
- Promover idéias e práticas inovadoras no fluxo dos trabalhos administrativos com capacidade crítica, reflexiva e criativa.
- Conhecer a empresa, sua estrutura, organização, razão de ser, objetivos e políticas.
- Compreender o trabalho dentro de uma cultura de grupo, respeitando os pensamentos, as opiniões e as diferenças individuais.
- Buscar a adequação de textos, cartas, correspondências comerciais, técnicas e outros, de acordo com as normas da ABNT.
- Utilizar eficazmente tecnologias, instrumentos e sistemas de informação inerentes às atividades.
- Aplicar terminologia técnica e transdisciplinar para acompanhar os processos de mudança na cultura organizacional.
- Fazer uso de orientações seguras e de senso profissional nos aspectos do cerimonial público e privado e sua correlação com a etiqueta e o protocolo.
- Adequar atitudes positivas: honestidade, integridade, ética pessoal e profissional, adaptabilidade, motivação intrínseca e persistência para a realização precisa e perfeita das tarefas.

As atividades propostas no Estágio Supervisionado visam à melhor formação profissional, pois esta etapa da vida acadêmica tem por objetivo completar a

formação do estudante. As atribuições a serem desenvolvidas no Estágio possibilitam ao estudante aliar a teoria à prática.

Nesse sentido, os alunos do Curso de Secretariado Executivo da PUCPR devem atingir alguns objetivos, que são:

- Identificar a empresa de acordo com o perfil de mercado, histórico cronológico e inovações no período, forma de administração e atuações, bem como programas internos e externos de melhoria, implementação, estratégias e proposições.
- Buscar um contato direto com a realidade, a fim de que possa ter uma percepção das funções, possibilidades e dificuldades da profissão.
- Contribuir para um clima de plena integração e colaboração com os supervisores de serviço nas empresas, principalmente na definição das tarefas a serem executadas.
- Estabelecer uma comparação acadêmico-profissional que possa gerar propostas de inovação ou exclusão de conteúdos do Curso e implementação de outros, com a intenção de formar cada vez profissionais melhores.
- Desenvolver uma análise comparativa entre os conhecimentos obtidos no Curso e a prática efetivada, sugerindo um projeto de melhorias para o enriquecimento profissional.
- Proporcionar ao estudante a oportunidade de desenvolver suas habilidades, conhecimentos e desenvolver atitudes.
- Complementar o processo de ensino-aprendizagem por meio da conscientização das deficiências individuais e incentivo à busca do aprimoramento pessoal e profissional.
- Atenuar o impacto da passagem da vida acadêmica para a vida profissional, abrindo ao estagiário mais oportunidades de conhecimento da filosofia, diretrizes, práticas, organização e funcionamento das organizações e da comunidade.
- Facilitar o processo de atualização de conteúdos disciplinares, permitindo adequar aqueles de caráter profissionalizante às constantes inovações tecnológicas, políticas, sociais e econômicas a que estão sujeitos.
- Incentivar o desenvolvimento das potencialidades individuais, propiciando o surgimento de profissionais empreendedores, capazes de adotar modelos de gestão, métodos e processos inovadores, além de novas tecnologias para o exercício da profissão.
- Promover a integração escola-empresa-comunidade. (Manual de Estágio Supervisionado, 2002, p. 8)

A busca por esses objetivos propostos no campo de Estágio tem proporcionado um visível amadurecimento profissional por parte desses alunos. Contudo, é necessário intensificar este trabalho, com o apoio docente, na contínua conscientização da importância do Estágio Supervisionado para a construção, tanto de um profissional competente, como de um cidadão ciente de seu papel crítico e reflexivo na sociedade.

A tendência crescente do mercado é incorporar sempre mais conhecimento no trabalho. Nesse processo, serão necessários profissionais cada vez mais

preparados. “A sociedade necessita de pessoas bem instruídas e de bons profissionais, mas, antes de tudo, necessita de cidadãos bem formados e cultos” Juliatto (1996, p. 3). Por isso, exige-se que se pense educação, olhando para o aluno como cidadão e como futuro profissional na sociedade.

No documento da Conferência Mundial sobre Educação Superior, no capítulo sobre “Missões e Funções da Educação Superior”, em seu artigo 1.º, item **a**, afirma-se:

educar e formar pessoas altamente qualificadas, cidadãos e cidadãs responsáveis, capazes de atender às necessidades de todos os aspectos da atividade humana, oferecendo-lhes qualificações relevantes, incluindo capacitações profissionais nas quais combinados conhecimentos teóricos e práticos de alto nível mediante cursos e programas que se adaptem constantemente às necessidades presentes e futuras da sociedade. (Declaração Mundial sobre Educação Superior, 1998, p. 16)

Esse item reflete uma das missões da educação superior que visa à formação de profissionais capacitados para contribuir efetivamente no desenvolvimento e no progresso da sociedade.

No capítulo “Formando uma nova visão da educação superior”, em seu artigo 7.º, itens **a** e **b**, refere-se ao “reforçar a cooperação com o mundo do trabalho, analisar e prevenir as necessidades da sociedade”:

a) Em economias caracterizadas por mudanças e pelo aparecimento de novos paradigmas de produção baseados no conhecimento e sua aplicação, assim como na manipulação de informação, devem ser reforçados e renovados os vínculos entre a educação superior, o mundo do trabalho e os outros setores da sociedade.

b) Podem ser fortalecidos vínculos com o mundo do trabalho, por meio da participação de seus representantes nos órgãos que dirigem as instituições, do aproveitamento mais intensificado de oportunidades de aprendizagem e estágios envolvendo trabalho e estudo para estudantes e professores, do intercâmbio de pessoal entre o mundo do trabalho e as instituições de educação superior, e da revisão curricular visando uma aproximação maior com as práticas de trabalho. (Declaração Mundial sobre Educação Superior, 1998, p. 23)

A relação entre estudo e trabalho não pode ter a estreiteza de vista do emprego para amanhã, mas deve ser pensada em termos de longo alcance. Fica claro que se rompeu definitivamente uma barreira que separava, do trabalho, a formação acadêmica. O trabalho da sociedade pós-industrial absorve, cada vez mais, conhecimentos. E os conhecimentos são percebidos em sua relação com a totalidade da vida, em que se inclui, necessariamente, o trabalho.

Foi observando os princípios das *Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação* (2002), em que se menciona que a Universidade deve fortalecer a articulação da teoria com a prática e valorizar a pesquisa individual e coletiva, bem como as experiências com os estágios da área, que surgiu o interesse pelo estudo do Estágio Supervisionado.

A análise documental, de maneira crítica e reflexiva, das *Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação* (2002, p. 10) provocou a investigação sobre a caracterização do Estágio Supervisionado de Secretariado Executivo. Houve a conscientização de que o Curso deve atender ao perfil do profissional proposto:

Pelo seu caráter implementador de desempenhos profissionais antes mesmo de se considerar concluído o curso, é necessário que, à proporção que os resultados do estágio forem sendo verificados, interpretados e avaliados, o estagiário esteja consciente do seu atual perfil, naquela fase, para que ele próprio reconheça a necessidade da retificação da aprendizagem, nos conteúdos em que revelará equívocos ou insegurança de domínio, e da própria reprogramação da prática, assegurando-se-lhe, nessa reorientação e reprogramação teórico-prática, o direito subjetivo constitucional ao padrão de qualidade, que se revelará no exercício profissional, já no âmbito das instituições sociais.

Como profissional desta área e como professora do Curso, também o interesse por esta pesquisa decorre das novas exigências que se colocam hoje para o ensino superior, que visam propiciar uma formação profissional condizente com as rápidas transformações sociais.

E, por fim, atendendo ao novo projeto pedagógico da Universidade, em seu documento *Diretrizes para o Ensino de Graduação da PUCPR* no que se refere, principalmente, aos princípios gerais orientadores do ensino na PUCPR, permitem construir a relação entre os processos de ensinar e aprender e o desenvolvimento de aprendizagens importantes para o futuro, por meio do trabalho dos professores:

- Participação ativa dos alunos em cada unidade de aprendizagem: realização de atividades que correspondam às aprendizagens importantes a desenvolver para os alunos estarem aptos a lidar com as circunstâncias com as quais de defrontarão como profissionais e como cidadãos.
- Exigências feitas em pequenos passos ou etapas de aprendizagem de interesse: a quantidade, a complexidade de cada etapa ou passo de aprendizagem precisam ser compatíveis com as possibilidades dos alunos.
- Conseqüências informativas para cada passo ou etapa realizado pelo aluno: *feed-back* imediato a cada pequena etapa de aprendizagem, a fim de orientar os alunos quanto à adequação ao seu trabalho (avaliação processual).
- Encaminhamento imediato de acordo com o que é realizado pelo aluno em cada etapa ou passo: dar oportunidade ao aluno para completar ou corrigir o que fez, até estar correto e completo, de acordo com os critérios de suficiência e adequação da aprendizagem em foco.
- Condições apropriadas às características de aprendizagem de cada aluno: tendo cada aluno possibilidades e condições diferentes para realizar cada tipo de aprendizagem solicitadas pelo professor, deve-se criar condições de estudo complementar, atendimentos adicionais, entre outras atividades que, orientadas, possibilitem o avanço dos alunos (2000).

A análise das Diretrizes propostas (a palavra diretriz, segundo o próprio texto, refere-se a “uma maneira mais convocadora do que prescritiva ou normatizadora”) vem delinear as ações educativas da Universidade e contribuir para construir uma proposta de Estágio Supervisionado do Curso de Secretariado Executivo da PUCPR, que venha oferecer uma formação que atenda às exigências da sociedade num paradigma emergente.

O Estágio Supervisionado é o momento de entrelaçar a teoria e a prática. Com essa perspectiva, o Curso de Secretariado Executivo da PUCPR optou por

iniciar abordagens práticas desde os primeiros períodos e inserir os estudantes no estágio do 5.º ao 8.º período.

#### 4.2 DESCRIÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO CURSO DE SECRETARIADO EXECUTIVO

Para os alunos ingressantes no Curso de Secretariado Executivo a partir do ano letivo de 2000, conforme currículo pleno do Curso, o Estágio Supervisionado terá uma duração mínima de 432 horas, assim distribuídas: 72 horas no 5.º período; 72 horas no 6.º período; 144 horas no 7.º período; 144 horas no 8.º período.

No 5.º e 6.º períodos, o aluno deverá desenvolver um trabalho de pesquisa sobre a profissão de Secretário Executivo; realizar estudos independentes; visitas técnicas nas empresas; e elaborar o pré-projeto de estágio, com a colaboração e supervisão do professor orientador. Durante o 7.º e 8.º períodos, aplicará o seu projeto de estágio por meio de atividades a realizar na Empresa concedente - campo de estágio, e redigirá o seu relatório.

As atividades em campo, correspondentes às 144 horas a serem desenvolvidas no 7.º período, poderão ser realizadas em 18 dias úteis e consecutivos de 8 horas diárias, ou em 36 dias úteis e consecutivos de 4 horas diárias, após a devida aprovação da Coordenação de Estágio e Direção do Curso.

### Etapas do Estágio Supervisionado:

<b>Etapa I</b> 5.º período 72 horas	<ul style="list-style-type: none"><li>– Considerações Gerais sobre o Estágio Supervisionado</li><li>– Pesquisa sobre a Profissão (escolha do tema)</li></ul>
<b>Etapa II</b> 6.º período 72 horas	<ul style="list-style-type: none"><li>– Elaboração do Pré-Projeto de Estágio Supervisionado</li><li>– Realização de Estudos Independentes</li></ul>
<b>Etapa III</b> 7.º período 144 horas	<ul style="list-style-type: none"><li>– Elaboração do Projeto do Estágio Supervisionado</li><li>– Definição do Campo de Estágio</li><li>– Desenvolvimento do Estágio Supervisionado</li><li>– Redação do Esboço de Relatório Final</li></ul>
<b>Etapa IV</b> 8.º período 144 horas	<ul style="list-style-type: none"><li>– Elaboração do Relatório Final</li><li>– Apresentação e defesa do Relatório de Estágio Supervisionado</li></ul>

Na primeira etapa, as atividades com duração de 72 horas e desenvolvidas no decorrer do 5.º período do Curso, deverão ser iniciadas com a pesquisa sobre a profissão. Após a definição do tema pelo estagiário, serão determinados os objetivos, a metodologia, a revisão da literatura, a análise e a interpretação para a elaboração do texto. O trabalho resultante da pesquisa constará de 5 laudas, no mínimo, e de 7 laudas, no máximo. Será parte integrante dos anexos ao relatório a ser apresentado no 8.º período. O texto deverá estar redigido em português, incluindo o resumo da pesquisa nas línguas inglesa e espanhola. Será individual, e o tema a ser desenvolvido deverá ter relação com a sua área profissional.

A segunda etapa é a fase de elaboração do pré-projeto de estágio e de estudos independentes, redigidos sob a supervisão do professor orientador.

O pré-projeto faz parte do planejamento e da realização do Estágio Supervisionado. Nele, deverão ficar evidenciados os objetivos a serem alcançados, a área de atuação e a descrição das atividades a serem desenvolvidas. Posteriormente, fará parte integrante do relatório final.

### Estudos Independentes

O estudo independente privilegia o estagiário como agente central do processo de formação, favorecendo seu desenvolvimento como indivíduo. Proporciona a oportunidade de se formar o profissional consciente do seu papel como agente empreendedor, acompanhando as mudanças organizacionais e propondo alternativas ao processo produtivo.

Serão considerados como estudos independentes:

- Banco de dados de trabalhos acadêmicos pesquisados (monografias, relatórios, entre outros).
- Criação de “Cases Empresariais” dos resultados dos estágios realizados.
- Visitas técnicas nas empresas.
- Participação em congressos, seminários, oficinas e outras atividades.

Os estudos independentes contribuirão para o melhor ajustamento entre as necessidades, interesses e expectativas do aluno e a realidade que enfrentará no exercício da profissão.

A terceira etapa tem a finalidade de orientar, acompanhar e avaliar o estagiário no desenvolvimento e execução do projeto de estágio, sob a supervisão do orientador da Empresa, do professor orientador e da Direção do Curso. É nessa fase que o acadêmico deverá coletar os dados a serem utilizados na elaboração de seu relatório.

O estagiário, ao dirigir-se para o local de estágio, apresentará ao seu orientador, designado pela empresa, os documentos necessários para o acompanhamento de suas atividades e que lhe serão entregues pelo professor orientador. Nessa fase, o aluno deverá coletar dados para a elaboração do relatório.

A quarta etapa consiste na elaboração, apresentação e defesa do relatório final. Nesse relatório, o estagiário deverá apresentar os resultados obtidos de acordo com o projeto, avalia seu desempenho dentro da empresa, salientando as facilidades, dificuldades, pontos positivos e negativos de seu estágio e propõe sugestões concretas para a melhoria de processos operacionais da empresa.

A elaboração do relatório objetiva acompanhar o aluno no estágio, como também iniciá-lo na produção de relatórios específicos relacionados com as atividades profissionais futuras e, ainda, fornecer aos orientadores os dados para a sua avaliação.

Após o término do estágio, o aluno terá 15 dias para apresentar ao professor orientador o relatório parcial. O relatório final deverá ser entregue sob protocolo na secretaria do Curso, em 3 vias, encadernado, com 10 dias de antecedência da data determinada para sua apresentação.

O presente capítulo englobou vários fatores que influenciam, atualmente, a concepção de estágio na formação dos profissionais de Secretariado Executivo. Muitos problemas são enfrentados pelos professores, considerando a preocupação de formar futuros profissionais competentes e conhecedores da realidade do mundo do trabalho.

Para Riani (1996, p. 128):

repensar os estágios supervisionados é uma tarefa urgente da universidade, não num nível puramente teórico ou desvinculado da realidade em que o aluno se insere, mas principalmente enquanto elemento integrador entre teoria e prática, enquanto parte da formação profissional do educando, já que este visa ser incorporado ao mercado de trabalho.

Trata-se de uma questão muito séria que preocupa estudantes e professores e que exige a investigação de possíveis soluções.

É necessário pensar sobre a dimensão formadora e social do estágio supervisionado, o que pressupõe questionar que profissional se quer formar e para qual sociedade, definindo assim, o perfil e as competências a serem buscadas no processo de formação dos estudantes. É importante também ressaltar que o estágio deve atender realmente às exigências de formação para as necessidades colocadas pela sociedade atual.

Cabe aos professores supervisores transformar os estágios em experiências vivenciadas e relevantes para os alunos e indispensável ao processo ensino-aprendizagem. O estágio deve ser desenvolvido com novas metodologias, que visem à construção de projetos de ação, partindo do conhecimento dos alunos e fundamentando-se nos conhecimentos teóricos adquiridos, de forma a interagir com os interesses da sociedade.

Dessa forma, o estágio deixará de ser apenas elemento de complementação e integração para se transformar em ação efetiva e necessária à formação prática profissional, vinculada a todas as ações do currículo acadêmico, proporcionado aos alunos melhores condições para construção de seu projeto de vida e de cidadão.

## **CAPÍTULO 5**

### **A PESQUISA REALIZADA: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS**

A presente pesquisa buscou investigar o Estágio Supervisionado do Curso de Secretariado Executivo. Optou-se por realizar uma pesquisa que envolvesse como sujeitos: alunos, ex-alunos, ex-diretores do Curso, professores orientadores de Estágio Supervisionado e representante do Sindicato dos Secretários do Estado do Paraná. A pesquisa foi realizada no período de novembro de 2002 a abril de 2003, por meio de questionários abertos aos envolvidos. Os sujeitos serão denominados como: ex-alunos (A), alunos (B), ex-diretores (C), professores orientadores (D) e representante da categoria profissional (E).

A proposição de uma pesquisa que contemple uma visão qualitativa e participante implica investigar e registrar como vem ocorrendo a prática do ESSE. Essa análise e acompanhamento têm como finalidade a possível reconstrução do ESSE, a partir da investigação teórico-prática e da contribuição dos sujeitos envolvidos. O processo de pesquisa permite envolver uma análise e avaliação do aproveitamento prático-profissional dos estudantes no desenvolvimento das atividades do ESSE.

Para buscar a formação do aluno e desenvolver essas atividades funcionais, o Curso deve oferecer uma prática pedagógica que alie a teoria acadêmica à prática

no campo do trabalho. O Estágio Supervisionado, nesse sentido, é parte integrante do currículo do Curso que auxilia e complementa as outras ações pedagógicas.

Esta pesquisa levou em conta, em sua metodologia, essas particularidades do Curso de Secretariado Executivo e do Estágio Supervisionado. Assim, o marco teórico da pesquisa foi embasado no levantamento bibliográfico realizado pela pesquisadora e das contribuições levantadas junto aos sujeitos envolvidos na pesquisa.

A pesquisa participante foi realizada a partir dos pressupostos apresentados por Lakatos e Marconi (1999, p. 93), cujo objetivo inicial é “ganhar a confiança do grupo, fazer os indivíduos compreenderem a importância da investigação, sem ocultar o seu objetivo ou sua missão”. Segundo essas mesmas autoras, a pesquisa participante “consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo” (p. 92).

A partir dessa visão, optou-se por apresentar as fases da pesquisa teórico-prática:

Na primeira fase, foi realizada uma investigação dos referenciais teórico-práticos sobre a problemática.

A segunda fase, envolveu a participação da pesquisadora na coleta dos dados sobre a vivência, a pertinência e a relevância do Estágio Supervisionado de Secretariado Executivo. Nessa fase, os ex-alunos, os alunos do 7.º período e os ex-diretores participaram da pesquisa respondendo a questões, por meio de questionário aberto.

Como terceira fase, foram colhidas as contribuições dos sujeitos docentes sobre suas impressões sobre o Estágio Supervisionado de Secretariado Executivo

por meio de questionário aberto junto aos professores orientadores de estágio do Curso.

Como quarta fase da pesquisa, foi construído e aplicado questionário aberto para colher contribuição da Presidente do Sindicato dos Secretários no Estado do Paraná sobre o ESSE.

A quinta fase envolveu a coleta, organização e dos depoimentos apresentados pelos sujeitos.

Na sexta e última fase, foram delineados pontos norteadores para uma proposta, visando contribuir para a melhoria do Estágio Supervisionado no Curso de Secretariado Executivo da PUCPR.

## 5.1 DADOS DA PESQUISA

### 5.1.1 Contribuição dos ex-alunos do Curso

Dentre os dez ex-alunos que foram convidados a participar desta segunda fase da pesquisa, sete deles manifestaram a sua opinião ao responderem ao questionário composto de cinco questões sobre o ESSE. Os ex-alunos serão denominados como sujeitos A e seus respectivos números de 1 a 7.

### **Benefícios da realização do ESSE**

Ao indagar aos ex-alunos sobre: **Quais os benefícios que a realização do Estágio Supervisionado trouxe para sua formação profissional?** Pôde-se colher os seguintes depoimentos:

“O Estágio possibilitou confrontar o aprendizado com a realidade da empresa. As atividades são as mais diversificadas e a atuação abrangente”. (Sujeito 1A)

“Obtive muitos, e dentre eles posso destacar:

- A experiência teórica em prática (atividades que tive que desenvolver, bem como aprender a utilizar equipamentos que não faziam parte do meu dia-a-dia);
- O fato de dominar alguns conhecimentos de contabilidade e direito, me possibilitou maior entrosamento com minha supervisora de estágio na empresa para que eu realizasse as atividades solicitadas (confiabilidade);
- Pude apresentar minha capacitação e obter o reconhecimento da Diretoria para me contratar como Secretária Executiva”. (Sujeito 2A)

“Através do Estágio Supervisionado foi possível ampliar a visão profissional pelo acesso às informações de toda a estrutura empresarial. O Estágio é essencial para a formação profissional de acadêmico, pois aproxima a teoria da prática, e, ao deixar a Universidade, este novo profissional está preparado para desempenhar as atividades secretariais de forma eficaz, com habilidade e competência”. (Sujeito 3A)

“O principal benefício foi o de estabelecer um entrosamento entre o conhecimento teórico obtido em sala de aula e as informações práticas recebidas na empresa”. (Sujeito 5A)

Os relatos dos sujeitos 1A, 2A, 3A e 5A enfatizam que no Estágio Supervisionado os estudantes podem aliar a teoria à prática, compreendendo assim as razões de terem determinados conteúdos no currículo do Curso. Além do aspecto prático do ESSE, também é uma fase de reflexão sobre a importância do conhecimento acadêmico.

Já os sujeitos 4A e 6A, apontam outros aspectos do ESSE que beneficiam o futuro profissional e que são essenciais para o mundo do trabalho como o amadurecimento profissional, o enfrentamento das mais diversas situações no mundo corporativo, a importância de aprender a trabalhar em equipe, entre outros citados, destacou:

- “Aprender a assumir responsabilidade (erros e acertos);
- Maturidade profissional;
- *Networking*;
- Aprimoramento do relacionamento interpessoal;
- Trabalho em equipe;
- Ter consciência e autonomia para tomar grandes decisões”. (Sujeito 4A)

“No Estágio Supervisionado pude perceber a importância do trabalho em grupo, da administração do tempo, da colaboração, da organização do seu trabalho, e principalmente a importância de uma boa orientação”. (Sujeito 6A)

Dessa maneira, ao se analisar as respostas, pode-se notar que os sujeitos que compõem o grupo A destacam que o ESSE é um momento do Curso no qual é possível conhecer a estrutura organizacional da empresa na prática. O estágio possibilita a aproximação com a realidade empresarial, tanto no sentido administrativo, como nas questões voltadas ao comportamento e ao relacionamento interpessoal do profissional de Secretariado Executivo. É o momento de tomar consciência de que o conteúdo teórico estudado na Universidade pode agora ser colocado em prática com as atividades de Estágio Supervisionado.

### **Dificuldades pessoais**

Com a indagação: **Quais foram as suas dificuldades pessoais encontradas no decorrer do Estágio?** Foi possível colher as seguintes contribuições dos ex-alunos do Curso:

“A maior dificuldade foi o desencontro de informações proveniente da Coordenação do Curso”. (Sujeito 1A)

“Fazer com que minha supervisora confiasse em minha competência e desenvolvesse minhas habilidades para assessorá-la, bem como ao Superintendente. Relacionamento interpessoal (algumas pessoas não me passavam informações alegando que eu era só estagiária), mas com ‘jeitinho’ sabia contornar e adquirir confiança”. (Sujeito 2A)

“As dificuldades no decorrer do estágio foram: falta de bibliografia no tema para pesquisa na profissão; pouca participação do supervisor da empresa; dificuldades em definir uma metodologia para o alcance das metas propostas”. (Sujeito 3A)

“Ser aceita no meio profissional, onde todos já se conhecem; aprender novas tarefas; engolir sapos; relacionar-se com pessoas de personalidade forte e imparcial”. (Sujeito 4A)

“A maior dificuldade foi fazer com que as pessoas do setor no qual o estágio está sendo realizado, compreenda que a atividade que você está desempenhando ali é importante”. (Sujeito 5A)

“A falta de orientação no local do estágio”. (Sujeito 6A)

Pelos depoimentos dos sujeitos pôde-se perceber, conforme contribuição do sujeito 1A, que as dificuldades pessoais encontradas no ESSE foram, na sua

maioria, voltadas aos relacionamentos interpessoais, na Universidade e o relacionamento nas empresas, foram destacados pelos sujeitos 2A, 3A, 4A e 6A.

Pela análise das contribuições foi possível observar que há a necessidade de maior entrosamento entre a Universidade e os orientadores de estágio na empresa para que os alunos se sintam mais amparados. Os contatos de estágio da Universidade são importantes para esta aproximação Universidade/Empresa, para que os envolvidos percebam a importância dessa experiência para o aluno.

### **Falhas no processo proposto**

Na questão: **Aponte as falhas no processo proposto nas etapas desenvolvidas no Estágio e, na sua opinião, como poderiam ser superadas?**

Destacam-se as seguintes respostas:

“Acredito que se a linha de pensamento tendesse a uma só direção e se não houvesse o desencontro de informações, em grande parte os problemas seriam superados”. (Sujeito 1A)

“Possuíamos três professoras que nos orientavam (cada uma responsável por um grupo), e como as alunas entravam em contato entre si, cada uma tinha uma informação diferente, ou seja, as orientações eram inúmeras e ninguém sabia a quem seguir...a sugestão é que as orientações fossem as mesmas e que as orientadoras melhorassem o relacionamento entre elas”. (Sujeito 2A)

“As etapas desenvolvidas durante o estágio foram bem discriminadas no manual, porém não foram cumpridas todas as atribuições descritas. As etapas propostas aos acadêmicos, coordenadores e supervisores das empresas, deveriam ser procedidas de forma mais rigorosa e em datas específicas, por exemplo: o roteiro para elaboração do relatório de estágio supervisionado, os itens deveriam ter uma data de entrega pré-agendada, assim todos os acadêmicos estariam na mesma direção. Como a turma é dividida por coordenadoras, estes deveriam ter as mesmas instruções, seguindo o mesmo roteiro, não ocorrendo assim confusões entre os acadêmicos, principalmente na hora da formatação do relatório. Já os supervisores de estágio na empresa deveriam ter mais contatos com os coordenadores e vice e versa, para poder exigir mais do acadêmico nas atividades desenvolvidas durante o estágio, interligando a teoria com a prática, proporcionando ao acadêmico uma visão holística”. (Sujeito 3A)

A contribuição do sujeito 3A demonstra a importância de ser cumprido com rigor o cronograma de atividades de Estágio Supervisionado. Todos os alunos envolvidos deveriam cumprir, ao mesmo tempo, os objetivos propostos. Reitera-se aqui pelo sujeito 3A que deveria haver um estreito relacionamento entre o orientador de estágio da Universidade com o supervisor de estágio na empresa, o que viria a contribuir para o crescimento profissional do estagiário.

“Falha: pouco tempo para a elaboração das pesquisas.

Solução: maior explicação sobre o assunto e maior tempo para a pesquisa, já que essa é uma pesquisa muito diferente do que aquelas que os universitários estão acostumados a fazer (copiar e colar da Internet).

Falha: o manual demorou muito tempo para ficar pronto.

Solução: ter um manual pronto antes mesmo de começar a explicar o trabalho para os alunos.

Falha: divergências entre o manual e explicações das orientadoras.

Solução: uniformizar o manual, para tanto é necessário que se faça um teste com ele para ver se as configurações exigidas dão certo, pois no manual anterior as margens não davam certo seguindo o manual.

Falha: não houve ensino (matéria) sobre a metodologia de trabalho.

Solução: colocar no currículo do curso uma matéria sobre metodologia de trabalho e de como montar uma apresentação.

Falha: falta de professores para acompanhamento das traduções (muita gente pagou para traduzir) e as pesquisas não foram corrigidas!

Solução: dispor de professores para este tipo de orientação de acordo com os horários que os alunos podem e não que os professores podem, pois quem precisa são os alunos.

Falha: dificuldade de acesso a algumas orientadoras”. (Sujeito 4A)

“A maior falha no processo é com relação à comunicação, que acaba confundindo as estagiárias e fazendo com que elas se sintam inseguras sem saber o que realmente é para ser feito”. (Sujeito 5A)

“Infelizmente tivemos pouco tempo para efetivação de todas as atividades propostas. Na apresentação oral, não tivemos orientações de oratória, e tivemos o retorno apenas pelas notas, não sabemos no que erramos e como poderíamos melhorar. Houve muita dúvida, já que a sala foi dividida em três orientadoras, e pudemos perceber que cada uma tinha suas regras. Seria mais fácil se as orientadoras seguissem um roteiro de projetos, supervisão e apresentação”. (Sujeito 6A)

A quase totalidade dos alunos envolvidos apontou que, basicamente, a principal falha observada foi relativa às divergências de opiniões e de critérios das orientadoras de estágio na Universidade, o que criou insegurança e grande insatisfação.

Assim, propõe-se que o relacionamento entre as orientadoras de estágio na Universidade seja muito próximo e que as informações sejam claras e uniformes, evitando-se os comentados problemas de comunicação.

Outras falhas foram apontadas como o não cumprimento de alguns dos itens do *Manual de Estágio* e, novamente citada, a falta de contato entre a Universidade e a Empresa por parte dos orientadores de estágio, concluindo-se que este distanciamento não é saudável para as partes envolvidas.

### **Ficha de avaliação do relatório final**

A quarta questão buscou contribuições a partir da indagação: **Comente sobre a ficha de avaliação do relatório final de Estágio Supervisionado e apresente sugestões:**

**perfeitamente adequada**

**razoavelmente adequada**

**inadequada**

As respostas dos sujeitos foram:

“A avaliação deveria ser efetuada, com mais peso, pela Orientadora da aluna e não pelas demais, pois quem sabe do esforço, das dificuldades ou da postura ética é a sua Orientadora”. (Sujeito 1A)

A contribuição do sujeito 1A é muito pertinente. A avaliação do orientador do aluno deve ter peso maior, bem como, deve-se levar em consideração as observações positivas e negativas feitas pelo orientador. Outro aspecto como, por exemplo, formatação do relatório nas normas da ABNT, é fator necessário para a conclusão do Curso mas, sem dúvida que deve ser observado com mais rigor o

conteúdo do relatório, o esforço e envolvimento demonstrados pelo aluno no decorrer do processo de Estágio Supervisionado.

“Razoavelmente adequada. Interessante, mas houve atividades relevantes que eu desenvolvi e que não foram mencionadas na ficha, pois não havia espaço para observações e/ou inclusão. Minha supervisora de estágio na época me questionou sobre isso. No restante, creio que estavam de acordo com o que já havia sido mencionado por nossas professoras e orientadoras”. (Sujeito 2A)

“Razoavelmente adequada. Planejamento do estágio supervisionado: OK. Avaliação da empresa: se as orientadoras não acompanham o estágio, nunca foram na empresa, como vão saber se esta nota está correta? Relatório de estágio supervisionado: OK. Apresentação do relatório: deveria ter mais instruções de como montar a apresentação. Pesquisa da profissão: em português OK, porém inglês e espanhol, como mencionado anteriormente, estes não foram nem corrigidos, como podem atribuir nota para eles?” (Sujeito 4A)

“Razoavelmente adequada. Não deveria ter apenas notas, mas comentários das atividades realizadas por nós”. (Sujeito 6A)

“Perfeitamente adequada. A ficha de avaliação do relatório é adequada, mas poderia conter justificativas do coordenador e supervisor do estágio nas avaliações dadas aos acadêmicos”. (Sujeito 3A)

Percebe-se com estes depoimentos que a maioria dos Sujeitos envolvidos consideram a ficha de avaliação do relatório final do ESSE como razoavelmente adequada. Poderia ser inserido um espaço para observações do orientador, tanto da empresa como da Universidade, para o enriquecimento da avaliação que se apresenta atualmente muito pontual. Para o acadêmico, é importante saber da opinião crítica do seu orientador, que é a pessoa que o acompanhou nesta caminhada à conclusão do Curso.

### **Contribuição do ESSE para melhoria da formação profissional**

Como quinta e última indagação aos ex-alunos foi proposta: **Como o Estágio Supervisionado poderia ser aperfeiçoado para melhorar a formação do Secretário Executivo?** Destacam-se as seguintes respostas:

“Em princípio, deveria se dar ênfase à disciplina de metodologia científica. Para a apresentação dos projetos, acredito que com uma maior ênfase quanto à postura, técnicas de apresentação e certos detalhes que poderiam ter sido comentados antes das apresentações”. (Sujeito 1A)

A contribuição do sujeito 1A, tendo em vista a melhoria da formação profissional por meio do Estágio Supervisionado, demonstra a necessidade de serem mais profundamente estudados os aspectos da metodologia científica. Alunos em fase de conclusão de curso de graduação já devem ter esses conhecimentos considerados básicos na vida acadêmica.

“Na época em que fiz o estágio senti necessidade de maior tempo para conhecer e exercer minhas habilidades na empresa (poucas horas de estágio). Mas esse problema já foi resolvido com o significativo aumento de carga horária para estágio. Outro ponto fundamental é a presença da nossa orientadora na empresa, creio que duas a três visitas seriam interessantes. Maior utilização em horas/aula no Escritório Modelo, bem como equipá-lo com equipamentos que usaremos em nossas atividades como: aparelho de fax, telefone para transferência de ramais, modelos de arquivos para praticar, etc.” (Sujeito 2A)

Outro fator relevante para o Curso de Secretariado Executivo, destacado pelo sujeito 2A, é a Universidade ter disponível um Escritório Modelo equipado, onde os alunos teriam aulas práticas de técnicas secretariais.

“Participação mais efetiva do supervisor na empresa; antes da apresentação do relatório deveria ser entregue uma prévia do mesmo para a banca avaliadora e depois da apresentação e feitas as correções necessárias, daí sim o acadêmico entregaria o relatório definitivo; visitas a outras organizações, aproximando o discente da realidade empresarial, onde este vai obter novos conhecimentos nos processos empresariais adquirindo novas idéias que o ajudarão a desenvolver uma proposta de melhoria que realmente seja utilizada na sua organização; fazer *brainstorm* com os discentes, porque a troca de experiência pode gerar idéias para o discente realizar um excelente trabalho”. (Sujeito 3A)

Já o sujeito 3A comenta sobre a importância da participação mais próxima do supervisor da empresa, que é uma maneira de incentivar o aluno, tanto pelas atividades de estágio a serem desenvolvidas, como pelo interesse pela profissão

que esse apoio pode gerar. A sugestão sobre visitas técnicas nesta fase de estágio, onde os alunos já estão mais envolvidos com a profissão, e posterior encontro na Universidade para troca de experiências com alunos e professores, é uma rica contribuição para o ESSE. Essa atividade daria aos alunos a oportunidade de relatar suas experiências e conhecimentos obtidos na Universidade e no ESSE.

“Como realizei o meu estágio supervisionado em uma empresa na qual eu já estava trabalhando, não tenho como dar muitas opiniões. Porém, acho que as orientadoras deveriam dar mais atenção às empresas que estão prestando este serviço para a PUCPR, dando uma oportunidade para o universitário. Já na Universidade, a notícia do relatório de estágio deveria ser mais explicada, sem muitas informações ao mesmo tempo, dar mais planejamento e organização na desenvoltura da montagem desse maravilhoso trabalho. Não deixar os alunos aflitos, como por exemplo: ‘data fatal’ de entrega de trabalho, 100% de frequência, não podendo nem ficar doente neste período. Este tipo de informação faz com que os alunos entrem em pânico e isso atrapalha muito na hora de começar o trabalho, que é a hora mais importante, onde escolhemos o tema e a maneira de como nos comportar frente a ele”. (Sujeito 4A)

“A carga horária dessa disciplina deveria ser maior para que a prática no estágio pudesse ser mais desenvolvida”. (Sujeito 5A)

“Infelizmente tivemos orientação de pesquisa somente no último ano, o que nos causou várias dificuldades, as quais tivemos pouco tempo para solucioná-las. A idéia de ter um orientador nos quatro anos de curso é muito válida, ter um horário direcionado a pesquisa, para que os alunos tenham o hábito de pesquisar e que no final do curso ele já tenha uma idéia direcionada para o Mestrado, e com certeza o Estágio seria melhor aproveitado, porque teria sido trabalhado com mais calma. Acredito que o Estágio Supervisionado não deveria ser em forma de melhoria no setor e sim avaliação da competência e habilidade do futuro profissional”. (Sujeito 6A)

Com os depoimentos dos sujeitos 4A, 5A e 6A, ficou evidenciado que deve haver integração entre a Universidade e a Empresa. Também, constatou-se a necessidade de visitas técnicas para a aproximação com outras organizações. A troca de experiências entre os acadêmicos em forma de oficinas, painéis ou mesas-redondas, também é uma sugestão para o enriquecimento do ESSE.

### 5.1.2 Contribuições dos alunos do 7.º período do Curso

Dentre os quinze alunos do 7.º período do Curso que foram convidados a participar desta pesquisa, nove deles manifestaram a sua opinião ao responderem o

questionário composto de quatro questões sobre o ESSE. Esses alunos serão denominados de sujeitos B, com os respectivos números de 1 a 9.

## **Benefícios do ESSE**

Ao se indagar: **Quais os benefícios que a realização do Estágio Supervisionado vem oferecendo para sua formação profissional?** Obtiveram-se os seguintes depoimentos dos sujeitos:

“Conhecimentos de como desenvolver um projeto, agregou muitos valores na minha vida profissional, pois nunca soube como se montaria um projeto; pelo tipo de estágio a proposta é ótima, mas muitas vezes as pessoas não sabem desenvolver”. (Sujeito 1B)

“Os projetos devem ter uma estrutura baseada em fases, processos e disciplina, na tomada de decisões e ações. A pesquisa é fundamental quando se quer realizar um projeto, pois a partir desse estudo consegue-se chegar a uma opinião própria”. (Sujeito 2B)

“Propicia a adequação da teoria para a prática”. (Sujeito 3B)

“Os benefícios são vários. Mas o principal é colocar em prática o aprendizado de sala de aula, aprimorando o trabalho e crescendo pessoal e profissionalmente”. (Sujeito 4B)

“Acredito que para os formandos que ainda não trabalham na área e não possuem nenhuma experiência. Porém, no meu caso, o estágio não agrega e até é bem difícil entendê-lo já que a prática é bem diferente da teoria”. (Sujeito 5B)

“O benefício de implantar melhorias na empresa, de desenvolver projetos, possibilita ter uma visão crítica, crescimento profissional e pessoal”. (Sujeito 6B)

“Minhas experiências e contatos foram todos adquiridos durante os estágios. E o Estágio Supervisionado Obrigatório do 4.º ano está sendo uma experiência diferente das demais, devido ao projeto de melhoria que deverá ser apresentado à empresa. Acho de extrema importância”. (Sujeito 7B)

“A proposta contida no manual de estágio é boa, pois permite que o aluno aprenda como é a realidade de sua profissão dentro de uma empresa, porém, as empresas não conhecem as suas competências (de Secretário Executivo)”. (Sujeito 8B)

“A aplicação dos conteúdos (poucos!) aprendidos na Universidade. Devido ao número de horas, torna-se difícil de exercitar a teoria através do Estágio, porém ainda é um dos poucos recursos onde pode-se fazer isto”. (Sujeito 9B)

Com os depoimentos colhidos sobre os benefícios que o ESSE traz para a formação profissional, constata-se que a maioria reconhece a importância do Estágio Supervisionado no desenvolvimento de habilidades e competências. Entretanto, na

opinião do sujeito 8B, parece que o mercado de trabalho desconhece as competências do profissional de Secretariado Executivo.

### **Quanto à explicitação do desenvolvimento do ESSE**

A segunda indagação feita aos alunos do 7.º período foi: **Quanto à explicitação do que se devia desenvolver no Estágio, você considera que:**

- ( ) foi claramente explicitado**
- ( ) foi razoavelmente explicitado**
- ( ) foi insatisfatoriamente explicitado**
- ( ) não foi explicitado**

Dos depoimentos respondidos por 9 dos sujeitos: 5 responderam que “foi razoavelmente explicitado”, sendo que um observou que este fato deveu-se à diversidade de idéias entre os orientadores; dois responderam que “foi claramente explicitado”; e outros dois responderam que “foi insatisfatoriamente explicitado”.

As respostas a esta segunda indagação é importante, pois, por meio delas, pode-se verificar o grau de entendimento dos alunos quanto aos procedimentos dos professores orientadores de estágio. A maioria respondeu que a explicitação quanto ao desenvolvimento do ESSE foi razoável. Novamente, percebe-se entre os alunos a insatisfação quanto às orientações dos professores.

## **Competências e habilidades a serem desenvolvidas no ESSE**

Ao se propor o questionamento: **Na sua opinião, quais as competências e habilidades básicas deveriam ser desenvolvidas durante o Estágio Supervisionado de Secretariado Executivo?** Destacam-se alguns depoimentos relevantes:

“Maiores informações de como uma secretária deve se comportar dentro de uma empresa; aprendizagem maior de como gerenciar o posto de Secretária Executiva”. (Sujeito 1B)

“Criar uma postura de Secretário Executivo, agregando a experiência profissional já adquirida anteriormente. Tendo em vista que muitas pessoas não têm nenhuma experiência, mas aí poderá ser criada as competências e habilidades básicas para essas pessoas, associando o estudo acadêmico com a vivência fora a sala de aula”. (Sujeito 2B)

“Postura, ética profissional, psicologia interpessoal, estratégias organizacionais”. (Sujeito 3B)

“Aulas de Metodologia. Consenso entre os professores que orientam, principalmente em relação à pesquisa científica e os professores que dão suporte como os de português”. (Sujeito 5B)

“Acho que o estágio deveria ser aplicado junto a alguém já com o cargo de Secretário Executivo, para ser possível trocar idéias e aprender com experiências já vividas, até porque muitos não trabalham na área e não exercem a função de Secretário”. (Sujeito 6B)

“Deveria ser desenvolvido o espírito de equipe e união, além da ética profissional entre os secretários”. (Sujeito 7B)

“O gerenciamento de projetos, capacidade de decisão, exercitar alguns conteúdos”. (Sujeito 8B)

As respostas revelam a necessidade dos sujeitos em reconhecer o perfil profissional do Secretário Executivo. Em geral, as respostas se voltaram para as questões de comportamento como postura, relacionamento interpessoal, trabalho em equipe, ética profissional. Percebe-se que deve haver o aprofundamento da compreensão do Código de Ética desse profissional, em que se encontra, no Capítulo V, os artigos 8 e 9 que tratam “das relações entre profissionais secretários” e que vale ser citado:

**Art. 8.º** - Compete aos Secretários:

- a) Manter entre si a solidariedade e o intercâmbio como forma de fortalecimento da categoria;
- b) Estabelecer e manter um clima profissional cortês no ambiente de trabalho, não alimentando discórdias e desentendimentos profissionais.
- c) Respeitar a capacidade e as limitações individuais sem preconceitos de cor, de religião, de cunho político ou de posição social.
- d) Estabelecer um clima de respeito à hierarquia, com liderança e competência.

**Art. 9.º** - É vedado ao Secretário:

- a) Usar de amizades, posições e influências obtidas no exercício de sua função, para conseguir qualquer tipo de favoritismo pessoal ou facilidades em detrimento de outros profissionais.
- b) Prejudicar deliberadamente a reputação profissional de outro Secretário.
- c) Ser, em função de seu espírito de solidariedade, conivente com erro, contravenção penal ou infração a este Código de Ética.

O tema ética tem sido amplamente discutido atualmente e é um assunto que preocupa e instiga o questionamento nas relações do mundo do trabalho. O papel do orientador de estágio na Universidade e na empresa, respectivamente, é da maior relevância, pois, com a vivência próxima, tem-se a chance de orientar o aluno para que conheçam e cumpram o Código de Ética de sua profissão.

### **Sugestões de mudança do ESSE**

Ao ser indagado aos sujeitos: O que você mudaria na proposição do Estágio Supervisionado? As opiniões expressas pelos sujeitos sobre proposições de mudanças no ESSE vêm enriquecer esta pesquisa, pois é muito importante o posicionamento dos alunos sobre o tema. Destacam-se as seguintes declarações:

“Mudaria somente a didática de alguns professores darem aula”. (Sujeito 1B)

“O Estágio Supervisionado deveria ser no período de um ano, assim poderia ser criado um Projeto de Melhoria dentro da empresa”. (Sujeito 2B)

“Maior tempo para executá-lo; metodologia científica (iniciar no máximo no 3.º período)”. (Sujeito 3B)

“Primeiramente, mudaria a quantidade de orientadoras, poderiam ser três para analisar e conferir os trabalhos, mas a orientação poderia ser passada por somente uma. Assim, acredito que as informações não seriam tão desencontradas. Mudaria, também, a aplicação

do estágio, ou seja, para pessoas que comprovadamente já trabalham na área, ficariam isentos dessa atividade". (Sujeito 4B)

"Tenho idéias, mas não vejo solução. Acho que o estágio deveria ser feito em uma empresa diferente, com estrutura diferente da que conhecemos e estamos acostumados. Assim, poderíamos ter uma visão diferente da que estamos acostumados, podendo desenvolver um melhor projeto em parceria com a própria empresa". (Sujeito 6B)

"Que todos os professores chegassem a um consenso antes de exporem aquilo que querem que seja desenvolvido no estágio supervisionado. Deveria ser feito contato da PUC com a empresa, para verificar se as atividades desempenhadas são as de um Secretário Executivo". (Sujeito 7B)

"Deveria ser remunerado podendo, assim, ser mais extenso. 'Controlar' as empresas para que fossem realmente realizadas as tarefas de Secretária Executiva". (Sujeito 8B)

Mais uma vez pode-se observar, pelas respostas dos sujeitos B, a necessidade de uma maior interação entre os professores orientadores de estágio. Os alunos têm percebido uma falta de sintonia entre os professores orientadores, o que tem causado clara insatisfação e dúvida por parte dos orientandos.

Também, destaca-se a contribuição dos sujeitos quando sugerem que o ESSE deveria ter carga horária maior no local de estágio, e que o mesmo fosse realizado em outra empresa e não no próprio emprego. Este fato tem ocorrido pelas dificuldades de dispensa dos empregadores para que os alunos possam fazer esta prática numa outra empresa, ou mesmo, em outro setor da própria empresa. Assim, havendo poucas oportunidades de o aluno estagiar em organizações diferentes, o estágio fica visivelmente empobrecido. O ideal é que estes alunos tenham a chance de conhecer outras realidades, interagir em outros segmentos empresariais e próximos a profissionais de secretariado que possam contribuir na formação desses alunos.

Ainda, foi mencionado novamente, que deve haver o contato entre Universidade/Empresa, para que os professores orientadores fiquem cientes de que as atividades desenvolvidas na empresa correspondem aos objetivos do ESSE.

### 5.1.3 Contribuições dos ex-diretores do Curso

Ainda na segunda fase da pesquisa, foram dirigidas duas questões, com questionário aberto, aos quatro ex-diretores do Curso, que serão denominados sujeito C. As respostas foram compiladas e serão apresentadas por meio de tópicos, com as manifestações de opinião sobre o ESSE.

#### ***Benefícios do ESSE***

A primeira indagação feita aos ex-diretores foi: **Do seu ponto de vista, qual o benefício que o Estágio Supervisionado traz à formação profissional do Secretário Executivo?**

A aplicação da teoria aprendida na Universidade e a inter-relação dos conteúdos são percebidos pelos alunos na realização do ESSE, pois é o momento da produção do conhecimento individual, como se pode perceber na declaração do sujeito 1C:

“O Estágio Supervisionado sendo um conjunto de atividades de natureza profissional, social e cultural, constitui-se numa estratégia de aprendizado com múltiplas vantagens para o acadêmico como: aplicação prática da teoria aprendida na universidade; maior assimilação do conteúdo das matérias curriculares; avaliação do acerto, ou não, na escolha da carreira profissional, com a correspondente correção do curso se for o caso; atenuação do impacto da passagem da vida acadêmica para o mundo do trabalho, desenvolvendo posturas ou atitudes profissionais, bem como estimulando o senso crítico e a criatividade dos acadêmicos. O Estágio Supervisionado assume um papel estratégico na formação dos novos talentos e profissionais mais preparados para enfrentar os desafios do mercado de trabalho, colocando o aluno em contato, muitos pela primeira vez, com empresas e organizações. É um eficiente processo de seleção e recrutamento de recursos humanos para as necessidades das empresas, facilitando a introdução de novas idéias e talentos no mundo do trabalho”. (Sujeito 1C)

O ponto de vista do sujeito 3C se aproxima do sujeito 1C, quando observa que o ESSE cria a oportunidade de aliar o conhecimento teórico ao prático e que o estágio propicia ao aluno a inserção nos mais diferentes segmentos empresariais, conforme a declaração a seguir:

“O Estágio Supervisionado de Secretariado Executivo propicia um vínculo curso/aluno com estabelecimentos privados (empresas) e organizações públicas, órgãos do governo, entidades públicas-privadas, sem finalidade lucrativa (associações, sindicatos, etc.), agentes autônomos (advogados, engenheiros, médicos, etc.) e entidades mistas (Copel, Sanepar, etc.). O ESSE permite ao aluno fazer a primeira inserção no mundo do trabalho e propicia vivências experienciadas em ações específicas deste profissional. Propicia o conhecimento da realidade do mundo, inclusive possibilitando uma chance de emprego. O espaço do ESSE cria a necessidade de aliar o conhecimento teórico com o conhecimento prático”. (Sujeito 3C)

O sujeito 2C também enfoca que a maior importância do Estágio Supervisionado está em reunir o conteúdo dos Programas de Aprendizagem para o desenvolvimento das atividades propostas no ESSE. Pode-se aqui fazer referência a Zabala (2002) e Morin (2001), que propõem o ensino para a complexidade.

A esse respeito, Zabala (2002, p. 58) diz:

É preciso construir um currículo que reflita o nível de incerteza presente na vida, no qual é impossível obter sempre uma única resposta válida e verdadeira para os múltiplos problemas que surgem em uma realidade na qual se inter-relacionam múltiplas e diferentes variáveis dimensões. Ou seja, uma formação que facilite uma visão complexa e crítica do mundo, superadora das limitações próprias de um conhecimento parcelado e fragmentado que, sabemos, é inútil para enfrentar a complexidade dos problemas reais do ser humano. Um conhecimento que seja global, integrador, contextualizado, sistêmico, capaz de enfrentar as questões e os problemas abertos e difusos que a realidade coloca.

Portanto, o “Estágio Supervisionado é um Programa de Aprendizagem integrador, articulando os conhecimentos específicos entre si e, também, os conhecimentos fundamentais do currículo” (SCHWARTZ et al, 2001, p. 107).

“Acredito que não somente os profissionais de Secretariado Executivo, mas qualquer acadêmico, que não usufrua durante o seu curso de estágios se distancia do mercado de trabalho e da práxis profissional. Esse acadêmico perde, com isto, oportunidades para inclusive competir no mercado de trabalho. O ambiente acadêmico é local de vivenciar e

experimentar teorias que têm principalmente no universo universitário a sua origem, princípio e causa. Assim, seria o momento de aliar a teoria à prática (o chavão é velho, mas descreve com exatidão a dicotomia das realidades empresa e escola).

No caso do Estágio Supervisionado, além de vivenciar a prática de gestão secretarial, os acadêmicos têm, não somente a supervisão, mas também a orientação de um profissional experiente e capacitado. Assim, não vejo o professor como um mero supervisor, mas, principalmente, como orientador e tutor. Ademais, esse estágio os prepara, também, para uma observação mais atenta e cuidadosa do ambiente secretarial nas suas diferentes formas de organização, bem como para a redação e apresentação de um relatório e de um projeto.

Além disso, a importância maior do Estágio Supervisionado está em organizar e trazer todas as vivências de todos os PAs em uma única experiência. É o momento de juntar todas as partes, de verificar não só detalhes, mas ter uma visão holística do funcionamento da organização e planejamento secretarial.

Todos os itens citados acima são dados que irão auxiliar e preparar o acadêmico a enfrentar situações profissionais similares às vivenciadas durante o estágio, bem como durante o preparo do relatório de estágio". (Sujeito 2C)

Para o sujeito 4C, a ética profissional deve ser fator de constante reflexão e prática. Outro fator importante no ESSE é a intensiva prática das rotinas secretariais, o que demanda uma carga horária maior para a realização do estágio supervisionado.

Destaca-se o seguinte depoimento:

"O futuro Secretário Executivo, além de vivenciar informações obtidas ao longo do curso, deve aprender que o sigilo profissional é uma de suas características mais importantes. Além disso, vivenciar o dia-a-dia de empresas proporcionar-lhe-á condições de constatar que a realidade é distinta da teoria, mas que essa permitirá que sugiram mudança, simplifiquem o fluxo de atendimento, reorganizem rotinas, informatizem arquivos, criem programas que permitam às chefias rápida visualização do andamento dos trabalhos, elaborem fluxogramas que facilitem o deslocamento no ambiente em que trabalhem, bem como o acesso a materiais de que necessitam, sem terem de se 'espremer' entre mesas, armários e arquivos, elaborar gráficos, organizar o fluxo e o registro de correspondência etc. O número de horas destinado ao Estágio Supervisionado Profissional não permite a implementação de atividades, de vez que aquelas horas ainda são reduzidas". (Sujeito 4C)

Desse modo, conforme Gisi et al (2000, p. 70):

O estágio deve ser motivo de constantes análises para que venha constituir-se em espaço propício para a formação de profissionais capazes de intervir e transformar a sociedade. Sua importância é incontestável e hoje mais do que em qualquer época o estágio se apresenta como fundamental.

Com base nestas respostas dos sujeitos C, os benefícios do ESSE são inúmeros, mas, principalmente, destaca-se a aplicação prática da teoria aprendida na Universidade.

## Atividades relevantes para o ESSE

A segunda indagação foi: **Que atividades relevantes poderiam ser desenvolvidas no Estágio Supervisionado que viriam a contribuir na formação profissional do Secretário Executivo?** As contribuições foram:

“Buscar a conciliação entre a teoria e a prática, ou o saber fazer; apoiar à formação profissional dos acadêmicos seguindo um padrão de qualidade como filosofia de trabalho da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Este é o diferencial do Estágio Supervisionado do Curso de Secretariado Executivo, consubstanciado na função social da educação das novas gerações para o trabalho. Diversos alunos iniciam e galgam posições de relevo na vida profissional, graças ao aprendizado prático complementado nas empresas concedente de vagas de estágio; aproximar e integrar a área acadêmica e mercado de trabalho, captando e divulgando vagas aos alunos e ex-alunos e, encaminhando-os à colocação profissional; os estagiários, se devidamente orientados e preparados, podem tornar-se eficientes e profissionais; oportunizar a integração com novas tecnologias e produção e serviços; moldar talentos profissionais ajustados às respectivas necessidades ou metas de trabalho; melhorar a qualificação geral dos profissionais disponíveis no mercado de trabalho reciclando conhecimentos e ofertando cursos específicos na área secretarial; orientar os estagiários na análise de seu próprio desempenho e verificar se as atividades desenvolvidas estão de acordo com as expectativas sobre o curso de formação e a carreira profissional escolhida; permitir a avaliação das características pessoais dos estagiários no desempenho das tarefas, revelando habilidades que podem ser estimuladas com vantagens para os dois lados”. (Sujeito 1C)

“Algumas sugestões que depois de longo período de distância da realidade profissional dos acadêmicos, não sei avaliar com segurança se são ou não pertinentes. A lista a seguir é resultado de tempestade de idéias: observação de um problema enfrentado pela empresa, avaliação dessa situação e apresentação de propostas de solução (empresas e situações reais); avaliação de novas tendências administrativas e suas influências no planejamento e organização secretarial, com propostas para a empresa que acolheu o estagiário; questões relacionadas a meio-ambiente e sustentabilidade; proposta de um protocolo universal para eventos; estudos de aspectos interculturais na práxis secretarial; estudo da relação Secretário Executivo, a organização e questões sociais; mini-estágios de forma que o acadêmico vivencie realidades diferentes (exemplos: eventos, hospitais, multinacionais, empresas familiares, agro-pecuárias, etc.)”. (Sujeito 2C)

“Diagnosticar com profundidade a situação secretarial do campo de estágio, quero dizer, a entidade onde será desenvolvido o estágio, criar concretamente um plano de melhorias e implantação de novos métodos para a organização; dar menor ênfase ao relatório e apresentação, criar e desenvolver nos alunos espírito profissional, autônomo e de pesquisa, nos momentos em que se encontra na organização fazendo levantamento, diagnosticando ou propondo melhorias; as atividades deveriam ser organizadas em projetos de intervenção profissional, nos quais os alunos pudessem atuar e avaliar suas ações”. (Sujeito 3C)

As contribuições dos sujeitos 2C e 3C nesta questão vem ao encontro da opinião desta pesquisadora no que se refere à criação de um plano de melhorias e

implantação de novos métodos no local onde o aluno está estagiando. Este plano de melhorias, envolvendo todo o conhecimento obtido no Curso, deve ser criado, planejado e realizado no local de estágio, de forma que seja viável sua implantação. A implantação de projetos apresentados por estudantes de Secretariado Executivo reforça a importância e necessidade deste profissional nas organizações, evidenciando-se a mudança do perfil do Secretário Executivo.

“Redação contínua de textos os mais diversos; uso do computador com excelência; arquivamento adequado e com indicadores; receber telefonemas e transmitir recados; ser capaz de tomar decisões na ausência da chefia; zelar pelo patrimônio sob sua responsabilidade; sugerir mudanças no trabalho, visando a maximizar resultados; por em prática o conhecimento teórico adquirido; utilizar modernas técnicas secretariais; utilizar a linguagem corretamente, sem vícios, ‘modismos’ ou gírias; utilização/domínio de línguas estrangeiras; filtragem de documentos, *e-mails* e outros”. (Sujeito 4C)

Das observações colhidas dos sujeitos C sobre sugestões de atividades relevantes que poderiam ser intensificadas no ESSE com vistas a contribuir na formação profissional, destacam-se a criação e o desenvolvimento nos alunos de espírito profissional, autônomo e de pesquisa.

Deve-se dar ênfase à desenvoltura nas atividades secretariais básicas, conforme sugere o sujeito 4C. E, ainda, conforme já mencionado pelos sujeitos A e B, deve-se criar formas de uma maior aproximação da Universidade e Empresa, pois é a empresa que vai dar ao aluno a oportunidade de inserção na realidade do mundo do trabalho.

#### 5.1.4 Contribuições dos professores orientadores do ESSE

Nesta terceira fase, os dois professores orientadores de Estágio Supervisionado, denominados agora de sujeito D (1 e 2), responderam a cinco

questões formuladas para o ESSE. Um dos sujeitos não respondeu a esta fase por ter contribuído nas questões dos sujeitos do grupo C.

## **Benefícios do ESSE**

Na proposição da questão: **Do seu ponto de vista, qual o benefício que o Estágio Supervisionado traz à formação profissional do Secretário Executivo?**

Estes foram os depoimentos:

“Motiva o aluno à aprendizagem, uma vez que ele vê aplicação prática do seu aprendizado; diminui as dificuldades e inseguranças existentes, ou melhor, encontradas no primeiro emprego; incentiva a observação, comunicação concisa de idéias e experiências adquiridas, principalmente na elaboração do Projeto e Relatório; permite conhecer cultura/valores/missão das organizações, bem como o funcionamento das mesmas”. (Sujeito 1D)

“O Estágio Supervisionado traz o benefício de oferecer ao aluno um momento de prática, mas não uma prática ‘solta’, e sim sob supervisão e orientação da Universidade, garantindo assim uma relação da teoria com a prática”. (Sujeito 2D)

Pelas respostas dos sujeitos D, fica claro que o maior benefício que o ESSE traz à formação profissional é oferecer ao aluno um momento de prática amparado pela orientação e supervisão, tanto da Universidade como da Empresa. Também, destaca-se que o ESSE motiva o aluno à aprendizagem, à busca do conhecimento para a elaboração do projeto final de Curso.

## **Sugestões de aperfeiçoamento do ESSE**

Na proposição da questão: **Na forma atual que se encontra o Estágio Supervisionado, na sua opinião, o que poderia ser aperfeiçoado? Etapas/Ficha de avaliação/Encaminhamento para local de estágio/ Acompanhamento do**

## **estagiário/Propósitos/Confecção do relatório final/Manual de estágio/Outros.**

Os depoimentos foram:

“Etapas: mais ênfase nos Programas Estágio I (pesquisa), Estágio II (projeto), pois eles são a base e a estrutura de uma vida profissional de sucesso; ficha de avaliação: acrescentar mais valores subjetivos como capacidade para solução de problemas, comportamento pró-ativo, ética e outros; encaminhamento para o local de estágio: deve ser feito através de ofício PUCPR para o local escolhido pelo aluno ou pela Instituição; acompanhamento do estagiário: o orientador de estágio supervisionado deve manter contato com o supervisor da empresa, objetivando manter o vínculo Instituição/mercado e oferecer as orientações que se fizerem necessárias; confecção do relatório final: deveria ser exigido mais nos capítulos que necessitam da produção do aluno, como introdução, atividades desenvolvidas, projeto de melhoria e auto-avaliação; manual de estágio: deveria ser revisto todos os anos e alterado conforme as mudanças sentidas no mundo do trabalho e normas da ABNT”. (Sujeito 1D)

“Etapas: acredito que a primeira etapa poderia resumir-se à elaboração de um pré-projeto/projeto de pesquisa, e com isso garantir uma melhor compreensão dessa fase tão importante; manual de estágio: deve ser adaptado e melhor explicado em alguns pontos”. (Sujeito 2D)

Dentre as relevantes sugestões de aperfeiçoamento do ESSE apresentadas pelo sujeito 1D, percebe-se novamente que o orientador de estágio deve manter contato constante com a empresa concedente do estágio. Este vínculo enriquece ambas as partes. Também, destaca-se que deve ser dada maior ênfase na redação do relatório final, nos itens em que o aluno terá que produzir seu próprio texto.

### **Necessidade de mudança no ESSE**

Na terceira questão: **Você vê necessidade de alterar aspectos do Estágio Supervisionado?** Todas responderam que sim.

Dando continuidade a questão anterior, propôs-se: **Em caso positivo, que aspectos do Estágio Supervisionado devem ser alterados para aperfeiçoá-lo?**

Observando-se que existe a necessidade de alterar aspectos do ESSE e que os sujeitos estão de acordo com esta proposição, colheram-se os seguintes depoimentos:

“Pesquisa da profissão e artigo técnico, além da exigência em: redação, análise crítica, ordenação de idéias, levaria o aluno a buscar novos caminhos para a solução de problemas na área secretarial; projetos: maior preparo para a vida profissional”. (Sujeito 1D)

“Referente à primeira etapa, como já mencionei anteriormente e, quem sabe, a segunda etapa ser a pesquisa da profissão segundo o projeto elaborado na primeira etapa”. (Sujeito 2D)

Segundo as respostas dos Sujeitos, deve-se desenvolver mais o trabalho por projetos, que levam o aluno a buscar alternativas para solução de problemas na gestão secretarial. A elaboração desses projetos propicia um maior preparo para a vida profissional.

### **Pontos fortes do ESSE**

**Os professores, ao serem solicitados para apontar os pontos fortes do Estágio Supervisionado, deram os seguintes depoimentos:**

“Aproxima o aluno da realidade do mundo do trabalho, coloca-o em posição de avaliação dos seus conhecimentos teóricos e comportamentais. Faz com que o acadêmico verifique quais os seus pontos fortes e fracos antes de entrar para o mercado de trabalho e busque os conhecimentos que lhe faltam”. (Sujeito 1D)

“Relação teoria-prática; preparação para a vida profissional”. (Sujeito 2D)

Desta última indagação feita aos sujeitos D, conclui-se que a aproximação com a realidade do mundo do trabalho é um dos pontos fortes do ESSE. Destaca-se, também, que o estágio supervisionado é um momento propício para que o aluno

perceba seus pontos positivos e negativos com relação à profissão. Com isso, o estagiário tem a oportunidade de buscar mais conhecimento para melhorar seu desempenho no trabalho.

#### 5.1.5 Contribuição da Presidente do Sindicato dos Secretários do Estado do Paraná

Nesta fase, foram coletados os depoimentos da Presidente do Sindicato dos Secretários do Estado do Paraná, órgão representante de classe dos profissionais de Secretariado. Respondeu a seis questões sobre o ESSE e será denominada de sujeito E.

**Ao se propor o questionamento:** Na sua concepção: como vê o Estágio Supervisionado nos Curso de Graduação de Secretariado Executivo? **Obteve-se a seguinte resposta:**

“O Estágio Supervisionado é necessário para complementar o ensino aprendizagem. O aluno vivenciará o que aprende em sala de aula e buscará alternativas para enriquecer o seu trabalho”.

**Na questão proposta:** Qual a finalidade e objetivos do Estágio Supervisionado? **Colheu-se o depoimento:**

“Além do cumprimento da carga horária curricular, o Estágio Supervisionado deverá viabilizar o intercâmbio: universidade/aluno/empresa”.

“Ampla satisfação das partes envolvidas, principalmente a valorização do aluno, pessoal e profissionalmente”.

Observa-se pelas contribuições, que o Estágio Supervisionado é um importante momento acadêmico que complementa a aprendizagem. E, mais uma

vez, percebe-se que é unânime a opinião que o estágio deve viabilizar a aproximação Universidade/Aluno/Empresa.

O estágio, por sua vez, tem o papel de valorizar o aluno nos aspectos pessoais e profissionais, de acordo com a opinião do sujeito D.

**Na proposição da questão:** Quais as habilidades e competências que o Estágio Supervisionado deveria propor?

Dentre as habilidade e competências que o ESSE deveria propor para o crescimento do aluno, observam-se algumas importantes opiniões do sujeito E:

“O Estágio Supervisionado deveria propor que a supervisão na empresa se efetivasse a contento, com carga horária remunerada para o professor desenvolver esta atividade. Que os empregadores que contratam estagiários possam antes participar de uma breve apresentação sobre o papel do estagiário na empresa, para que o estagiário possa desenvolver a contento as suas atribuições e não apenas ser um mero executor de tarefas, mas propor mudanças, ter um diálogo sobre a sua atuação. Selecionar bem as empresas para que o estagiário possa desenvolver as suas atribuições com eficácia, ampliando os conhecimentos adquiridos em sala de aula. O estagiário deve adquirir confiança e segurança, controle emocional, saber administrar o tempo e os processos. Atendimento com qualidade aos clientes internos e externos. Assumir responsabilidades e atuar com dinamismo e ética profissional”.

Observa-se, novamente, a importância do contato Universidade/Empresa, pois somente com esta aproximação os concedentes de estágio poderão perceber o papel do aluno na empresa e que contribuições pode trazer com o desenvolvimento de seu trabalho de estágio. Este intercâmbio propicia ao aluno segurança, e confiança, pois percebe que Universidade/Empresa estão envolvidas neste processo de aprendizagem.

**À proposição:** Qual o papel do Estágio Supervisionado no aperfeiçoamento profissional? **Obteve-se a seguinte resposta:**

“Além da possibilidade do aluno colocar em prática os conhecimentos adquiridos, o estágio supervisionado deverá preparar o futuro profissional a enfrentar com segurança o complexo mercado de trabalho”.

Com a resposta do sujeito E à questão sobre o papel do ESSE no aperfeiçoamento profissional, observa-se que o estágio deve possibilitar ao aluno a prática dos conhecimentos adquiridos no Curso. Observa-se, também, que o estágio deve preparar o aluno para seu futuro profissional com habilidades e competências para enfrentar o complexo mundo do trabalho.

No questionamento: **Que atividades relevantes poderiam ser desenvolvidas no Estágio Supervisionado que viriam a contribuir na formação profissional do Secretário Executivo?**

O depoimento foi o seguinte:

- “assessoria ao profissional de Secretariado Executivo ou ao gerente;
- organização e administração dos serviços de escritório;
- organização de eventos;
- assessoramento a projetos ou pesquisas”.

No sexto e último questionamento: **Outros fatores de relevância que possam ser apontados para a melhoria da formação profissional do Secretário Executivo?** Colheram-se as seguintes opiniões:

- “planejamento das rotinas diárias, administração do tempo;
- participação em reuniões e elaboração e encaminhamento de documentos;
- organização de arquivos e gerenciamento eletrônico de documentos;
- participação nos projetos de responsabilidade social da empresa;
- atuação em voluntariado”.

Quanto às últimas duas questões referentes a atividades relevantes que poderiam ser desenvolvidas no estágio supervisionado para contribuir na formação do Secretário Executivo, constata-se pelos depoimentos que se deve

dar ênfase à gestão secretarial na forma de assessoria competente na administração dos serviços inerentes a este profissional. Deve-se também valorizar o acompanhamento dos projetos e pesquisas realizadas na empresa.

As considerações dos sujeitos nesta pesquisa sobre o Estágio Supervisionado do Curso de Secretariado Executivo contribuem para o processo de melhoria do estágio, que deve ser considerado como importante instrumento na formação profissional. O estágio, se bem articulado, poderá auxiliar o aluno a compreender e enfrentar o mundo do trabalho e contribuir para a formação de sua consciência social, unindo a teoria à prática.

Nas considerações finais, que serão expostas a seguir, sobre os resultados desta pesquisa, pretende-se delinear uma proposta que contenha pontos norteadores para o Estágio Supervisionado dos alunos do novo currículo pleno do Curso de Secretariado Executivo que teve início no ano de 2003, com grade curricular renovada e diminuída em um semestre, isto é, o Curso passa a ser ofertado em sete semestres, com carga horária de 2.988 horas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como foco analisar a importância do Estágio Supervisionado como eixo articulador do Curso de Secretariado Executivo da PUCPR. Esse processo permitiu investigar e construir uma proposta que envolvesse os professores como mediadores no Estágio Supervisionado do Curso que viesse atender às exigências da formação do profissional num paradigma emergente.

O profissional de Secretariado Executivo de nível superior precisa estar preparado para enfrentar o mundo do trabalho cada vez mais competitivo e exigente, como também, preparado para enfrentar os desafios de uma nova sociedade que apresenta novas modalidades de emprego e novas configurações de trabalho. Os quatro anos de graduação devem servir para, além da aquisição dos conhecimentos necessários à formação desse profissional, desenvolver atitudes maduras e buscar alicerçar uma postura profissional diferenciada. Nesse processo, deve procurar desenvolver a capacidade empreendedora necessária a todos os profissionais neste início do Século XXI.

A formação acadêmica deve proporcionar ao estudante deste Curso momentos de reflexão sobre a missão e a importância do Secretário Executivo no mundo do trabalho e, por sua vez, o estudante tem por responsabilidade se envolver com os assuntos correlatos à profissão e ter a consciência de que somente será reconhecido como um profissional diferenciado quando souber qual o seu papel no meio empresarial e na sociedade em geral.

O profissional de Secretariado Executivo de nível superior deve buscar e mostrar seu diferencial no mundo do trabalho. Portanto, a dedicação ao estudo é

imprescindível. A busca pelo conhecimento, a postura profissional impecável, a cultura geral, o equilíbrio emocional, são habilidades fundamentais a serem desenvolvidas.

A educação continuada deve ser privilegiada também pelo Secretário Executivo. A constante atualização, a pesquisa, a troca de informações, ampliarão os horizontes deste profissional.

Para que o Estágio Supervisionado possa assumir o seu caráter investigatório e científico, deve envolver atividades curriculares que possam servir de estímulo para a articulação da teoria e a prática, especialmente, pelo processo da pesquisa. Dessa forma, se requer um professor orientador que tenha profundo conhecimento da área, em seus aspectos teóricos e práticos.

Pelo resultado da pesquisa realizada, um dos pontos a ser considerado foi em relação à prática pedagógica do professor orientador. Espera-se que este professor trabalhe com metodologias que incentivem o aluno à participação intensiva nas atividades propostas, que promova a interação entre eles, e que ofereça processos de pesquisa e debate, que propicie o diálogo, ou seja, que permita a atuação como mediador entre o aluno e sua aprendizagem.

O professor orientador, ao acompanhar a realização dos trabalhos de estágio, se coloca na posição delicada de apontar caminhos e orientar a formação profissional, tanto na dimensão humana como na dimensão técnica. Com isso, a experiência entre o professor orientador e o aluno, nos trabalhos de estágio, impõe novos procedimentos que envolve o diálogo, pois sempre é possível o conflito e o questionamento dos orientandos e do orientador.

Assim, o professor orientador atuando como mediador, deve favorecer situações de aprendizagem que envolvam a discussão crítica e o diálogo, focando a

motivação do aluno no desenvolvimento das habilidades próprias do Secretário Executivo e, também, incentivando o desenvolvimento de atitudes e de valores como a ética, o respeito pela opinião dos outros, a abertura ao novo e ao pensamento crítico. Estes são pontos importantes a serem trabalhados no Estágio Supervisionado, pois o professor tem a oportunidade de estar mais próximo do aluno nos momentos de orientação individual, momentos estes que permitem o diálogo e que talvez possam ser bem sucedidos pelo convívio nos semestres em que são desenvolvidas as etapas do ESSE.

O professor orientador deve ter a consciência de que o estágio permite confrontar a formação do aluno com o exercício da profissão na qual irá atuar, possibilitando assim analisar de forma significativa se o trabalho da universidade promove realmente o desenvolvimento de profissionais capazes de atuar social e intelectualmente na futura realidade profissional.

Portanto, o professor orientador de Estágio Supervisionado deve também contemplar em sua prática pedagógica as novas abordagens da educação, denominadas de paradigmas emergentes, que são: a visão sistêmica ou holística, o paradigma progressista e o ensino com pesquisa (BEHRENS, 2000). Estas abordagens subsidiam a prática pedagógica do professor que venha atender aos desafios do pensamento do mundo contemporâneo, à sociedade do conhecimento e da informação, ou seja, ensinar para a complexidade. Neste contexto, a complexidade ou a superação da fragmentação, pode contribuir na formação dos futuros profissionais de Secretariado Executivo. O ESSE precisa possibilitar o desenvolvimento de habilidades e valores cuja finalidade consiste em saber como resolver os problemas a partir da realidade que se apresenta. Seja no âmbito social,

interpessoal ou profissional, as competências que se pretende desenvolver na pessoa abrangem o conhecimento e a atuação na complexidade.

Para uma atuação efetiva, como teoria e como prática pedagógica, o professor orientador deve participar do Estágio Supervisionado de forma que privilegie atividades que integrem os alunos e que os faça conhecer melhor a profissão que estão escolhendo.

O Estágio Supervisionado do Curso de Secretariado Executivo da PUCPR que venha ao encontro do Projeto Político Pedagógico e do Plano Estratégico 1998-2010 da Universidade deve privilegiar atividades integradoras entre Universidade e campo profissional. A partir da investigação teórico-prática e das contribuições dos sujeitos envolvidos na pesquisa, foi possível apresentar alguns pontos norteadores que deve fazer parte do ESSE. A nova proposta, apresentada em cinco etapas inter-relacionadas podem ficar assim delineadas:

<b>Etapas</b>	<b>Procedimentos</b>
<p><b>5.º Período</b></p> <p><b>Etapa I</b> <b>Investigativa</b> (aproximação da realidade profissional)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Considerações gerais sobre o Estágio Supervisionado.</li> <li>- Pesquisa sobre a profissão.</li> <li>- Visitas técnicas.</li> <li>- Seminários avançados.</li> </ul>
<p><b>6.º Período</b></p> <p><b>Etapa II</b> <b>Projetiva</b> (elaboração do projeto a partir dos dados da realidade)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Elaboração de Pré-Projeto de Estágio Supervisionado.</li> <li>- Definição do campo de Estágio Supervisionado.</li> </ul>
<p><b>6.º Período</b></p> <p><b>Etapa III</b> Intervenção na ação profissional  (vivência profissional)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolvimento do Estágio Supervisionado.</li> <li>- Elaboração de Projeto de Estágio Supervisionado, a partir da problematização levantada na empresa.</li> <li>- Seminários avançados.</li> </ul>
<p><b>7.º Período</b></p> <p><b>Etapa IV</b> <b>Construtiva</b> (elaboração do relatório a partir da análise crítica da atuação no estágio)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Elaboração do relatório final de Estágio Supervisionado.</li> <li>- Apresentação e defesa do relatório de Estágio Supervisionado.</li> </ul>
<p><b>7.º período</b></p> <p><b>Etapa V</b> <b>Avaliação do processo</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Contribuição individual e coletiva sobre o processo do ESSE.</li> </ul>

### Descrição das etapas e procedimentos:

Na *primeira etapa*, denominada Investigativa, as atividades serão desenvolvidas no decorrer do 5.º período do Curso, sendo iniciadas com a pesquisa sobre a profissão. Após a definição do tema pelo estagiário, serão determinados os objetivos, a metodologia, a revisão da literatura, a análise e a interpretação dos dados para a elaboração do texto. A pesquisa será bibliográfica e de campo, por este motivo a necessidade de incluir visitas técnicas junto a profissionais que atuam na empresa para o desenvolvimento da pesquisa. Será parte integrante dos apêndices do relatório a ser apresentado no 7.º período. O texto deverá estar redigido em português, incluindo o resumo da pesquisa nas línguas inglesa e espanhola. Esta atividade será desenvolvida individualmente e será discutida nos Seminários Avançados.

Os momentos de encontros com todo o grupo de alunos e professores orientadores para troca de experiências, discussões coletivas sobre o desenvolvimento da pesquisa é uma atividade que deve ser contemplada em forma de Seminário Avançado. O relato das experiências entre alunos que estão em fase de estágio pode ser uma rica troca de informações, bem como atuar no ambiente de trabalho e reconhecer, de forma empreendedora, as inúmeras atividades que são desenvolvidas na profissão de Secretariado Executivo.

A *segunda etapa*, denominada Projetiva, realizada no 6.º período, é a fase de elaboração do pré-projeto de estágio sob a supervisão do professor orientador. O pré-projeto faz parte do planejamento e da realização do Estágio Supervisionado. Nele, deverão ficar evidenciados os objetivos a serem alcançados, a área de atuação e a descrição das atividades a serem desenvolvidas.

Estando concluído o pré-projeto de estágio, o aluno será encaminhado para o campo de estágio para atuar em atividades relacionadas à profissão, sob supervisão de profissionais da Empresa e da Universidade.

Esta *terceira etapa*, denominada Vivência Profissional, tem a finalidade de orientar, acompanhar e avaliar o estagiário no desenvolvimento e execução do projeto de estágio, que será realizado ainda no 6.º período do Curso. É nesta fase que o acadêmico deverá coletar os dados a serem utilizados na elaboração de seu relatório final.

Cabe ressaltar que, em função da pesquisa, julga-se necessária a ampliação da carga horária do Estágio Supervisionado de campo.

A experiência vivenciada no Estágio Supervisionado de campo será relatada e discutida nos Seminários Avançados com a presença de profissionais da área de Secretariado. Preferencialmente, serão convidados os Secretários Executivos que receberam o aluno na empresa. A troca de experiências com profissionais atuantes também é uma rica atividade que pode ser desenvolvida por meio de seminários em que alunos e professores orientadores poderiam organizar, de forma a criar um cenário de discussão e levantamento de questões voltadas à profissão, às relações com o mercado de trabalho, bem como, com todas as questões citadas nos relatos dos sujeitos desta pesquisa.

A *quarta etapa*, denominada de Construtiva, consiste na elaboração, apresentação e defesa do relatório final no 7.º período do Curso. No relatório, o estagiário deverá apresentar os resultados obtidos de acordo com o projeto de Estágio. É uma maneira de avaliar seu desempenho dentro da empresa, salientando as facilidades, dificuldades, pontos positivos e negativos de seu estágio e de propor sugestões concretas para a melhoria de processos organizacionais da empresa.

A elaboração do relatório objetiva acompanhar o aluno no estágio, como também iniciá-lo na produção de relatórios específicos relacionados com as atividades profissionais futuras e, ainda, fornecer aos orientadores os dados para avaliação.

A *quinta etapa*, denominada Avaliação do Processo, no 7.º período, consiste de um momento para as contribuições individuais e coletivas sobre o processo do Estágio Supervisionado de Secretariado Executivo. Nesta fase será possível a discussão, crítica e reflexiva, bem como o levantamento dos pontos relevantes na vivência do estágio e as dificuldades a serem transpostas por parte dos professores orientadores. Da mesma forma, os alunos farão a sua auto-avaliação sobre todas as etapas do ESSE.

Essas contribuições serão de grande valor para a reorganização da proposta de plano de ação que norteia o Estágio Supervisionado. A partir desse levantamento o Manual de Estágio Supervisionado deverá ser atualizado anualmente, pois deve ser submetido a exame e aperfeiçoamento progressivo. Pode ser disponibilizado aos alunos em sala virtual criada no ambiente Eureka, especificamente, para as atividades de Estágio.

O ambiente Eureka da PUCPR, pode ser uma forma de comunicação entre alunos e orientadores de Estágio Supervisionado, onde os tutores terão acesso a todas as contribuições e dificuldades dos alunos com suas dúvidas, tanto com relação aos critérios estabelecidos no Manual, como com relação aos trabalhos a serem desenvolvidos no Estágio, criando-se, assim, um fórum de discussão permanente nos três semestres envolvidos diretamente no ESSE.

Esta proposta, com pontos norteadores para o Estágio Supervisionado, é uma forma de avançar na construção do Curso de Secretariado Executivo da PUCPR a

partir das contribuições dos sujeitos desta pesquisa e do meu interesse como professora do Curso e como profissional da área.

## REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, I. (Org.) *Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão*. Porto: Porto, 1996.
- ALCÂNTARA, P.; BEHRENS, M. *Pacto: aprendizagem colaborativa com tecnologia interativa*. Curitiba: PUCPR: CD-ROM, 2001.
- BEHRENS, M. *Formação continuada dos professores e a prática pedagógica*. Curitiba: Champagnat, 1996.
- \_\_\_\_\_. *O estágio supervisionado de prática de ensino: uma proposta coletiva de reconstrução*. Dissertação de Mestrado, PUCSP, 1991.
- \_\_\_\_\_. *O paradigma emergente e a prática pedagógica*. 2. ed. Curitiba: Champagnat, 2000.
- BIANCHI, A. C. M. de et al. *Manual de orientação: estágio supervisionado*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.
- BRASIL. Lei n. 6494/77 in Documenta n. 206, Ministério da Educação e Cultura. Conselho Federal de Educação, Brasília, p. 394.
- BURIOLLA, M. A. F. *O estágio supervisionado*. 2. ed. São Paulo. Cortez, 1999.
- CANDIOTTO, C. Algumas aproximações entre ética e ensino superior. *Revista Diálogo Educacional*, v. 2, n. 4, p. 61-65, jul./dez., 2001.
- CARDOSO, C.M. *A canção da inteireza: uma visão holística da educação*. São Paulo: Summus, 1995.
- CENTRO DE INTEGRAÇÃO EMPRESA ESCOLA. *Integração empresa-escola*. Curitiba, 1997.
- CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO. Parecer 842/84 in Documenta n. 288, Minas Gerais, p. 208, 1984.
- CONSELHO NACIONAL DA EDUCAÇÃO. *Diretrizes curriculares nacionais*. Parecer n. 0146, 2002.
- COURÁ, D. P. *O estágio no Curso de Administração de Empresas da PUCPR e a busca de articulação entre educação e trabalho*. Dissertação. PUCPR, Curitiba, 2000.
- DECLARAÇÃO MUNDIAL SOBRE EDUCAÇÃO SUPERIOR; Declaração mundial sobre educação superior no século XXI: visão e ação; Marco referencial de ação prioritária para a mudança e o desenvolvimento da educação superior. Piracicaba: UNIMEP, 1998.
- DELORS, J. *Educação: um tesouro a descobrir*. 6. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2001.
- DEMO, P. *Educar pela pesquisa*. Campinas: Autores Associados, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Professor universitário do século XXI*. Palestra proferida no Projeto Identidade da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Brusque, SC, 2003. Mimeografado.
- ENCONTRO ESTADUAL DE ESTÁGIO, 2, 1993, Curitiba. Anais... Curitiba: UFPR, 1993.

- FAZENDA, I. C. A. et al; PICONEZ, S. C. B. (Coord.). *A prática de ensino e o estágio supervisionado*. Campinas: Papyrus, 1991.
- FERREIRA, C. E. M. *INTERAÇÃO*. Informativo do Instituto Euvaldo Lodi, Brasília, abril de 2001.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*. Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- GISI, M. L. et al. Organização e Planejamento de Estágios. *Revista Diálogo Educacional*. Curitiba, v. 1, n. 2, p. 51-71, jul./dez. 2000.
- GLOBAL ALLIANCE FOR TRANSFORMING EDUCATION, GATE. *Educação 2000: uma perspectiva holística*, 1991.
- JULIATTO, C. I. *Ambientes, agentes e formas educativas*. Palestra proferida no Seminário sobre Educação da Associação Nacional de Mantenedoras de Escolas Católicas do Brasil – ANAMEC, Brasília, 1996. Mimeografado.
- \_\_\_\_\_. *Educação na PUCPR a serviço da vida e do futuro*. Curitiba, 1998. Mimeografado.
- LEVY, P. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: 34, 1995.
- LIBÂNEO, J. C. *Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente*. São Paulo: Cortez, 1998.
- LIBÂNIO, J. B. *A arte de formar-se*. São Paulo: Loyola, 2001.
- LÜCK, H. A construção do conhecimento no trabalho: uma condição para o desenvolvimento da qualidade organizacional e profissional. *Revista da Faculdade Católica de Administração e Economia*, Curitiba, v. 5, n. 1, jan./abr. 2002.
- MIZUKAMI, M. G. N. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1986.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisa, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- MASETTO, M. T. (org.) *Docência na universidade*. Campinas: Papyrus, 1998.
- MORAES, M. C. *O paradigma educacional emergente*. Campinas: Papyrus, 1997.
- MORAN, J. M.; MASETTO, M.T.; BEHRENS, M.A. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas: Papyrus, 2000.
- MORAN, J. M. Mudar a forma de ensinar e de aprender. *Educação em debate*. Curitiba, vol. 4, p. 9-22, jun. 1999.
- MORIN, E. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.
- \_\_\_\_\_. Os novos pensadores da educação. *Nova Escola*. São Paulo, n. 154, v. 17, p. 19-25, ago. 2002. Entrevista.
- \_\_\_\_\_. *Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios*. In: ALMEIDA, M. C.; CARVALHO, E. A. (org.) São Paulo: Cortez: 2002.

\_\_\_\_\_. Por uma reforma do pensamento. In: PENNA, A. V.; NASCIMENTO, E. P. O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade. Rio de Janeiro: Gramond, 1999.

NISKIER, A. *Filosofia da educação: uma visão crítica*. São Paulo: Loyola, 2001.

PEREIRA, H. J. P. *O estágio supervisionado como meio de integração entre o 2.º e o 3.º grau na Universidade Federal do Paraná*. Dissertação. PUCPR, 1997.

PERROTTI, E.M.B; VIGNERON, J GUIMARÃES, L. S. R. (Org.) *Novas tecnologias no contexto educacional: reflexões e relato de experiências*. São Bernardo do Campo: UMESP, 2003.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. das G. C. *Docência no ensino superior*. São Paulo: Cortez, 2002.

PIMENTA, S. G. *O estágio supervisionado na formação de professores: unidades teoria e prática?* 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ. *Diretrizes para o ensino de graduação: projeto pedagógico*. Curitiba: Champagnat, 2000.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ. *Manual de Estágio Supervisionado Curso de Secretariado Executivo*. Curitiba: Champagnat, 2002.

RABELLO, O. In: *ESCOLA-EMPRESA: a qualificação pelo estágio*. Ministério da Educação e Cultura. Brasília, 1979.

RIANI, D. C. *Formação do professor: a contribuição dos estágios supervisionados*. São Paulo: Lúmen, 1996.

SAVI, H. In: *ESCOLA-EMPRESA: a qualificação pelo estágio*. Ministério da Educação e Cultura. Brasília, 1979.

SCHWARTZ, M. A. M. A contribuição do estágio supervisionado no desenvolvimento de aptidões e formação de competências. *Revista Diálogo Educacional*. Curitiba, v. 2, n. 4, p. 105-111, jul./dez., 2001.

SROUR, R. H. *Poder, cultura e ética nas organizações*. 8. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

TELLES, J. E. Q. In: ENCONTRO REGIONAL DE COORDENADORES DE ESTÁGIOS, 1,1996, Curitiba. Anais...Curitiba: UFPR, 1996.

ZABALA, A. *Enfoque globalizador e pensamento complexo: uma proposta para o currículo escolar*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ZAINKO, M. A. S. Apontamentos 1, Linha de Pesquisa: Administração da educação superior. Curitiba: Champagnat, 1999.

## **APÊNDICE – QUESTIONÁRIOS**

## QUESTIONÁRIO PARA EX-ALUNOS DO CURSO DE SECRETARIADO EXECUTIVO DA PUCPR

1. Quais os benefícios que a realização do Estágio Supervisionado trouxeram para sua formação profissional?

2. Quais foram as suas dificuldades pessoais encontradas no decorrer do Estágio?

3. Aponte as falhas no processo proposto nas etapas desenvolvidas no Estágio e, na sua opinião, como poderiam ser superadas.

4. Comente sobre a ficha de avaliação do relatório final de Estágio Supervisionado e apresente sugestões:

- ( ) perfeitamente adequada
- ( ) razoavelmente adequada
- ( ) inadequada

5. Como o Estágio Supervisionado poderia ser aperfeiçoado para melhorar a formação do Secretário Executivo?

## **QUESTIONÁRIO PARA ALUNOS DO CURSO DE SECRETARIADO EXECUTIVO DA PUCPR**

1. Quais os benefícios que a realização do Estágio Supervisionado vem oferecendo para sua formação profissional?
  
2. Quanto à explicitação do que se devia desenvolver no Estágio, você considera que:
  - ( ) foi claramente explicitado
  - ( ) foi razoavelmente explicitado
  - ( ) foi insatisfatoriamente explicitado
  - ( ) não foi explicitado
  
3. Na sua opinião, quais as competências e habilidades básicas deveriam ser desenvolvidas durante o Estágio Supervisionado de Secretariado Executivo?
  
4. O que você mudaria na proposição do Estágio Supervisionado?



**QUESTIONÁRIO PARA EX-DIRETORES DO CURSO DE SECRETARIADO EXECUTIVO DA PUCPR**

1. Do seu ponto de vista, qual o benefício que o Estágio Supervisionado traz à formação profissional do Secretário Executivo?

2. Que atividades relevantes poderiam ser desenvolvidas no Estágio Supervisionado que viriam a contribuir na formação profissional do Secretário Executivo?

## QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES ORIENTADORES DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO CURSO DE SECRETARIADO EXECUTIVO DA PUCPR

1. Do seu ponto de vista, qual o benefício que o Estágio Supervisionado traz à formação profissional do Secretário Executivo?

2. Na forma atual que se encontra o Estágio Supervisionado, na sua opinião, o que poderia ser aperfeiçoado?

Etapas:

Fichas de avaliação:

Encaminhamento para o local de estágio:

Acompanhamento do estagiário:

Propósitos:

Confecção do Relatório Final:

Manual de estágio:

Outros:

3. Você vê necessidade de alterar aspectos do Estágio Supervisionado?

( ) sim

( ) não

4. Em caso positivo, que aspectos do Estágio Supervisionado devem ser alterados para aperfeiçoá-lo?

5. Aponte os pontos fortes do Estágio Supervisionado.

## **QUESTIONÁRIO PARA A PRESIDENTE DO SINDICATO DOS SECRETÁRIOS DO ESTADO DO PARANÁ**

Na sua concepção:

1. Como vê o Estágio Supervisionado nos Curso de Graduação de Secretariado Executivo?
2. Qual a finalidade e objetivos do Estágio Supervisionado?
3. Quais as habilidades e competências que o Estágio Supervisionado deveria propor?
4. Qual o papel do Estágio Supervisionado no aperfeiçoamento profissional?
5. Que atividades relevantes poderiam ser desenvolvidas no Estágio Supervisionado que viriam a contribuir na formação profissional do Secretário Executivo?
6. Outros fatores de relevância que possam ser apontados para a melhoria da formação profissional do Secretário Executivo.